



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga**

A temática do rosto na pedagogia das artes visuais

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em **Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Maria Alexandra da Costa Cunha



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

A temática do rosto na pedagogia das artes visuais

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Local de Estágio: Agrupamento de Escolas
de Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante.

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico
e no Ensino Secundário**

Maria Alexandra da Costa Cunha

Sob a Orientação de Prof. Doutor **Carlos António
Saraiva Bizarro Morais**



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014

Dedico este trabalho ao meu pai que nunca deixou que me faltasse nada, deu-me uma educação em valores. Partiu, mas estará sempre presente na minha vida e no meu coração enquanto eu viver.

Agradecimentos

As adversidades da vida pelas quais passei nestes últimos anos fizeram-me perceber que enquanto tivermos força de vontade e determinação é possível alcançar os objetivos que delineamos. No entanto, tenho de admitir que não é fácil, e que só com o apoio e carinho das pessoas que nos ajudam, podemos de facto avançar.

A primeira pessoa a quem tenho de agradecer é à minha mãe, pelo amparo, paciência e amor incondicional que tem demonstrado ao longo de toda a minha vida.

À minha família, um sincero agradecimento por sempre me apoiarem em todas as minhas decisões e que, apesar das dificuldades passadas, me incentivaram o melhor possível.

Ao Professor Doutor Carlos Morais, orientador deste trabalho, um agradecimento sentido pelo apoio e paciência prestado durante todo o desenvolvimento do mesmo.

Ao professor cooperante, António Abreu e professora Cristina Baldaia por todo o auxílio, estímulo, cooperação, amizade durante o estágio no Agrupamento de Escolas de Amadeo de Souza-Cardoso.

À minha colega de estágio Cândida Pinto, pela amizade e companheirismo que sempre demonstrou em toda a prática pedagógica supervisionada.

Aos amigos, pelo estímulo e apoio prestado ao longo da realização de todo o processo académico.

Resumo

Este trabalho finaliza o percurso realizado ao longo do Mestrado em Ensino em Artes Visuais e incide na problemática do rosto humano. O rosto é uma das temáticas tratadas na disciplina de Educação Visual enquanto conteúdo programático. É um tema sensível, até porque tem sido banalizado na sociedade atual, centrado na aparência e na superficialidade. A manipulação exercida pelos meios de comunicação social conduziu a uma cultura na qual só a beleza exterior é valorizada em benefício de interesses económicos. Ora, sem nos desvincularmos dos objetivos do programa escolar a lecionar, pretendemos levar os discentes a compreender o verdadeiro significado do rosto e conduzi-los a uma dimensão ética numa valorização e humanização desse objeto de estudo. Através de textos adequados, meios audiovisuais, como filmes, apresentações e imagens, trabalhos práticos e debates/diálogo, atravessamos com eles esta ponte que os distancia da vertente humanista.

Foi feito um trabalho pedagógico com os alunos, de forma a sensibilizá-los para esta problemática. Julgamos que conseguiram alcançar e perceber o verdadeiro significado do rosto, passando a valorizá-lo mais numa relação de respeito e humanismo, fomentando o que está para além da beleza exterior, numa profundidade do ser. Verificamos, também, que este aprofundamento do significado do rosto teve repercussões positivas no rendimento escolar dos nossos alunos, nomeadamente ao nível da representação visual.

Palavras-chave: Rosto Humano, Artes Visuais, Desenho, Retrato, Autorretrato.

Abstract

This work concludes the way fulfilled along the master's degree in education in Visual Arts and focuses on the problems of the human face. The face is one of the themes treated in the discipline of Visual Education while a programmatic content. It's a sensitive topic, because it has been trivialized in the current society, centered on appearance and superficiality. The manipulation exerted by the media has led to a culture in which only the outer beauty is valued in benefit of economic interests. Well, we should not release from the objectives of the program and we intend to take the students to understand the true meaning of face and lead them to an ethical dimension in a recovery and humanization of this object of study. Through audiovisual media such as movies, presentations and pictures, practical work and discussions/dialogue, we crossed with the students the bridge that distances them from the humanist slope.

It was made a pedagogical work with students, in order to make them aware to this issue. We believe that they have achieved and realized the true meaning of the face, valuing it more in a relation of respect and humanism, fostering what is beyond the outer beauty, at a depth of the human being. We also verify that this deepening of the meaning of the face had positive repercussions in the school profit of our pupils, particularly at the level of the visual representation.

Keywords: Human Face, Visual Arts, Drawing, Portrait, Self-portrait.

Índice

Introdução.....	11
PRIMEIRA PARTE: INVESTIGAÇÃO TEÓRICA DO TEMA.....	14
1. Identificação do tema e sua contextualização	15
2. O desenho.....	19
2.1. Os fatores da educação	19
2.2. O desenho na formação do ser humano.....	21
2.2.1. Importância e papel do desenho	21
2.2.2. “Não ter jeito para o desenho”: contrariar uma ideia feita.....	22
2.2.3. Desenhar, ver e observar	24
2.3. O desenho da cabeça humana.....	27
3. O rosto humano	34
3.1. Um pórtico para o mundo interior	34
3.2. Os elementos expressivos do rosto.....	39
3.3. O rosto como ícone do imaginário e da arte.....	41
4. Retrato e autorretrato: a busca da identidade	45
4.1. Aspectos históricos.....	45
4.2. Aspectos sociológicos e culturais.....	47
4.3. Aspectos éticos e antropológicos	50
4.4. O jogo entre manifestação e ocultação do eu	52
Excursão: conclusão da Primeira Parte.....	57
SEGUNDA PARTE: APLICAÇÃO DO TEMA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	58
5. Contexto da turma de estágio.....	59
5.1. A Escola e o seu contexto.....	59
5.2. O núcleo de estágio.....	62
5.3. Caracterização da turma	64
6. Sensibilização dos alunos para o tema do rosto	67
7. Atividades desenvolvidas em sala de aula	70
7.1. Retratar: que rosto?.....	70
7.2. Desenhar com o hemisfério direito.....	76
7.3. O autorretrato: à procura do eu.....	79
8. Atividades extracurriculares.....	82
8.1. Visita de estudo	82

8.2. Workshop de caricaturas	85
8.3. Intervenção no espaço escolar	87
9. Análise e avaliação dos resultados obtidos	91
Conclusões	96
Referências bibliográficas	99
ANEXOS.....	102
Anexo 1 – Apresentação do tema : “O rosto humano”	103
Anexo 2 – Sequência do vídeo: Como se desenha um rosto?	107
Anexo 3 – Planificação das atividades: “em busca do sentido do rosto” e “o rosto como um encontro ético”	111
Anexo 4 – Proposta de trabalho: “em busca do sentido do rosto”	113
Anexo 5 - Construção do rosto humano	114
Anexo 6 – Reações e testemunhos “em busca do sentido do rosto”	116
Anexo 7 – Proposta de trabalho: “o rosto como um encontro ético”	118
Anexo 8 - Resultados obtidos: “o rosto como um encontro ético”	119
Anexo 9 - Resultados obtidos – alunos com problemas de indisciplina	122
Anexo 10 - Proposta de trabalho: “desenhar com o hemisfério direito”	124
Anexo 11 - A Planificação da atividade “desenhar com o hemisfério direito”	125
Anexo 12 - Testemunhos de mudança do hemisfério esquerdo para o direito	126
Anexo 13 - Comparação de trabalhos com o lado esquerdo e direito- reações, opiniões	127
Anexo 14 - Apresentação sobre o tema do autorretrato	129
Anexo 15 - Sequência do filme – Frida Kahlo	137
Anexo 16 - Sequência do filme – Sara Mello	145
Anexo 17 - Testemunhos dos alunos: “à procura do eu”	149
Anexo 18 - Proposta de trabalho prático: “à procura do eu”	150
Anexo 19 - Planificação da atividade “à procura do eu”	151
Anexo 20 - Reações dos alunos do trabalho ”à procura do eu”	152
Anexo 21 - Planificação das atividades extracurriculares.....	154
Anexo 22 - Apresentação: o rosto humano	157
Anexo 23 - Reações e testemunhos dos alunos - Visita de estudo.....	162
Anexo 24 - Reações e testemunhos dos alunos – Workshop de caricaturas	165
Anexo 25 - Inquérito e avaliação dos resultados – Workshop de caricaturas.....	168
Anexo 26 - Reações e testemunhos dos alunos – Intervenção no espaço escolar.....	170

Anexo 27 - Inquérito final.....	174
Anexo 28 - Avaliação do inquérito final.....	177
Anexo 29 - Avaliação da evolução do aluno.....	179

Índice de Figuras

Fig. 1 - Trabalho de aluna, 2012	23
Fig. 2 - Trabalho de mãe de aluna, 2012	23
Fig. 3 - Trabalho de um aluno, 2012	24
Fig. 4 - Trabalho do pai de aluno, 2012	24
Fig. 5 - Burne Hogarth, desenho das massas craniana e facial	28
Fig. 6 - Giovanni Bellini, retrato de um jovem, 1942	30
Fig. 7 - Auguste Rodin, retrato de Henry Becque, 1922	31
Fig. 8 - Charles le Brun, o chorar	36
Fig. 9 - Lavater, estudo de narizes, 1786	40
Fig. 10 - Lavater, estudo de bocas, 1786.....	40
Fig. 11 - Salvador Dalí, autorretrato com toucinho mole assado, 1941	41
Fig. 12 - Andy Warhol, retrato de Marilyn Monroe, 1964.....	44
Fig. 13 - Leonardo da Vinci, Mona Lisa, 1503	46
Fig. 14 - Aurélia de Sousa, autorretrato, 1900	47
Fig. 15 - Francis Bacon, autorretrato, 1969.....	49
Fig. 16 - Autorretrato de Rembrandt, 1634.....	51
Fig. 17 - Albert Dürer, autorretrato, 1500	52
Fig. 18 - Jorge Molder, fotografia gelatina de sais de prata, 1992.....	55
Fig. 19 - Escola de Amadeo de Souza-Cardoso	60
Fig. 20 - Sala de Educação Visual, 2012.....	62
Fig. 21 - Composição da turma	64
Fig. 22 - Subsídio escolar.....	64
Fig. 23 - Constituição do agregado familiar.....	65
Fig. 24 - Número de irmãos	65
Fig. 25 - Prosseguimento dos estudos	66
Fig. 26 - Profissões.....	66
Fig. 27 - Apresentação sobre o rosto humano	71
Fig. 28 - Vídeo apresentado na aula.....	71
Fig. 29 – Esclarecimento de dúvidas.....	72
Fig. 30 – Desenvolvimento do projeto para o painel	72
Fig. 31 – Início da pintura a lápis de cera	73
Fig. 32 – Exploração da técnica a lápis de cera	73
Fig. 33 – Técnica a lápis de cera 1	73
Fig. 34 – Técnica a lápis de cera 2	73
Fig. 35 – Retrato 1	74
Fig. 36 – Retrato 2.....	74
Fig. 37 – Retrato 3.....	75
Fig. 38 – Retrato 4.....	75
Fig. 39 - Painel Centro Escolar	75
Fig. 40 - Amadeo de Souza Cardoso, velha amizade: retrato de Viana, 1912.....	76
Fig. 41 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 1.....	78
Fig. 42 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 2.....	78
Fig. 43 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 3.....	78
Fig. 44 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 4.....	78
Fig. 45 – Elaboração do trabalho ainda em fase inicial	80

Fig. 46 - Reta final do trabalho no processo minucioso da obtenção das sombras	80
Fig. 47 – Autorretrato aluno 1	81
Fig. 48 - Autorretrato aluno 2.....	81
Fig. 49 – Autorretrato aluno 3	81
Fig. 50 – Autorretrato aluno 4.....	81
Fig. 51 - Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão	82
Fig. 52 - Apresentação sobre o tema do rosto humano	83
Fig. 53 - Trabalho prático sobre o rosto humano	83
Fig. 54 – Trabalho prático finalizado	84
Fig. 55 – Desenvolvimento do trabalho	84
Fig. 56 - Pormenor do painel.....	84
Fig. 57 - Início do workshop com a apresentação do artista	86
Fig. 58 – Início do trabalho	86
Fig. 59 – Realização da caricatura de Samuel Beckett	87
Fig. 60 - Elaboração da caricatura de Albert Einstein.....	87
Fig. 61 – Trabalhos finalizados	87
Fig. 62 – Análise e visualização das caricaturas realizadas	87
Fig. 63 - Amadeo de Souza Cardoso, Sem Título (Retrato de Paul Alexandre?), 1917	88
Fig. 64 – Início do trabalho – primeiro banco.....	89
Fig. 65 – Resultado final – primeiro banco	89
Fig. 66 – Projeto finalizado - segundo banco.....	89
Fig. 67 – Realização do trabalho – segundo banco	89
Fig. 68 – Aluno 1 - 1º trabalho	92
Fig. 69 – Aluno 1 - 2º trabalho	92
Fig. 70 – Aluno 1 - 3º trabalho	92
Fig. 71 – Aluno 2 – 1º trabalho	92
Fig. 72 – Aluno 2 – 2º trabalho	92
Fig. 73 – Aluno 2 – 3º trabalho	92
Fig. 74 – Aluno 3 - 1º trabalho.....	93
Fig. 75 - Aluno 3 - 2º trabalho.....	93
Fig. 76 - Aluno 3 - 3º trabalho.....	93
Fig. 77 - Aluno 4 - 1º trabalho.....	94
Fig. 78 - Aluno 4 - 2º trabalho.....	94
Fig. 79 - Aluno 4 - 3º trabalho.....	94

«O rosto seduz com maior segurança, mais subtilmente ainda do que as palavras.»

(Courtine & Haroche, 1995: 7)

Introdução

Esta longa caminhada de aprendizagem foi extremamente enriquecedora, tendo encontrado dificuldades e obstáculos que levaram a um grande crescimento pessoal e profissional. A prática pedagógica supervisionada teve início em setembro de 2012, no âmbito do Mestrado em Ensino em Artes Visuais e decorreu no Agrupamento de Escolas de Amadeo de Souza-Cardoso, durante o ano letivo 2012/2013, tendo lecionado a disciplina de Educação Visual a uma turma do 7º ano.

O trabalho realizado com os alunos acerca do tema versado no título é a razão deste relatório, que pretende dar um contributo para o ensino das Artes Visuais, alertando para a importância do desenho na formação de todo o ser humano, nomeadamente o desenho do rosto humano. Aqui, o professor tem um papel fundamental na mudança das mentalidades, uma vez que pode proporcionar ao aluno um ensino de qualidade baseado no conhecimento e em valores, partilhando experiências, técnicas e materiais.

Como mais adiante verificaremos, seleccionámos o tema do rosto humano, uma vez que no campo visual, este é e sempre foi um elemento fundamental na interação das pessoas, visto ser algo sempre presente; porém, poucas vezes verdadeiramente olhado: «[o] olhar comum não capta o rosto, mas desliza sobre as suas formas tentando decifrar-lhes o sentido recorrendo às palavras e aos gestos, ele próprio tantas vezes enredado na força de indagação do outro olhar» (Gil, 2005: 31). Daí a necessidade de levar os alunos a descobrir toda a essência verdadeira desse rosto.

Seguindo esta linha condutora, o objetivo de todo este trabalho, focalizado no referido mistério do rosto, incidiu no alargamento de horizontes e sensibilização dos alunos, de forma a obter efeitos num crescimento intelectual e artístico, explorando o potencial de cada ser humano presente na sala de aula, no sentido de levar o aluno a descobrir e valorizar o rosto numa perspectiva mais ética. Aprender a olhar o rosto como projeto de descoberta, eis o nosso lema!

Numa sociedade em que os fenómenos da aparência são cada vez mais manipuladores, conduzindo-nos a uma «evidente degradação do *ser* em *ter*,» (Debord, 1991: 14), é urgente que os alunos possam perceber o que tem vindo a acontecer à sociedade e mais particularmente ao rosto humano. É preciso inverter este percurso e chegar à verdadeira essência do rosto.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira é dedicada à investigação científica do tema e a segunda à aplicação prática/pedagógica do mesmo. Relativamente à primeira parte, é feita a apresentação do tema e da problemática no 1º Capítulo. De seguida, explicamos como o desenho, território no qual se inscreve curricularmente o tema do rosto, assume um carácter importante na formação integral do ser humano. No 3º Capítulo, abordamos o rosto como forma de comunicação e de expressão, tanto a nível técnico, pedagógico, cultural, artístico, estético e ético, com referência ao imaginário. Por fim, e em articulação, sublinhamos a importância do retrato e do autorretrato, sua função e características numa visão introspectiva de diversos artistas (4º Capítulo).

Na segunda parte, começaremos com uma contextualização da escola e da turma onde decorreu o estágio (5º Capítulo). Posteriormente, no 6º Capítulo, indicaremos as atividades realizadas e o que foi feito para cada uma delas, de forma a sensibilizar e motivar os discentes no sentido de captar toda a sua atenção, encaminhando-os para o aprofundamento do tema, tendo em atenção as características da turma. O 7º e 8º Capítulos remetem-nos para as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aulas.

Mais especificamente, o 7º Capítulo refere-se às atividades em sala de aula, no qual faremos a distinção dos três projetos desenvolvidos e dos objetivos a eles inerentes, explorando o tema do rosto a nível técnico e emocional, nomeadamente em relação aos elementos constituintes do rosto, a sua expressividade, os seus significados e o que está para além do que é visível, debruçando-nos em dois pontos fundamentais: a questão do retrato e do autorretrato, que foram trabalhados mais detalhadamente. A exploração de técnicas e materiais está presente em todos os trabalhos, no entanto, foi também explorado o sentido crítico e foram debatidas as questões estéticas, éticas e culturais.

No 8º Capítulo expõem-se as atividades realizadas fora da sala de aulas: visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda, workshop de caricatura e intervenção no espaço escolar. Estas atividades proporcionaram aos alunos uma aprendizagem mais abrangente, pois puderam ter contacto com espaços, experiências e materiais que nem sempre são possíveis desenvolver dentro da sala de aula.

O último Capítulo refere-se à análise e avaliação dos resultados obtidos da exploração do tema deste relatório, sendo referido o modo como os alunos atingiram os objetivos e as finalidades que presidiram à escolha e aprofundamento do tema e como melhoraram no seu desempenho escolar.

Por fim, na Conclusão, faz-se um conspecto final a todo o trabalho desenvolvido ao longo deste percurso, fazendo-se também referência ao estágio no seu todo e como o

aprofundamento do tema do rosto contribuiu positivamente a nível pedagógico para os alunos melhorarem as suas aprendizagens, o seu universo e mesmo o seu modo de ser.

**PRIMEIRA PARTE:
INVESTIGAÇÃO TEÓRICA
DO TEMA**

1. Identificação do tema e sua contextualização

A arte, apesar de hoje ser olhada com um pouco mais de consideração, continua a ser uma área à qual não se dá o devido valor. Desta forma, continua a ser marginalizada pelas famílias e pela sociedade e conseqüentemente pelos alunos das nossas escolas. Ora, para que os alunos possam adquirir todo um conjunto de ferramentas na formação da sua personalidade e para o seu desenvolvimento integral, é necessário que as artes visuais sejam bastante mais valorizadas. As artes visuais fazem parte da vida de todo o ser humano, é um fenómeno congénito, quase fruto do instinto humano, tão natural para o ser humano como estar dentro de uma cultura; daí alguns autores falarem de uma aproximação naturalista entre o ser humano e a arte:

«uma aproximação «naturalista», não no sentido de que é biologicamente direcionada [...], mas porque depende de persistentes padrões interculturais de comportamento e de discurso identificáveis: a produção, experimentação e acessibilidade das obras de arte. Muitas das maneiras como a arte é discutida e experienciada podem facilmente mover-se através de fronteiras culturais, e conseguirem uma aceitação global sem a ajuda de académicos ou teóricos.» (Dutton, 2010: 89).

Estas considerações vêm a propósito do nosso estágio realizado no Agrupamento de Escolas de Amadeo Souza-Cardoso na disciplina de Educação Visual, na turma C do 7º ano, durante o qual adquirimos a consciência de que a mudança relativamente às artes tem de começar a ser experienciada e incutida numa relação mais pessoal, através do envolvimento emocional e afetivo dos alunos, tanto mais quando imediatamente verificámos que também eles se manifestaram distantes, frios e até indiferentes para com as artes visuais. Da análise do inquérito/diagnóstico então realizado, concluímos não apenas esse distanciamento mas que revelavam muitas dificuldades no desenho do rosto humano, apesar de este tema já ter sido trabalhado no ano anterior.

Movidos pelo desejo de melhorar o processo ensino-aprendizagem desses alunos, tendo em atenção a importância da temática referida está inserida no programa curricular do 7.º ano, e tendo em consideração as metas curriculares e a planificação anual relativamente à disciplina, considerámos fundamental mostrar ao aluno que o desenho, em geral, e o rosto em particular, constituem um poderoso meio de formação, não apenas na vertente estética e artística, mas no seu sentido integral e humanista. Procurámos despertar no aluno a dimensão

do fascinante mundo do rosto, sendo este algo extremamente deslumbrante e misterioso, levando-o a desvendar o que nele está implícito: aspetos de natureza psicológica, cultural, ética, estética, juntamente com os propriamente artísticos e técnicos.

Enquanto alunos de artes, e tendo o tema escolhido como pretexto, considerámos fundamental o desenvolvimento de uma reflexão crítica face a um mundo e a uma sociedade em que a cultura se baseia essencialmente na superficialidade, onde aspetos como a ética e a moral não são valorizados, sendo mesmo menosprezados pela chamada «sociedade do espectáculo», tal como refere Debord:

«O movimento de *banalização* que, sob as diversões cambiantes do espectáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada um dos pontos onde o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis a desempenhar e os objectos a escolher. (...) este mundo não sendo justamente produzido senão como pseudogozo que conserva em si a repressão..» (Debord, 1991: 43).

O culto da aparência do artificial, imposta pela sociedade, trouxe consequências devastadoras à representação do rosto humano. Poderoso meio de comunicação, o rosto tem sido manipulado pelo marketing, fomentando uma cultura da beleza como aparência, construído com artificialismo e trivialidade. A cultura pós-moderna tem instrumentalizado o rosto em proveito de interesses económicos, uma cultura centrada no efêmero, levando a sociedade a valorizar o aspeto exterior, impondo padrões de beleza num «mundo *realmente reinvertido*, o verdadeiro é um momento do falso.» (Debord, 1991: 12).

Esta cultura que se vive presentemente foi considerada por Lipovestsky (2007) «a era do vazio» por vários motivos: «desagregação da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo da época do consumo de massa, a emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, em ruptura com o instituído desde os séculos XVII e XVIII.» (Lipovestsky, 2007: 7). Este investigador fala da estratégia de sedução implementada pela própria sociedade na falsificação do real através do «jogo das aparências». Através da sedução, tudo é manipulado, sendo os costumes e os valores a configuração em proveito das satisfações dos indivíduos. A imagem fortemente promovida pelos meios de comunicação visual, tráz consigo conotações falsas e uma trivialidade sem limites principalmente na questão do rosto, numa sociedade pautada pela insensibilidade e relativização dos valores, «o seu sentido social é realçado pela indiferença e apatia, o seu pensamento é marcadamente débil e pouco convicto, assente na cultura televisiva que lhe é proporcionada e, por fim, a sua

vida moral é dominada pela permissividade e um relativismo próprio de quem não possui objectivos para além do momento, para além de si e da sua felicidade.» (Almeida, 2007: 50).

Será esta sociedade verdadeiramente feliz? Pensamos que não, antes é extremamente solitária, carregada de insatisfação, onde a distância e a indiferença é notória entre os homens. É necessário encaminhar o homem para uma relação de proximidade com o outro, como defende Emmanuel Levinas [1906-1995], para um encontro que se dá através do rosto numa linguagem silenciosa, mas que pode ser muito reveladora. «A epifania do rosto é ética» (Levinas, 2008: 194) e esta ética começa a surgir lentamente na sociedade, mas é preciso alertar para a urgência de alterarmos esta realidade que tanto nos preocupa, na recuperação e acolhimento do rosto humano onde a ética esteja presente, numa outra dimensão do olhar, direccionado para o outro.

Por tudo isto, sentimos o imperativo de levar o aluno a captar essa linguagem e ao mesmo tempo valorizar mais o rosto, a tratá-lo com mais respeito, descobrir o que está para além deste, numa dimensão ética e antropológica. Esta visão do rosto é extremamente importante para a aprendizagem, uma vez que vai ajudar a alargar os horizontes do aluno, e este vai aprender a ver e despertar a sua visão, não só para as formas exteriores, mas também para o seu interior, contribuindo assim para o seu enriquecimento cultural e para a sua visão global da realidade.

Com este estudo pretendemos aprofundar cientificamente e artisticamente o ensino do desenho. E dentro deste, contribuir para a melhoria do ensino/aprendizagem da matéria relativa ao rosto humano, alargando a sua problematização a nível estético, artístico, bem como cultural, histórico e antropológico.

Do que fica dito, decorreu a necessidade de trabalhar com o objetivo de alterar a visão que o aluno tinha sobre o desenho e, em concreto, sobre o desenho do rosto humano, aprimorando a forma como vê e como pode vir a olhar, de modo a descobrir a complexidade integradora que lhe está subjacente.

O aprofundamento do tema vai ser feito desde logo através do contacto com os autores que estudam esta questão, e com a ajuda de meios audiovisuais, como apresentações digitais e filmes. Os debates serão um ponto forte e estarão presentes em todas as atividades, para que os alunos possam discutir o rosto numa dimensão mais humana e perceber que o rosto é mais do que nos é imposto pela cultura dominante, pelos meios de comunicação social, pois também estes podem ser desmontados e desmistificados.

Pretendemos incentivar a participação em diversas atividades, ligadas mais especificamente ao retrato e autorretrato, proporcionando novas experiências, no sentido de

possibilitar aos discentes o contacto com novas perspetivas estéticas e culturais, com novos materiais, técnicas e suportes, pois «[c]ada aluno tem de ser desafiado a desenvolver gradualmente as suas potencialidades, a competir consigo mesmo, a dar o seu melhor, na conquista do sucesso.» (Estanqueiro, 2010: 16), estando este caso concreto relacionado com a temática do rosto e da sua significação.

Aspiramos a que o aluno veja com mais atenção os rostos na sua diversidade, os valorize em todas as suas vertentes e consiga perceber a importância do assunto para a evolução da sua aprendizagem e para o seu processo de maturação, deixando para trás o rosto imposto pelos meios de comunicação, cheio de artificialidade e banalidade.

2. O desenho

2.1. Os fatores da educação

O homem, desde o início dos tempos, foi ganhando progressivamente saber e experiência. Foi através da vida familiar que este foi aprendendo, modelando o seu caráter e atitudes com base na aprendizagem diária e o convívio com diversas pessoas e ensinamentos. Esta foi durante muito tempo a sua única educação, como o exemplifica a tradição africana, onde a aprendizagem se processa através da escola da vida e da experiência.

A educação assente no ambiente, família e sociedade continua a ter um papel preponderante na formação da pessoa, sendo a base para a construção de um ser com valores. Esta formação terá sido a ponte para o nascimento da escola, que se foi moldando, assumindo um papel principal em vários tipos de sociedades e países. Assiste-se a uma grande expansão da educação com a entrada da revolução industrial, a qual obriga a uma educação basicamente igual para todos sem discriminação, ao contrário de muitas sociedades em que apenas era concedida às classes superiores.

A revolução social, científica e tecnológica contribuiu efetivamente para uma mudança muito importante em toda a estruturação educativa. As investigações elaboradas sobre o cérebro permitiram depreender que são muitos os fatores que podem influenciar a construção e a formação da pessoa, desde as carências alimentares, socioeconómicas, os fatores ambientais, culturais até os fatores biológicos, genéticos, etc.

Por outro lado, a crise de valores que se instaurou no mundo atual veio transformar a educação nas escolas, pondo-as em causa desde logo por causa da desmotivação das novas gerações:

«A desmotivação dos alunos, fonte de indisciplina e insucesso, é um dos maiores desafios para os professores. Ensinar a quem não quer aprender é como lançar sementes em terreno pedregoso. Não dá frutos. Muitos jovens chegam às aulas sem qualquer motivação. Desvalorizam a importância da escola e do conhecimento. Naturalmente, sentem-se mais atraídos pelos prazeres imediatos da sociedade de consumo do que pelo trabalho escolar, que exige esforço e método.»
(Estanqueiro, 2010: 11).

A escola tem a responsabilidade de formar os alunos no seu caráter e atitudes dentro e fora da sala de aula, sendo este papel desempenhado principalmente pelos professores e, para

isso, é necessário educar pelo exemplo, escutando, compreendendo, proporcionando aos alunos experiências enriquecedoras. No entanto, cada vez é mais difícil a tarefa do professor, pois é necessário um acompanhamento do aluno pela família, sendo esta o pilar mais importante no que diz respeito às atitudes e valores. Ora, como se verifica, a família também está em crise e, muitas vezes, demite-se desta tarefa formativa.

O processo educativo deve ter em consideração o aluno numa visão holística e com uma construção progressiva. A inter-relação professor-aluno deve ter como fundamento que «se não houver reciprocidade afectiva entre educador e educando, não poderá haver uma acção verdadeiramente educativa» (Sousa, 2003: 147), contribuindo esta relação para a construção e desenvolvimento da personalidade e das afetividades do discente.

Durante um longo período da história da educação em Portugal, as artes visuais estiveram completamente à margem do ensino, não existindo uma preocupação em incluir disciplinas artísticas no currículo. Porém, tem vindo gradualmente a acontecer uma mudança, alterando as mentalidades mais fechadas, e começa-se a perceber que o ensino da arte está interligado com a educação das emoções e afetos. A arte põe de manifesto as autênticas necessidades do aluno, e começa-se a valorizar a prática diária artística como meio de formação da personalidade.

«Sem abandonar o ensino de aptidões verbais e computacionais, os professores mais conscientes procuram hoje técnicas de ensino que estimulem os poderes intuitivos e criativos das crianças, preparando assim os alunos para enfrentar novos desafios com flexibilidade, inventividade e imaginação, bem como com a capacidade de perceber conjuntos complexos de idéias e factos correlatos, perceber configurações básicas de eventos e ver os velhos problemas de uma nova forma.» (Edwards, 1984: 211).

Reconhecendo que as artes estão intimamente ligadas com as emoções e com os sentimentos, o papel educativo desempenhado pelo professor ganha agora mais relevo, sobretudo na disciplina de Educação Visual e, mais propriamente, no desenho do rosto, uma vez que este é um elemento de interação fundamental nas relações entre pessoas.

Em síntese, é fundamental, na formação de uma pessoa, que haja uma conjugação de vários fatores, desde a família que assume um papel importantíssimo, passando pela própria sociedade que impõe certos valores e hábitos que podem ser também altamente destrutivos na formação do indivíduo, à instrução escolar que deve ensinar, baseando-se no respeito e nos valores, levando o aluno a aprender a pensar e a refletir, tendo como intuito ajudá-lo na construção da formação da sua sensibilidade, intelectualidade e espiritualidade.

O educador é um modelo que transmite o que é importante para que o indivíduo cresça, sendo um mediador para o desenvolvimento da pessoa, orientando-a e guiando-a para a cidadania, sensibilidade, intelectualidade, para a formação e construção do carácter e para o seu desenvolvimento cognitivo. Deve-se educar para um todo, a melhor educação será aquela que conseguir reunir vários componentes que possam levar o ser humano a ser mais aberto e plural, desenvolvendo todas as vertentes do ser.

2.2. O desenho na formação do ser humano

2.2.1. Importância e papel do desenho

O ensino do desenho tem sido depreciado, tem-se considerado que «o desenho não é vital para a sobrevivência na cultura em que vivemos, como o são a fala e a leitura.» (Edwards, 1984: 76). Conclusão errada como se verá!

Ora, o desenho é a base de toda a produção artística. Este devia ser uma parte integrante da aprendizagem durante todo o percurso do aluno na escola, conferindo-lhe um estatuto tão relevante como o que é reconhecido às disciplinas da matemática e língua portuguesa.

O desenho, ao longo dos tempos, tem sido uma forma de expressão e de conhecimento, sendo uma das manifestações mais antigas do ser humano, que servia para expressar os sentimentos e representar a vida quotidiana. No entanto, hoje é muito mais que isso, e serve para desenvolver capacidades cognitivas. Segundo Adams, «O desenho é uma parte significativa da nossa cultura. É importante que as crianças se sintam capazes de fazer parte dele e de como funciona.» (2004: 1).

O desenho surge ao mesmo tempo que a linguagem e, por vezes, mesmo antes. Ajuda na representação de ideias, no desenvolvimento do pensamento, da criatividade, fomenta a descoberta do mundo que nos rodeia. Através do desenho os alunos vão adquirindo competências que, posteriormente, poderão ser usadas em diferentes áreas de aprendizagem nomeadamente: observar, compreender, refletir, analisar, representar, cooperar, transformar, visualizar, entre outras.

Se analisarmos à nossa volta vamos percebendo que o desenho faz parte da nossa vida diária, desde a nossa casa, à mobília, aos objetos e produtos que usamos como roupa, calçado, e aos veículos que nos transportam. Uma obra artística tem sempre como base o desenho, e que advém de uma simplicidade extraordinária, de um papel e um lápis que servem para a

criação de uma obra que poderá vir a ser complexa e elaborada, mas que se não fosse esse ato não se conseguiria exemplificar todas as ideias que estão na nossa mente.

Nomes como Dürer e Rembrandt marcaram a história do desenho através dos seus trabalhos realizados com vários materiais riscadores. Porém, teremos que ir à essência e ao início onde tudo começa, na própria criança, que rabisca com toda a sua expressividade, colocando no papel os seus sentimentos e pensamentos. O desenho ajuda a criança no seu crescimento e desenvolvimento, os psicólogos recorrem ao desenho como forma de perceber e resolver problemas e traumas da criança, detetando estados emocionais intensos como o medo e a ira que, a maior parte das vezes, não se conseguem transmitir por palavras.

Todos nós sabemos que as crianças têm grande apreço pelo tema do rosto humano. Nelas é frequente este tipo de desenho, talvez por o rosto ser tão expressivo e fazer parte do seu dia-a-dia. A beleza do desenho do rosto foi sendo descoberta lentamente por diversos artistas, sendo considerado como uma arte de esboços e como forma de preparação para a pintura. No entanto, o desenho em geral é muito mais que isso, «é um modo de expressão gráfica que, utilizando a sensibilidade e a afectividade como instrumentos privilegiados de uma maneira de pensar específica, exterior a um raciocínio lógico-dedutivo, participa no processo de criação artística plástica e espacial, quer como intermediário, quer como objecto com identidade própria.» (Rodrigues, 2003: 80).

Muitos dos grandes mestres da história, como Leonardo da Vinci, recorriam ao desenho para esquematizar ideias e pensamentos, experiências e sonhos. As crianças utilizam-no também como uma ferramenta para investigar o mundo que as rodeia no sentido de o poder compreender. Este processo interno ao desenvolvimento da criança vai-se refletir mais tarde no adulto. Caso a criança não tenha tido esta experiência ao longo do seu percurso escolar, será uma lacuna dificilmente colmatada em adulto.

2.2.2. “Não ter jeito para o desenho”: contrariar uma ideia feita

É neste sentido que é necessário educar os adultos, mais propriamente os pais dos alunos, para a utilidade e importância do desenho. É fundamental exercitar o cérebro não só em ordem à fala, mas também para toda a vertente visual, constatando-se realmente esse défice quando se pede aos adultos para desenhar um rosto humano. «[Q]uase ninguém percebe que muitos adultos desenhavam como crianças e que muitas crianças desistem de desenhar aos nove ou dez anos de idade. Ao crescerem, essas crianças tornam-se os adultos

que dizem que jamais souberam desenhar e que são incapazes de traçar uma linha reta.» (Edwards, 1984: 76).

Muitos adultos altamente competentes nas suas tarefas profissionais mostram-se reticentes e pouco recetivos quando se lhes pede para desenhar um rosto humano. Foi o que aconteceu quando foi pedido aos pais dos nossos alunos para que fizessem um desenho de um rosto humano; mais de cinquenta por cento dos pais não colaboraram nesta tarefa. Dos poucos que foram entregues, concluímos que estes são muito infantis, como podemos verificar nas imagens das figuras 1 e 2. Esta situação ocorre porque os pais desses alunos estagnaram no tempo, deixaram de desenvolver a vertente do desenho. Isto acontece com quase tudo o que nos rodeia; se deixarmos de praticar algo, não poderá haver uma evolução positiva. Estes adultos desenhavam como crianças, apesar de terem sido desenvolvidas com sucesso outras aptidões, como a escrita e a fala.



Fig. 1 - Trabalho de aluna, 2012

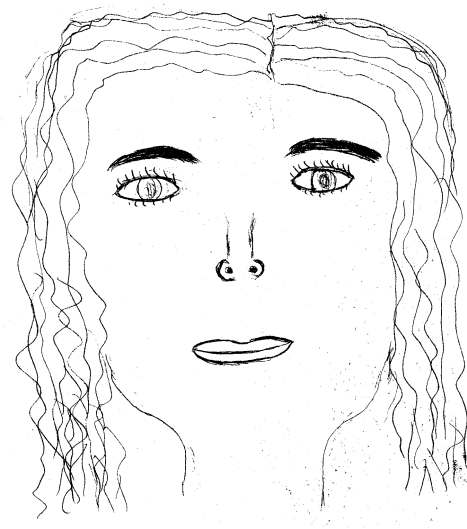


Fig. 2 - Trabalho de mãe de aluna, 2012

No entanto, também existem exceções como se vê nas figuras 3 e 4. Trata-se de um trabalho bastante bom do pai de um aluno, uma vez que este retratou o filho com exatidão e conseguiu captar toda a sua expressão, predominando o traço firme e mais expressivo. Este trabalho demonstra uma aptidão para o desenho, porém, será mais do que isso, provavelmente esta aptidão está associada à sua profissão, ligada ao desenho.

A falta de jeito para o desenho, como muitas pessoas afirmam, é uma das desculpas dadas para justificar o porquê de não saberem desenhar, assim como dizer que não têm o talento natural. Esta ideia errada acompanha-nos pela vida fora, desde criança até adulto. Ora, diversos autores contrariam-na, afirmando que: «Desenhar consiste sobretudo num método, e

como tal se pode aprender. (...) Não há pessoas incapazes de aprender a desenhar, da mesma maneira que não há pessoas incapazes de aprender a escrever.» (Rodrigues, 2003: 10).

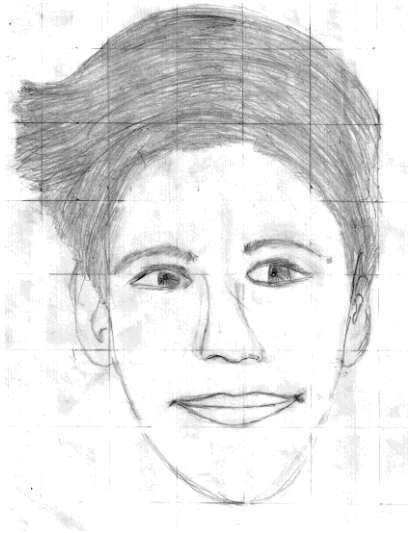


Fig. 3 - Trabalho de um aluno, 2012



Fig. 4 - Trabalho do pai de aluno, 2012

O desenho não pode ser desvalorizado, não é uma questão de ter jeito ou não, este é ensinável e requer, como qualquer outra disciplina, uma prática metódica. É necessário inculcar esta ideia para que as pessoas percebam a importância que o desenho tem na sua formação, pois todos têm capacidade de aprender e adquirir conhecimentos e competências das mais diversas disciplinas. Desenhar requer uma aprendizagem através de dois instrumentos que possuímos: as mãos e os nossos olhos, no entanto, é através dos olhos que se desenvolve todo o processo mental, é necessário que o aluno perceba que tem de observar durante algum tempo aquilo a que se propõe desenhar, para poder captar toda a informação possível, de forma a registar todos os detalhes.

2.2.3. Desenhar, ver e observar

O desenho é uma ferramenta que desenvolve a compreensão e o poder de observação da criança, investigando a forma, a estrutura, a textura, a cor, criando uma interação entre a criança e o que está a observar.

Este processo de desenhar vai para além de ver com os olhos, e está intimamente ligado à forma de ver. «O desenho cria espaço e tempo para olhar, para admirar e para descobrir. Faz isto estabelecendo um sentido diferente do tempo e uma melhor qualidade de empenhamento com o que está a ser visto. [...] O desenho intensifica o ato de olhar promovendo uma visão ativa. Transforma o olhar em ver.» (Adams, 2003: 6).

Para isso, é necessário desenvolver na criança o hábito de observar a realidade que se encontra à sua frente e reproduzir fielmente o mundo que a rodeia com toda a objetividade e emoção. Esta técnica é utilizada pelas crianças por volta dos dez ou onze anos, podendo ajudar bastante no seu desenvolvimento e evolução como ser, vendo com clareza e profundidade toda a envolvimento do meio e toda a complexidade que se associa ao ato de ver.

Nesta linha, Edwards afirma: «Desenhar é um processo curioso, tão interligado ao processo de ver que seria difícil separar os dois. A capacidade de desenhar depende da capacidade de ver como um artista vê - e esta maneira de ver pode enriquecer enormemente a vida de uma pessoa. [...] ensinar a desenhar é como ensinar alguém a andar de bicicleta. É muito difícil explicar em palavras.» (1984: 12). Em primeiro lugar, é necessário que o professor comece por ensinar o aluno a mudar a forma de ver. Este processo é difícil de explicar pois acarreta um grande esforço por parte do aluno, já que necessita de aprender a ver, compreendendo as formas, processando informações visuais de forma diferente da que usa habitualmente.

Segundo a investigadora Betty Edwards, esta operação tem a ver com a forma de usar o cérebro e esta capacidade referida advém do lado direito do mesmo. Como se sabe, o nosso cérebro possui dois hemisférios: o direito e o esquerdo, sendo que a parte esquerda está ligada à linguagem, ao raciocínio e ao pensamento e exerce domínio sobre a parte direita. Esta, por sua vez, está associada à linguagem não-verbal; no entanto recebe e reage às sensações. O lado esquerdo vê as coisas velozmente, não tendo paciência para ver os objetos detalhadamente, associando esse objeto automaticamente a um símbolo que desenvolveu na infância, e este analisa a informação interferindo com a forma de desenhar. Curiosamente, o hemisfério direito, que está ligado às imagens e a tudo o que é visual, analisa informações visuais de forma a ajudar a desenhar corretamente, analisando detalhadamente. Este é, sem dúvida, um especialista no «reconhecimento de rostos.» (Edwards, 1984: 19).

É necessário saber passar da modalidade esquerda para a modalidade direita, que faz o processamento das informações de forma a ver o objeto da maneira que o artista vê. Contudo, não é fácil efetuar esta passagem, pois requer uma atenção muito especial na observação daquilo que queremos passar para o papel. Se conseguirmos que isto aconteça, teremos alunos

mais atentos e confiantes nas salas de aula. Esta atenção especial tem a ver com a forma como conseguimos perceber as coisas de modo diferente, quase como se se tratasse de perceber e descobrir o interior do que queremos desenhar, sem que os traços possam ter ligação lógica entre eles. Se conseguirmos que isso aconteça, teremos passado para modalidade do lado direito e alcançado o caminho certo para atingir os nossos objetivos, ou seja, a compreensão e elaboração de um desenho onde a emoção esteja de tal forma envolvida que ultrapassa a própria realidade.

Não podemos descurar a importância do hemisfério esquerdo do cérebro, no entanto, é preciso provocar uma mudança para integrar o hemisfério direito em certas tarefas para as quais este tem uma aptidão diferente:

«ambos os hemisférios recebem a mesma informação sensorial, cada metade do cérebro pode processar essa informação de maneira diferente: a tarefa pode ser dividida entre os dois hemisférios, cada um lidando com a parte mais adequada do seu estilo. [...] O hemisfério esquerdo analisa, abstrai, conta, marca o tempo, planeja cada etapa de um processo, verbaliza, faz declarações racionais baseadas na lógica. [...] Usando o hemisfério direito, compreendemos metáforas, sonhamos, criamos novas combinações de ideias.» (Edwards, 1984: 48).

É necessário treinar os alunos a usar o cérebro na íntegra para que os dois hemisférios trabalhem em conjunto, no sentido de resolver os problemas que se colocam à sua frente, com o intuito de usar o potencial cognitivo e perceptivo apropriado a cada tarefa escolar, como é o caso específico do rosto humano, tema esse que deve ser trabalhado. Esta metodologia vai ajudar muito o aluno a fazer a transição do hemisfério esquerdo para o direito e a desmistificar a dificuldade que está associada ao desenho do rosto. Assim, ao desenharmos um rosto e ao adquirirmos a semelhança «pode nos transmitir um senso de confiança em nossa capacidade criativa que talvez jamais conseguíssemos atingir de outra forma.» (Edwards, 1984: 18).

Segundo Edwards, para quem «os rostos são uma coisa fascinante! Somente depois de desenharmos uma pessoa é que teremos realmente visto o seu rosto» (1984: 19), existem vários exercícios que ajudam na tarefa de conseguir que o aluno utilize o hemisfério direito. Um deles é a reprodução de imagens de cabeça para baixo! O hemisfério esquerdo sente-se confuso e incapaz de usar símbolos para identificar e processar a informação e facilmente desistirá desta tarefa, passando o hemisfério direito a orientar o processo. Este terá, então, a oportunidade de usar a sua capacidade plástica.

Neste sentido, executar um desenho de cabeça para baixo ajuda o aluno a trabalhar com o lado direito do cérebro e, desta forma, consegue alcançar resultados muito melhores, demonstrando, assim, uma maior aptidão para o desenho. Edwards afirma que:

«para desenharmos uma forma que percebemos temos de “desligar” o mais possível a modalidade do hemisfério esquerdo e “ligar” a modalidade do hemisfério direito, duas providências que produzem um estado subjectivo ligeiramente diferente no qual quem “comanda” é o hemisfério direito. As características desse estado subjectivo são aquelas às quais os artistas se referem: um senso de íntima “ligação” com o trabalho, uma sensação de ausência de tempo, certa dificuldade em usar palavras ou compreender as palavras faladas, uma sensação de confiança e ausência de ansiedade, um senso de cuidadosa atenção a formas e espaços e configurações cujos nomes não nos interessam no momento.» (1984: 60).

Como foi referido anteriormente, um dos processos mais utilizados na aprendizagem é o desenho de observação, através do qual é mais fácil analisar e perceber todos os pormenores que estão à nossa disposição. «O mundo que existe à nossa volta é de tal maneira rico e fascinante, que desenhar a partir da realidade é um assunto de trabalho sem fim, com a qualidade de ser profundamente estimulante da imaginação de coisas e da criatividade. [...] O desenho à vista permite que a realidade invada de tal modo o processo de trabalho, que trava a tendência natural para recorrer à memória do que se observou.» (Rodrigues, 2003: 54).

Esta forma de aprendizagem ajuda a criança na sua evolução e no seu desenvolvimento intelectual. E o desenho da cabeça humana tem um papel preponderante nesse desenvolvimento, como a seguir melhor se verá.

2.3. O desenho da cabeça humana

O estudo da cabeça humana é extremamente importante na aprendizagem já que o seu conhecimento «vai mais além do tratamento dado nos manuais de anatomia, ao poder-se relacionar também com os ideais de Beleza de cada momento, com o problema do retrato como manifestação de personalidade, bem como com o estudo científico da expressão facial através da fisionomia moderna.» (Cabezas, Molina, & Bordes, 2008: 278).

A cabeça humana possui proporções básicas, distinguindo-se do resto do corpo e só através desta é que é possível estudar as suas feições de forma a perceber os estados emocionais de cada pessoa. Segundo Donald Holden na introdução do livro de Hogarth:

«[O] *Desenho da Cabeça Humana* é simplesmente uma tentativa de organizar a informação básica: sistemas de proporção, conceitos de forma, factos anatómicos e outras informações que formaram as bases do desenhador idóneo por mais de 2000 anos. [...] Uma vez visualizada a cabeça como uma forma, olhamos de seguida por baixo da superfície para a anatomia artística da cabeça. [...] A função da anatomia artística é fornecer ao artista uma base sólida para a expressão criativa.» (1999: 11).

Toda esta informação vai ajudar o artista a conseguir mais facilmente a semelhança daquele que se quer retratar. Claro que isto é um processo bastante lento, na medida em que tem de existir um estudo profundo de tudo o que compõe a cabeça humana.

Burne Hogarth foi um talentoso artista, educador, autor literário e ilustrador que desenvolveu uma coleção de livros de desenho, um deles sobre a cabeça humana, no qual fala da sua complexidade, sendo o estudo da cabeça uma importante forma de aprendizagem na área do desenho. Segundo este autor, a forma da cabeça tem duas partes elementares: a massa craniana e a massa facial. A massa craniana tem o dobro do tamanho da massa facial, no entanto esta última é a que detém os mais importantes traços fisionómicos, como podemos verificar na figura 5.



Fig. 5 - Burne Hogarth, desenho das massas craniana e facial

Existem três tipos de cabeças: larga, alongada e intermédia, sendo que a cabeça larga é representada por um crânio largo com traços primários, a alongada tem um crânio

extremamente estreito e a intermédia situa-se entre os dois extremos dos crânios referidos anteriormente.

No entanto, não é só através dos tipos de cabeças que poderemos distinguir cada ser humano. Existem diversos detalhes e características que variam consoante «a raça e populações, tal como tipos culturais e uma diversidade infinita de caras individuais» (Hogarth, 1999: 109). Através de todo um conjunto de características, formas e de toda a estrutura que compõe um indivíduo chegaremos então à forma final que vai identificar com exatidão a pessoa que queremos retratar.

Ao longo do crescimento de cada ser humano vão surgindo alterações faciais: o crânio vai-se transformando e, progressivamente, vão existindo alterações ao nível da posição da cabeça, dos tecidos, da pele, dos lábios, das orelhas, pestanas e cabelo, que irão mostrar o envelhecimento da cabeça e o aparecimento de rugas. Hogarth dá grande importância às alterações faciais: rugas e envelhecimento. É através destas alterações que se conseguem detetar as diferenças faciais. As rugas podem ter origem em imensos fatores externos, nos vários tipos de expressões e hábitos que exercemos diariamente que provocam uma contração muscular, fatores internos que estão relacionados com a parte psicológica ou o próprio envelhecimento natural da pele.

De acordo com Hogarth, o maior impacto visual é alcançado através de vários elementos que compõem o rosto: sobrolho, nariz, órbitas dos olhos, malares, boca, queixo, ângulo da mandíbula, arco lateral do malar e a orelha. Porém, os mais complexos são o olho, o nariz, a boca e a orelha que, aliados aos músculos, confinam e dão forma ao rosto. Os músculos da boca, do maxilar, do olho e da órbita são os que mais sobressaem e são grandes transformadores do rosto.

O olho, o nariz, a boca e a orelha são fundamentais para o conhecimento com profundidade do rosto. O olho localiza-se na órbita protegido pelas estruturas ósseas salientes; o nariz situa-se ao centro da massa facial iniciando-se abaixo do sobrolho e terminando a meio da cara; a largura da base do nariz corresponde à largura de um olho; a boca localizada abaixo do nariz é estruturada por «duas arcadas dentárias: a superior (maxilar) e a inferior (mandibular)» (Hogarth, 1999: 47) que forma a curva da boca. Por cima dessas duas arcadas encontram-se os lábios (superior e inferior); o superior tem a forma de um M abatido, sendo mais largo e arqueado que o inferior; o inferior possui a forma de um W estendido e é mais recuado do que o superior. No entanto, esta forma pode variar no caso de pessoas com o queixo para a frente uma vez que o inferior se encontra mais à frente do superior. A orelha posicionada no lado da cara tem a forma de uma concha Segundo Hogarth a orelha possui

quatro formas: o rebordo exterior, o rebordo interior, a base carnuda e a projeção cartilaginosa que se situa na abertura do canal auditivo. A orelha inicia-se na arcada supraciliar e acaba na direção da base do nariz.

Estas noções formais da cabeça e de todos os componentes que a integram vão ajudar o discente a alcançar um conhecimento aprofundado do tema. Após essa aprendizagem, Hogarth dedica uma parte à exemplificação de grandes cabeças por forma a analisá-las e a interpretá-las num cunho mais pessoal.

Gostaríamos de salientar um exemplo de uma cabeça que Hogarth (1999) mostra no seu livro (figura 6) de Giovanni Bellini:



Fig. 6 - Giovanni Bellini, retrato de um jovem, 1442

«Este notável exemplo de uma cabeça enquanto escultura viva toma uma forma sólida através da alternância de planos escuros e claros. O cabelo é como um capacete que mostra alterações tonais e lineares na forma. A estrutura dos olhos, pálpebras e pupilas é tão segura que até ao globo ocular é dada a sua forma esférica através da luz. Repare no pormenor do nariz: a ponta curva, as asas das narinas, o plano lateral que se junta à órbita. A boca e os lábios – o tubérculo saliente, os cantos encurvados – demonstram um perfeito conhecimento de cada forma. A saliência do mento e maxilar em frente do plano recuado da cara completa uma memorável expressão de realidade.» (Hogarth, 1999: 140).

Outro dos fatores importantes é saber desenhar o movimento da cabeça, pois «[q]uando a cabeça se move, revela-se um novo conjunto de relações entre as formas» (Hogarth, 1999:

61). Essas formas alteram-se consoante o posicionamento dos elementos constituintes da cabeça. As posições vista de frente e de lado são as menos complexas, tudo se complica quando queremos desenhar uma cabeça a três quartos, pois são múltiplas as rotações que se pode fazer com a cabeça girando horizontalmente (da vista frontal para a lateral, figura 7) e verticalmente (de cima para baixo).



Fig. 7 - Auguste Rodin, retrato de Henry Becque, 1922

«Um escultor tende a resolver um problema gráfico traduzindo os volumes no espaço, moldando através da linha. Rodin, aproveitando uma luz vinda de cima nos três ângulos deste motivo, dispõe planos esculturais; as margens das estruturas parecem talhadas a escopro; as depressões mais pequenas, delicadamente lascadas e aparadas. A luz é utilizada como ferramenta para examinar as relações entre as formas e as variações da textura.» (Hogarth, 1999: 153).

Como se lê no extrato citado, volume, espaço, linha, luz, planos, estruturas, formas, texturas, os traços e proporções da cabeça e do rosto estão confinados a uma série de regras que ajudam na sua construção correta e tecnicamente perfeita. Logo, é necessário que haja um grande conhecimento a nível anatómico de todos os seus componentes, analisando e avaliando as formas da cabeça, estabelecendo uma relação entre a estrutura óssea, muscular e cartilaginosa. Todo o trabalho tem de ser desenvolvido gradualmente e pacientemente para chegar aos resultados pretendidos.

A exploração da cabeça tem sido abordada de diferentes modos. Mencionaremos uma das referências máxima da pintura do início do século XX em Portugal, o pintor português Amadeo de Souza-Cardoso [1887-1918]. Durante o seu percurso como pintor explorou a cabeça humana. No entanto, numa abordagem mais abstrata e simbólica, quer dizer, para lá de tudo o que tecnicamente nos possa indicar, o rosto, a cabeça humana, o retrato possuem para ele um significado que toca a dimensão antropológica e formativa que, para nós, é tanto ou mais importante do que o lado puramente técnico e científico. É sobretudo esse aspeto que valorizamos em Amadeo de Souza-Cardoso e que se explicita no extrato que se segue:

«As cabeças são o espelho do humano. São a síntese de uma pessoa. De um louco, de gente da “terra”, de máscaras populares ou autómatos futuristas. Na pintura de Amadeo, são essencialmente uma de três coisas: uma forma de destruir “caras” resultando numa representação próxima do cubismo (Picasso), uma maneira de expressar todos os sentimentos numa forma depurada e mais expressiva, claramente mais emocional (Malevitch), ou ainda uma representação homem-máquina de génese futurista (Léger). » (Belém & Ramalho, 2009: 115).

Sendo, também, este pintor uma grande referência para os alunos da escola onde realizámos o estágio, é nossa intenção aprofundá-lo com os discentes de forma a perceberem a riqueza dos significados inerentes às cabeças retratadas por ele. Deste modo, desenvolveremos um dos trabalhos de Amadeo, “Velha amizade: retrato de Viana por Amadeo - 1912”, trabalho que mostra a simplicidade do rosto humano numa visão futurista. Este aprofundamento será desenvolvido na atividade extracurricular: “Intervenção no espaço escolar”.

Esta abordagem da cabeça humana é extremamente importante a nível pedagógico. Para além do objetivo de «erguer alicerces da compreensão da forma» (Belém & Ramalho, 2009: 127), permitindo aos alunos aprender a desenhar tecnicamente um rosto humano, permite também, e sobretudo, lançar o olhar para lá do registo técnico, alcançando um horizonte de significação humana, onde poderemos ver o que está para além dos traços que registamos, na procura da própria identidade que o caracteriza. Interessa-nos este registo antropológico, pois «um mundo que já não fala do humano, que não vai ao encontro do mistério que o fundamenta» (Nunes, 1993:11) é um mundo supérfluo, sem qualquer significação, numa total perda de sentido. Ora, é aqui que ganha relevo a tentativa de transformação e acolhimento do rosto numa vertente mais ética e sensível. É através deste rosto humanista, que se pretende levar os discentes a uma transformação do seu olhar, na procura de um rosto renovado, em que desapareça a indiferença perante o outro e haja uma abertura ao outro ser. Um rosto assim

interiorizado será certamente um rosto mais bem desenhado, representado e expressado. Tal como veremos no capítulo seguinte.

3. O rosto humano

3.1. Um pórtico para o mundo interior

O rosto foi e sempre será uma forma de comunicação e de expressão em sociedade. Desempenha um papel bastante importante na nossa vida e é através dele que se estabelecem as relações sociais e afetivas. É uma das partes do corpo que mais nos chama a atenção, está presente em todo o lado, nas pessoas que fazem parte do nosso dia-a-dia, nas desconhecidas que passam por nós, que encontramos nas revistas, jornais, internet, televisão e em retratos expostos, «o rosto fala-me e convida-me assim a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição quer seja conhecimento.» (Levinas, 2008: 192).

Existem rostos que nos saltam à vista, inesperadamente e por vezes, no meio de uma multidão, somos surpreendidos por um rosto desconhecido, mas que devido a algo que não sabemos explicar nos atraiu. Terá esse rosto algo de verdadeiro ou de falso? Teremos que decifrar, pois conseguimos facilmente tirar ilações das pessoas que se cruzam com o nosso olhar e perceber o estado interior de cada uma delas: «Os seres humanos sempre olharam para os rostos uns dos outros, e esta contemplação cedo deve ter conduzido à suposição de que o rosto simboliza o interior do homem ou da mulher.» (Davies, 1991: 15).

No entanto, nem sempre acertamos quando passamos do rosto para o seu interior. Muitas vezes as pessoas tentam ocultar os seus sentimentos de forma a manipular o observador para não captar a sua condição interior. Esta dicotomia interior/exterior acompanha a existência de uma outra dicotomia no homem: corpo e alma, dualidade esta estudada por uma disciplina que teve a sua origem na Grécia através de Aristóteles. Defendia a existência de uma dependência entre as faculdades psíquicas e as características corporais, disciplina esta chamada de fisiognomonia que consiste na arte de conhecer o carácter humano pelas feições do rosto.

A fisiognomonia, vem da antiguidade, pois, como se sabe, desde os tempos mais remotos e arcaicos, o ser humano sempre viu no rosto, na representação do rosto, nas tatuagens e outras inscrições, poderosos instrumentos de conhecimento da personalidade do indivíduo e de provocar nele, estados anímicos pretendidos.

O primeiro estudo fisiognomónico, como foi referido anteriormente, deve-se efetivamente a Aristóteles, no entanto, muitos outros autores contribuíram para a evolução da fisiognomonía até aos dias de hoje, como Hipócrates, Galeno e Pseudo-Aristóteles. Este referiu que o estudo fisionómico «é realizado na prática, estudando os movimentos, as posturas, as cores, as características faciais, o cabelo e sua suavidade, a voz, a carne, as partes do corpo e todo o seu conjunto.» (1999: 45)¹. De referir Giovanni Battista della Porta [1535-1615], que estabeleceu uma comparação entre a cabeça do homem e a dos animais, tendo influenciado vários artistas como Archimboldo e Charles Le Brun e o pintor barroco José de Ribera [1591-1652], o qual fez vários estudos sobre os traços faciais muito interessantes e pormenorizados. A partir do estudo do rosto, pela forma, linhas e marcas da testa defendeu ser possível descobrir toda a individualidade de uma pessoa.

Johann Kaspar Lavater [1741-1801], filósofo suíço considerado o fundador da fisiognomonía moderna, também estudou o carácter e personalidade dos homens através da análise dos traços do rosto. Fez abundantes estudos neste campo, produziu uma obra literária e artística vastíssima, estudos de cabeças em perfil, silhuetas, olhos, narizes, bocas, que colocou inteiramente à disposição, em prol do desenho do retrato, do rosto.

Estes estudos ajudam a perceber como se transpõe para o papel a expressão da pessoa que se está a retratar: o desafio de colocar no papel a verdade do representado, ou seja, a verdadeira personalidade do indivíduo, evitando a manipulação das suas características, corporal e psicológica.

A linguagem do corpo transmite o estado da alma do homem. Através das expressões faciais podemos perceber a condição interior de uma pessoa, se está triste ou alegre. Estas expressões são adquiridas através de dois elementos do rosto: a boca e os olhos, que reagem consoante o seu estado emocional, podendo assim manifestar o carácter do indivíduo, tal como atestam Courtine & Haroche:

«[a] expressão é um elemento crucial no desenvolvimento do indivíduo ocidental. Nela está toda a informação do rosto: constitui o traço sensível do processo. O rosto é o lugar ao mesmo tempo mais íntimo e mais exterior do indivíduo; aquele que traduz mais directamente e da maneira mais complexa a interioridade psicológica e também aquele sobre o qual incidem os mais fortes constrangimentos públicos. São em primeiro lugar os rostos o que se investiga, os olhares que se procura surpreender para decifrar o indivíduo.» (Courtine & Haroche, 1995: 226).

¹ Neste trabalho utilizámos a edição do texto de Pseudo Aristóteles publicada pela Editora Gredos e traduzido por Teresa Martínez Manzano (cf. Bibliografía).

No entanto, a cultura pode ser uma condicionante na detecção desses estados emocionais, porque «[d]esde muito cedo que o indivíduo interioriza regras de conduta que mais não são que entraves ao processo de expressão natural. A vivência numa cultura fechada ao exterior e as novas experiências vão influenciar a intensidade e a frequência das expressões faciais.» (Magalhães, 2011: 82). Isto vai originar, certamente, erros se não tivermos em atenção a ascendência cultural de cada pessoa.

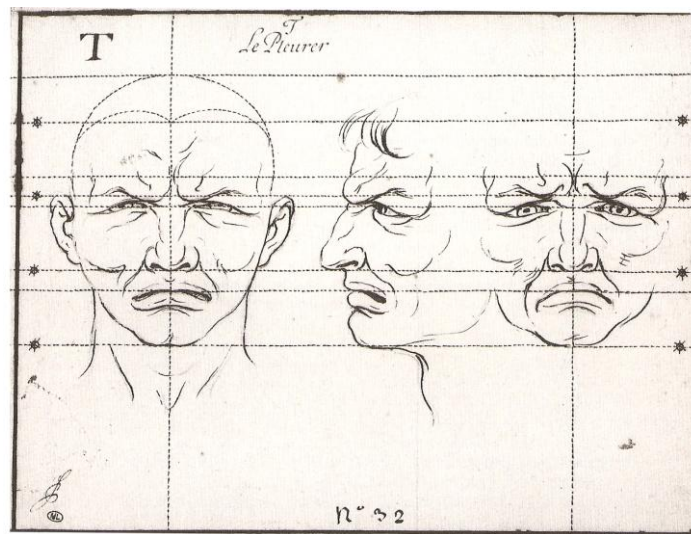


Fig. 8 - Charles le Brun, o chorar

O rosto é assim fonte de revelação, é capaz de manifestar intermináveis expressões, tais como as paixões do homem. Ao olhar atentamente para um rosto vemos expressões que estão associadas a uma emoção ou mesmo a um estado de espírito. Charles Le Brun [1619-1690] foi o primeiro pintor que estudou as expressões e os estados emocionais empregues no rosto. Para este, a fisiognomonia é a chamada ciência das paixões (admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza, medo, raiva, choro (Figura 8), desespero, pavor, horror, riso, cólera e inveja), ou seja, uma ciência da linguagem da alma.

Os estudos e ensinamentos sobre as emoções divulgados por Charles Le Brun ajudaram muitos artistas no seu processo sobre o conhecimento do rosto, como por exemplo, Franz Xaver Messerschmidt [1736-1783], conhecido pelas suas cabeças expressivas. Iniciadas a partir de 1770, as suas esculturas estão carregadas de uma forte intensidade emocional nunca antes registada em retrato. Este artista explorou as emoções e a personalidade humana ao máximo.

Para Messerschmidt, a personalidade de uma pessoa estava patente na sua face, e neste sentido, desenvolveu diversas esculturas (cabeças expressivas) com vários tipos de formas de expressão, tendo recorrido ao seu próprio rosto para chegar aos excepcionais bustos. O trabalho deste artista assume uma linguagem bastante modernista para a época: «[e]star na presença de uma multidão de rosto risonhos, carrancudos e alegres é ficar, de repente, consciente que a relação normal entre trabalho artístico e espectador foi invertida. Sentimos que nós, e não os objectos expostos, somos o sujeito, o centro da atenção.» (Gibson, 2010: A31).

Para se poder compreender e interpretar o rosto humano é preciso educar o olhar. Teremos que decodificar cada um dos elementos do rosto humano, apesar dos fatores fundamentais da sua expressão serem os olhos e a boca; os movimentos da testa, do nariz e do queixo também ajudam a dar-nos mais informações. É, através destes elementos, que conseguimos perceber a emoção que está patente nos rostos e identificar o que vai na alma; o rosto, todo ele fala como se nos quisesse transmitir algo.

Sendo o rosto o espelho da alma, ao longo da nossa existência vai existindo uma transformação que decorre da nossa forma de estar na vida, dos nossos objetivos e desejos que nos conduzem, por sua vez, a uma metamorfose exterior. Veja-se esta citação:

«A interioridade do sujeito era fluída, um complexo de paixões, emoções e tendências. A sua exterioridade, no entanto, era espacial e pertencia ao mundo dos fenómenos lineares e cromáticas da imagem. Esta externalidade possuía uma natureza móvel e plástica e uma estrutura que se foi definindo progressivamente. O rosto começava por ser na infância algo pouco característico. À medida que se crescia, este ia caracterizando-se cada vez mais. Isto acontecia porque a dinâmica interna determinava a forma exterior.» (Lloret, 2009: 462).

O rosto está sempre à nossa disposição; através dele conseguimos perceber o que está oculto por detrás da máscara e, para isso, é necessário observá-lo profundamente de forma a absorver tudo o que está para além da forma exterior. Esta captação pode ser alcançada através do desenho que ajuda a analisar todos os traços. Por isso, deve conduzir-se o aluno de modo a despertar para a dimensão de profundidade do mundo do rosto, que é algo extremamente deslumbrante e misterioso, levando-o a captar o que nele está implícito: aspetos de natureza psicológica, cultural, ética, estética e até aspetos técnicos, juntamente com os propriamente artísticos.

O rosto humano é um poderoso meio de comunicação, sendo algo extremamente importante para a aprendizagem: ajuda a alargar os horizontes, apesar de existir um conceito errado relativamente à dificuldade que se associa a este tipo de desenho. Normalmente as

pessoas acham que é muito difícil desenhar rostos, principalmente quem está no início da aprendizagem. Ora, o desenho do rosto não é complicado, é necessário aprender a ver e despertar a nossa visão para as formas, contribuindo, assim, para o seu enriquecimento cultural e a sua visão global da realidade.

Isto pode constatar-se, como anteriormente foi dito, pela ideia de que é necessário aprender a ver, com um olhar atento a todos os pormenores. Quando se consegue chegar a esse patamar, passamos a olhar o mundo de maneira diferente, mais especificamente os rostos do nosso quotidiano.

«O olhar implica uma atitude. Pomo-nos em posição não apenas de ver, mas de participar no espectáculo total da paisagem. [...] O olhar não se limita a ver, interroga e espera respostas, escruta, penetra e desposa as coisas e os movimentos. A reflexão da visão da fenomenologia supõe a reflexividade do olhar. [...] O olhar escava a visão. A vista é o único sentido que adquire assim uma profundidade interna: o olhar reenvia para o interior do corpo (como para o sem-fundo da alma).» (Gil, 1996: 48, 49)

Esta transmutação do olhar conduz a uma alteração na observação, ajudando-o na transição para uma modalidade diferente do mero processamento da informação, que vai auxiliar na obtenção de respostas inerentes ao mistério envolto ao rosto humano e conseguir obter bons resultados relativamente ao desenho do rosto e a toda a sua essência.

Esta essência do rosto que queremos captar está, segundo alguns, relacionada e tem conexão com o outro, ponto de um encontro face-a-face com o desconhecido, isto falando do rosto como espaço de encontro profundo de interioridade. Emmanuel Levinas [1906-1995], uma referência no pensamento filosófico contemporâneo, estudou a fenomenologia do rosto e defende a analogia do eu numa abertura ao outro, numa relação de reciprocidade pautada pela ética.

«O Outro, e a Outridade (são temas clássicos e caros a Blanchot, Deleuze e Lévinas, se bem que diferentemente agenciados), substituem-se por assim dizer, à idolatria do Mesmo, da Identidade, ao pensamento do Ser da Totalidade, viabilizando uma Outra topologia. Quer isto dizer, o Rosto apresenta-se não como objecto comum de percepção mas (metaforicamente) como espaço de fluxos e intensidades, espaço de transcendência (Infinito) na relação com o Outro: rosto intensivo, mais do que intencional.» (Costa, 2001: 111).

Um rosto depende da visão do outro para existir, para aprender e para evoluir eticamente. A alteridade é um encontro consigo próprio, na busca da proximidade, da

verdadeira essência do rosto, numa linguagem e diálogo ao serviço do outro. É através disto que o homem poderá crescer eticamente e reencontrar a beleza do rosto; um rosto mais admirável e humano. Eis aqui um profundo e sério desafio a lançar aos nossos alunos: passar do rosto próprio ao rosto do outro e deste aos outros e ao Outro.

3.2. Os elementos expressivos do rosto

O rosto é extremamente poderoso, nunca nos é indiferente. Existem rostos que nos transmitem confiança, outros desconfiança, por vezes fazemos juízos errados de pessoas que se cruzam connosco, só depois de conhecermos melhor a personalidade da pessoa é que chegamos realmente à verdade. No entanto teremos que estar atentos pois «o interior traduz-se no exterior da cara em gestos, traços, movimentos, olhares» (Gil, 2005: 22) e esta captação será difícil de ser desvendada completamente, porque o rosto é como um livro que teremos que o ler para perceber o que está por detrás dele.

O rosto pode ter diversas formas: quadrada, retangular, oval, redonda, triangular e alongada. Divide-se em três partes: a) zona superior (fronte, sobrancelhas, parte superior das orelhas), b) mediana (olhos, nariz, parte inferior das orelhas) e c) inferior (boca, lábios e queixo). Através do estudo de cada uma dessas partes é possível perceber a condição emocional e o carácter de cada pessoa. Segundo o investigador Freitas Magalhães, «O rosto tem dois lados, visíveis ao nível da expressão facial, que são comandados pelos nossos dois hemisférios: o direito – da motivação não-verbal, e o esquerdo – da motivação verbal» (2011: 39). Estes dois lados são mais facilmente detetáveis em pessoas com uma disfunção cerebral ou muscular. Este investigador mostra um exemplo de uma pessoa que teve uma lesão no cérebro no hemisfério direito afetando-lhe a parte muscular da face esquerda do rosto. Este indivíduo não consegue expressar as suas emoções por completo devido ao facto de só metade da cara se mover; a face esquerda encontra-se paralisada sem qualquer ação, acabando por afetar todos os elementos do rosto, não conseguindo expressar emoções básicas, como as de alegria e tristeza.

Como foi referido no capítulo anterior, os quatro elementos fundamentais do rosto são os olhos, nariz, boca, orelhas. Os olhos constituem o elemento mais importante do rosto, é a partir da observação atenta destes que se consegue descobrir mais profundamente a personalidade de uma pessoa, uma vez que estes são muito expressivos e demonstram toda a emotividade do ser humano. A boca, não menos importante que os olhos, frui de uma beleza

única não sendo encontrada nem comparada com a de outros animais e ao contrário dos olhos, é a mais expressiva do ser humano. As expressões da boca e dos olhos respondem às reações de emotividade do ser humano. Estas reações:

«são individuais e determinadas pelo temperamento do indivíduo, pelo seu carácter, mas também pelas circunstâncias do momento -- as mesmas que condicionam a sua vida quotidiana. Por isso é essencial sabermos interpretar a tensão -- ou o relaxamento-muscular do rosto em estudo. Assim, facilmente se poderá determinar o temperamento e o carácter do indivíduo, observando a expressão dos seus olhos e da sua boca.» (Stanké,1974: 59).

Conforme refere Stanké, nos vários estados emocionais como o medo, os olhos encontram-se muito abertos e enrugados, e ao mesmo tempo, fixativos e os lábios direcionados para baixo; no caso da raiva, os olhos estão quase fechados denotando uma agressividade na expressão e os lábios proeminentes. Na alegria, tanto os olhos como a boca estão relaxados, a boca está direcionada para cima em direção aos olhos.

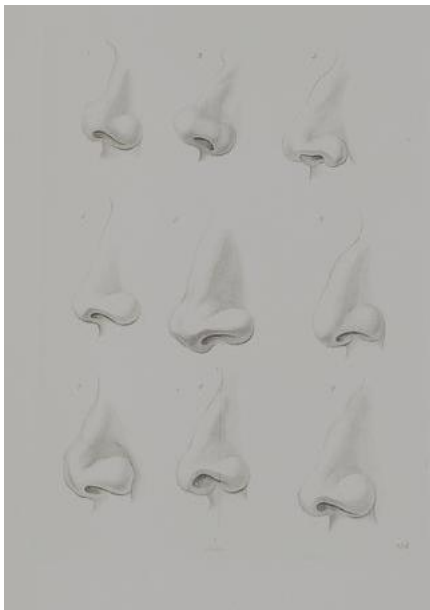


Fig. 9 - Lavater, estudo de narizes, 1786



Fig. 10 - Lavater, estudo de bocas, 1786

Como vimos em todos os estados emocionais e segundo Louis Stanké, tanto a boca como os olhos são elementos importantes para descobrir os significados do rosto, porém o nariz, apesar de ser uma parte do rosto que não tem expressão, é um dos elementos mais reveladores da personalidade e carácter de um indivíduo. Através deste, podemos descobrir as capacidades intelectuais e a sensibilidade de uma pessoa; quando este é muito desenvolvido

mostra uma personalidade e carácter forte. O último dos elementos do rosto, mas não menos importante, a orelha sendo a mais difícil de encobrir e de modificar, é reveladora na identificação de um talento, como por exemplo uma aptidão para as artes.

Em síntese, os elementos que compõem o rosto assumem um carácter importantíssimo na expressão do ser humano, não só no sentido de podermos perceber o que eles querem transmitir, mas também o que cada um deles representa isoladamente na arte do desenho.

3.3. O rosto como ícone do imaginário e da arte

O rosto faz parte da história das artes, a captação de toda a sua essência, tanto das formas como das expressões. Foi sendo estudada por diversos artistas e investigadores ao longo dos séculos, estando estes ligados a diversos ramos de atividade artística, como pudemos constatar anteriormente.

Muitas foram as experiências desenvolvidas desde a antiguidade até aos nossos dias no que diz respeito ao rosto humano no âmbito das artes, nomeadamente no desenho, pintura, escultura e fotografia. Os vários movimentos artísticos como o realismo, o impressionismo, o expressionismo, o futurismo, o surrealismo, entre outros, trouxeram à pintura novas abordagens e formas de expressão, principalmente no que diz respeito ao rosto humano, como exemplo podemos ver na figura 11 o autorretrato do pintor surrealista Salvador Dalí [1904-1989].

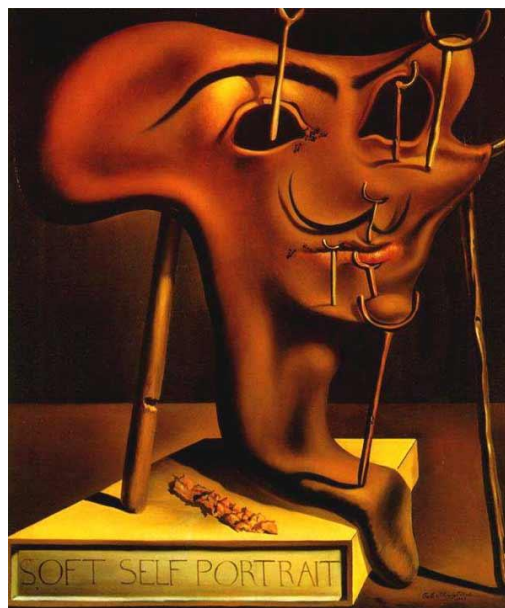


Fig. 11 - Salvador Dalí, autorretrato com toucinho mole assado, 1941

O desafio da captação do rosto, foi um trabalho pessoal desenvolvido pela maior parte dos artistas com diferentes abordagens, perspectivas e percepções. O escultor Guido Mazzoni [1445-1518] trabalhou o rosto com grande genialidade estando a sua obra «impregnada de forte personalidade e minúcia no tratamento dos rostos e na gestualidade dramática imposta às figuras» (Flor, 2010: 46).

Muitos foram os artistas e investigadores que estudaram o rosto em diversos campos, do ponto de vista antropológico, frenológico, etnológico e psicológico, pois:

«O rosto como manifestação da personalidade do indivíduo constitui-se como um dos grandes temas da arte em todos os tempos. A idealização, a radicalização da caricatura, a ternura e o sarcasmo possibilitam, em conjunto com o desejo de fidelidade e respeito face à personalidade do retratado, algumas atitudes mais comuns. Além disso, a fisionomia procurou interessar-se pela manifestação e reconhecimento das paixões através dos movimentos do rosto» (Cabezas & Molina, 2011: 329).

No seguimento do que Cabezas expõe, o rosto é uma forma de comunicar. Esta necessidade está presente no ímpeto humano uma vez que o homem se serve de vários meios para disseminar ideias, sentimentos, emoções e sensações. O desenho é, desta forma, necessário para a transposição de toda a sua explosão interior. Esta converte-se na pintura, tendo tido um desenvolvimento excepcional e tem como objetivo explorar, através de materiais e técnicas diversas, a imaginação do artista, passando para a tela toda a expressividade e personalidade.

A imaginação é algo que faz parte da condição humana. As crianças desde muito cedo começam a desenvolver a sua capacidade criadora, explorando a sua fantasia. Cada ser humano cria na sua mente várias imagens, tendo o rosto um papel muito presente na mente humana uma vez que este faz parte do quotidiano do homem e está presente diariamente na nossa vida. Como diz Gil «o rosto tem em si todas as formas do mundo» (Gil, 2005: 19). Não surpreende que o rosto esteja permanentemente presente na arte ao longo de todos os tempos. O homem percebe em cada rosto uma imagem real ou imaginária; ele próprio faz a análise de cada rosto que pode ter como referência algo que faz parte do mundo imaginário.

«A imaginação é uma das facetas mais misteriosas do homem. Pode ser vista como elo de ligação entre o consciente e o subconsciente, onde decorre a maior parte da nossa actividade mental. É a argamassa que mantém unidas a personalidade, a inteligência e a espiritualidade do homem. E porque a imaginação é sensível às três, obedece, de modo legítimo se bem que

imprevisível, aos ditames da psique e do espírito. Assim, até as manifestações artísticas mais íntimas podem ser compreendidas a algum nível quanto mais não seja a um nível intuitivo.

A imaginação é importante por nos permitir conceber toda a espécie de possibilidades em relação ao futuro e compreender o passado de modo a manter-lhe vivo o valor no presente.» (Janson, 1992: 10).

A imaginação é imprescindível em qualquer abordagem que esteja ligada ao desenho ou à pintura, podendo mesmo dizer-se que ela é como que um instrumento do artista ao qual pode recorrer. O rosto humano faz parte do imaginário da arte, a imagem mental que se forma é o resultado da visão e percepção do artista. No entanto, o rosto poderá basear-se, de igual modo, no universo real.

No nosso dia-a-dia, quando nos falamos de alguma pessoa que não conhecemos pessoalmente, temos a tendência natural de pôr a nossa imaginação a funcionar e de ir criando a imagem dessa pessoa que a maior parte das vezes não corresponde à realidade. Quando finalmente, conhecemos essa pessoa apercebemo-nos que a pessoa que idealizamos não corresponde à realidade. Mas não ficarão indelevelmente unidos o rosto imaginado e o rosto “real”? Poderá o rosto ser interiormente representado fora do espaço do afeto? E este, uma simbiose da realidade e imaginação? «[A] imaginação oscila entre aquilo que a rigidez da imagem do espelho de vidro nos dá friamente sem envolvimento, e aquilo que ela queria ver como numa fugidia imagem de uma água dormente. Isto é, como revelação da sua ideal naturalidade.» (Ramos, 2002: 247).

O universo imaginário é muito vasto, existindo uma grande liberdade na criação. Todos somos diferentes, e por isso, temos a tendência em criar universos diferentes. A própria criança é um testemunho vivo da importância da imaginação como forma de libertação e, ao mesmo tempo, de criação e exaltação de sentimentos.

Esta confluência de realidade e imaginação confere frequentemente ao rosto humano a qualidade e o estatuto de ícone. Os ícones estiveram durante muito tempo associados à imagem sagrada. Uma das mais importantes é a “Madonna de St. Francesca Romana” do séc. VI ou VII, não se sabendo bem ao certo. Esta imagem era considerada o ideal de beleza humana, «é uma obra de extraordinária força, que nos faz compreender como os homens chegaram a acreditar na origem sobre-humana das imagens sagradas.» (Janson, 1992: 228). O próprio rosto de Cristo ocupa um lugar primordial na esfera do imaginário cristão, assumido como um ícone religioso supremo, de tal modo que, ao longo dos séculos, tem existido uma constante busca da imagem mais semelhante à do rosto de Cristo.

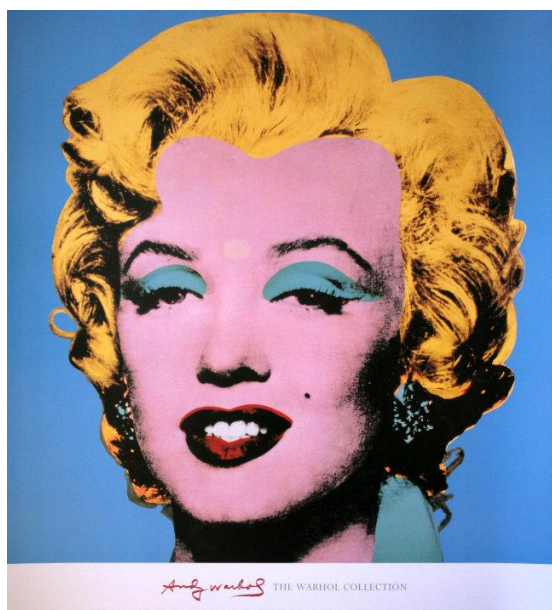


Fig. 12 - Andy Warhol, retrato de Marilyn Monroe, 1964

Já na sociedade moderna, o ícone deixou de estar associado ao sagrado e passou a assumir outros significados mais prosaicos. Um exemplo é o retrato (figura 12) de Marilyn Monroe [1926-1962], realizado pelo artista plástico Andy Warhol [1928-1987], também ele um dos maiores ícones do imaginário pop. Este retrato está carregado de conotações, tanto culturais como sexuais, como se pode verificar. Também esta imanentização do rosto-ícone, do sagrado no profano, do divino no “demasiadamente humano”, do sublime no banal do quotidiano, pode constituir um pretexto de problematização para os alunos. É preciso levá-los a compreender criticamente que esta sociedade carregada de verdadeira insatisfação busca, no seu imaginário, formas de preencher o seu vazio. Ora, o rosto humano, como é um meio identitário fácil de aceder, é usado frequentemente nas mais variadas áreas da moda, publicidade, televisão e internet.

4. Retrato e autorretrato: a busca da identidade

4.1. Aspetos históricos

Muitos artistas fizeram do rosto humano o seu utensílio de trabalho, explorando-o de formas diversas e recorrendo a variados materiais e suportes. Grandes obras foram deixadas como herança ao longo dos tempos, retratos que fazem parte da história da pintura e escultura.

A arte do retrato remonta à civilização do Antigo Egito e é um tema que foi e continua a ser de grande importância na história da pintura. Apesar de se ter perdido na idade média, no século XIV reaparece progressivamente como retrato autónomo com características que remontam à época medieval e renascentista:

«tanto na escultura como na pintura de quatrocentos na Flandres/Borgonha, os artistas buscaram incessantemente o realismo para os seus retratos e seguiram os mesmos cânones visuais para representar os encomendantes das obras quer como intervenientes activos na narrativa que se desenvolve, quer como simples espectadores da cena.

Com o desenvolvimento da técnica de pintura a óleo e a aplicação pontual de meios mecânicos [...] para a realização das obras, os pintores flamengos conseguiram um extraordinário avanço iconográfico e científico para a arte do retrato e contribuíram grandemente para a autonomização deste género artístico, tão subjugado pelas outras temáticas ao longo dos séculos XIII e XIV. A qualidade plástica que tais retratos atingiram permite satisfazer o mais ambicionado dos anseios dos artistas deste tempo: a captação da dimensão psicológica do retratado.» (Flor, 2010: 36).

No século XVI as mudanças a nível social, político, cultural e estético transformaram a arte do retrato, tornando-se fundamental para o artista conseguir uma verosimilhança do retratado. Esta é uma verdadeira prova pela qual o artista terá que passar de forma a adquirir a semelhança completa do retratado, pois:

«A principal função do retrato reside então na vontade de nos dar a ver o rosto de outro homem. Graças ao retrato podemos voltar a ver o rosto de quem já viveu há mais de dois milénios. É um aspecto simples e banal, no entanto apresenta uma particularidade à qual não ficamos indiferentes. De facto, o retrato para além de mostrar o rosto de alguém do passado, impede que essa pessoa desapareça para sempre pois deixa viva a sua recordação.» (Ramos, 2010: 14).

Ora um exemplo bem conhecido de um rosto do passado é o famoso retrato intitulado Gioconda, mais conhecida por Mona Lisa de Leonardo da Vinci que se encontra no Museu do Louvre em Paris. Foi considerado o maior génio da história e mesmo um sábio devido à sua multiplicidade de talentos, desde cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, filósofo, entre outros.

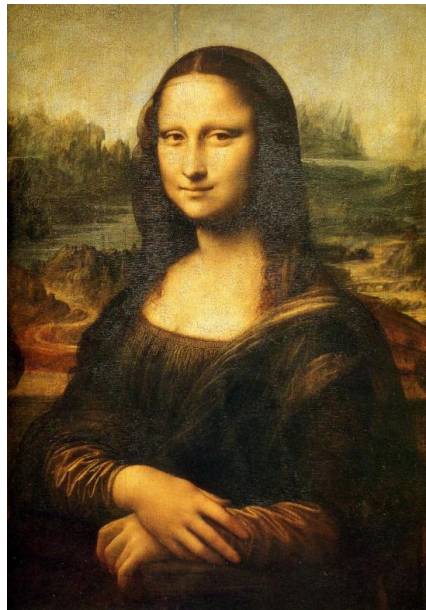


Fig. 13 - Leonardo da Vinci, Mona Lisa, 1503

O retrato da Mona Lisa (figura 13) foi uma obra famosa desde o momento da sua criação, tendo demorado cerca de quatro anos para ser concluída. O quadro apresenta uma mulher com um sorriso misterioso e com um olhar penetrante; o olhar de Mona Lisa acompanha o espetador em qualquer posição onde se encontre e isto deve-se ao facto de o olho esquerdo se posicionar precisamente no eixo central do quadro. Este quadro tem sido estudado por cientistas e pintores, no sentido de captar a mensagem que este quer transmitir. Muitas análises foram feitas para perceber a personalidade e as emoções da retratada e principalmente desvendar o seu sorriso. No entanto, ainda não foram conclusivas, continuando a ser um enigma.

Não tão conhecido, mas não menos importante, o emblemático autorretrato (figura 14) da pintora portuguesa Aurélia de Sousa [1866-1922] também nos deixa confusos sem saber o que realmente transparece do seu rosto. Ele inquieta-nos e, ao mesmo tempo, perturba-nos devido ao seu misterioso e enigmático rosto:

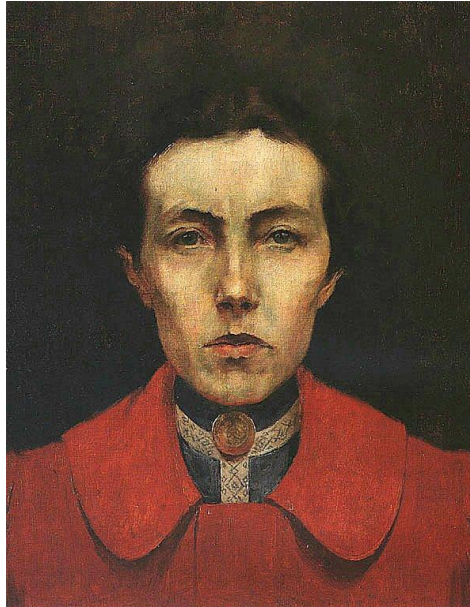


Fig. 14 - Aurélia de Sousa, autorretrato, 1900

«de casaco vermelho, c.1900, é uma obra-prima na pintura do retrato em Portugal. Realizado possivelmente em Paris, a sua qualidade reside na conjugação entre a composição regrada no tratamento da figura, o seu esquema cromático moderno, e a interpretação psicológica que o olhar azul introspectivo e questionante deixa no espectador. As opções cromáticas manifestam um contraste entre o enquadramento escuro da figura e o vermelho expressivo do casaco, que fecha a blusa azul com camafeu. Com uma simplicidade formal, mesmo clássica no desenho geométrico da imagem, a obra sugere os valores modernos da época na atitude, poética simbolista, da contenção do rosto, na luz artificial mas, sobretudo, na força psicológica que se sente no olhar e que coloca esta obra para além do seu tempo.» (Duarte, 2012: 40)

Os retratos foram usados de diversas formas, como forma de poder, tanto religioso como político, como forma de imortalização humana, como exemplo de moralidade, de intelectualidade e ostentação pessoal. Os seus materiais e suportes foram evoluindo ao longo dos tempos.

4.2. Aspetos sociológicos e culturais

Com o aparecimento da fotografia em 1826, a arte do retrato começou a perder o seu protagonismo, contudo o rosto passou a ser um elemento fundamental e de grande importância na prática fotográfica, não se limitando a fotografar apenas personalidades

importantes da história, mas também pessoas anónimas. Na antiguidade os pintores eram chamados para retratarem personalidades políticas e religiosas. Hoje em dia a fotografia desempenha esse papel, apesar de muitos considerarem que, para perpetuar uma pessoa poderosa a pintura consegue uma abordagem mais naturalista. No entanto, e segundo Lino Cabezas, «a fotografia tem vindo a dar o seu auxílio com um extenso reportório de imagens de todo o tipo de rostos com gestos e expressões diferentes.» (2008: 286), o que tem sido benéfico para a arte e principalmente no que concerne à questão do seu uso social.

No século XX a introdução da fotografia digital foi o culminar de uma reviravolta mais facilitadora no processo comunicativo. Num instante fica registado o rosto e a expressão de alguém, a imagem faz cada vez mais parte do dia-a-dia de todos nós.

Com a chegada dos movimentos estéticos e artísticos de contemporaneidade, o retrato e o autorretrato adquirem novos significados. Assim, o fotógrafo e pintor Chuck Close [1940] nas suas obras, utiliza uma técnica semelhante ao retrato fotográfico. O primeiro trabalho que realizou em 1969 foi um autorretrato a preto e branco em grande formato, utilizando diferentes fotografias do seu rosto, que o levou à notoriedade. Considerado um hiper-realista, retratou vários amigos utilizando diferentes técnicas.

«os sujeitos de Close desintegram-se num campo de pintura abstrato. À distância, transformam-se na imagem fotográfica na qual são baseados. Experimentar um quadro de Close é mais um processo conceptual do que psicológico. Os seus sujeitos parecem menos pessoas do que armaduras para ensinar que as pinturas e as fotografias são feitas de discretos fragmentos de informação. É minimalismo brilhante sintetizado num retrato.» (Howgate Auping, & Richardson., 2012: 44).

Já Francis Bacon [1909-1992] desenvolveu uma série de retratos e estudos, inclusivamente retratos em trípticos, que representavam três imagens de um indivíduo com toda a sua expressividade em diferentes posições e que se encontra desfigurado. Conforme afirma Courtine-Denamy:

«É inegável que se sente um mal-estar, intrinsecamente mesclado a uma sedução profunda, quando se observam as cabeças de Bacon, muitas vezes qualificado de “pintor da crueldade”. Os seus retratos e os seus autorretratos, deformados, moribundos, dolorosos, torturados, rostos enrugados e encolhidos num olho, numa boca, num grito cuja agitação e tormento interiores são traídos pelos estremecimentos perceptíveis, apesar da imobilidade da figura, continuarão a ser apenas “rostos”? Não serão, sobretudo, “carne” através das deformações a que Bacon os sujeita, até extrair deles o seu interior musculado.» (Courtine-Denamy, 2004: 290)

Bacon pretendia com os retratos e autorretratos (figura 15) libertar-se da forma e sair do rosto, revelando as forças interiores e os sentimentos mais profundos e obscuros, desfigurar e transfigurar uma cara que já não é só rosto. Essa «desfiguração que não é, [...] sinónimo de desumanização» (Courtine-Denamy, 2004: 291), foi considerada chocante, pois contém uma deformação violenta das formas. Os seus quadros representavam a tragédia de uma forma perversa, a face desaparece e desintegra-se.

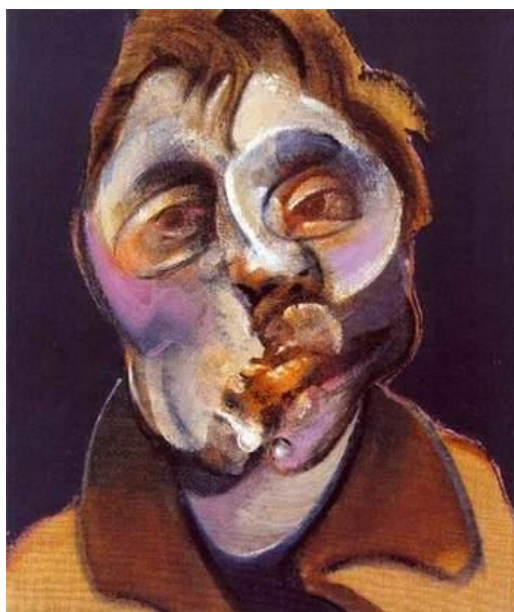


Fig. 15 - Francis Bacon, autorretrato, 1969

«Os numerosos e multi-facetados auto-retratos de Francis Bacon não foram de forma alguma influenciados apenas por Picasso e pela fotografia experimental do século 19 (Muybridge), devem quase tanto às formas em movimento de Rembrandt ou ao realismo de Velásquez e Goya. Bacon era um representante do modernismo que recorreu inteiramente ao espírito do Existencialismo cru para criar uma imagem de si próprio, e de si próprio enquanto ser humano. A sua obra é inspirada, ou melhor amaldiçoada, por dúvidas abissais acerca dos objetivos metafísicos (Deus, ideia, harmonia) e dos valores básicos da civilização (humanidade, progresso, justiça)» (Rebel, 2009: 84).

Com a chegada da Pop Art - «uma realidade duplamente marcada pelos mass media e pela sociedade tecnológica.» (Sami-ali, 2002: 56) - evidenciada principalmente pelos retratos de Andy Warhol [1928-1987], conhecido como o principal artista plástico deste movimento, o rosto humano sofre um processo de artificialização através da série de retratos de figuras

conhecidas como Marilyn Monroe, Liz Taylor, Michael Jackson, Elvis Presley, entre outros. Estes trabalhos com cores fortes e brilhantes eram reproduzidos em série com alterações de cores através da técnica da serigrafia.

Os retratos de Warhol caracterizam-se pela mecanização e tecnicização do rosto humano. Pretendia que todas as pessoas fossem estrelas nem que fosse apenas por um dia. Esta banalização estética do rosto manifesta «a estética da absoluta subjectividade, de uma subjectividade sem sujeito que é também uma objectividade sem objecto.» (Sami-ali, 2002: 70). Nos seus autorretratos Andy Warhol tinha como intuito distanciar o espectador, criando uma imagem superficial através da sua postura, sendo o seu olhar distante e as suas autorrepresentações mostravam toda a sua essência, uma indiferença e ao mesmo tempo uma ausência do rosto banalizado. Warhol pretendia «achatar o rosto humano numa fachada cosmética.» (Howgate et al., 2012: 52).

4.3. Aspetos éticos e antropológicos

Como pudemos constatar através do que foi referido sobre Andy Warhol, «[s]e o fim da modernidade veio revelar a fragilidade e ambiguidade do progresso científico e tecnológico, a pós-modernidade revela a fragilidade moral do Homem e a desorientação do sentido do humano [...] caracterizado como vazio, efémero, *light* ou sem valores.» (Almeida, 2007: 21)

A preocupação pela beleza exterior proporciona uma camuflagem da verdadeira realidade em que vivemos, a aparência que reflete no espelho ou que se quer mostrar aponta para uma sociedade que se transformou negativamente, sociedade essa individualista e narcisista, muito virada para si e para as suas satisfações, deixando para trás as relações humanas para se encontrar com o chamado dito “objeto” de consumo superficial sem qualquer espiritualidade.

Ora é neste ponto que começa o desafio que o retrato e o autorretrato colocam. Este direciona-se no sentido de levar o espectador a captar e a descobrir a essência principal de cada rosto, exigindo por isso, da parte do artista, uma grande sensibilidade para conseguir alcançar toda a expressividade e personalidade do modelo. O holandês Rembrandt [1606-1669], no seu percurso como pintor, elaborou inúmeros retratos com uma exatidão e perfeição excepcionais. Foi mais além disso, na busca da alma, pois este consegue facilmente entrar no carácter do retratado. Retratou-se ao longo da sua vida (figura 16), na juventude, maturidade e

no fim da sua vida. Através destes podemos descobrir o percurso da vida do pintor, com as alterações físicas próprias do passar dos anos, tendo explorado os segredos da expressão no seu próprio rosto, investigando mais o dramático, a profundidade das emoções e sentimentos.

«Em quase 90 auto-retratos, provou como o interesse autobiográfico e a insaciável curiosidade de encenação podiam repetidas vezes, produzir diferentes variações sobre o tema do auto-retrato. O esquema visual das personagens de Rembrandt situa-se entre a elevada dignidade pessoal (representações como apóstolo ou soberano) e a baixeza (pedinte, bobo, carrasco). E no centro de todas as suas aparições a expressão facial é o dramático, e tantas vezes experimentalmente explorado, campo de constantes metamorfoses.» (Rebel, 2009: 50).



Fig. 16 - Autorretrato de Rembrandt, 1634

O autorretrato implica uma reflexão e intimidade do próprio artista, «é um objecto que é de certo modo familiar, porque convoca fantasmas que assombram a categoria relativamente recente do Eu.» (Medeiros, Rosenthal, & Serpa, 2008: 27). Surge então um conflito, uma dualidade entre o eu interior e o eu exterior. O artista explora o que quer evidenciar, revelar a sua interioridade ou então alterar a sua personalidade com uma pequena linha no rosto. Isto explica-se pela liberdade que tem em expor a sua vida interna aos outros, numa idealização do eu com todas as suas componentes psicológicas e físicas. A questão que aqui se coloca é se essa idealização que o artista expôs de si próprio é realmente a sua verdadeira face ou se é aquela com que os outros o vêem.

Albert Dürer [1471-1528] é um interessante exemplo desse processo de idealização do eu. Dürer tinha um fascínio pela sua figura, tendo-se autorretratado numerosas vezes. O mais importante e polémico autorretrato, que vemos na figura 17, manifesta algo de misterioso. Representa-se frontalmente como uma espécie de figura de Cristo, com longas tranças douradas, uma simplicidade extraordinária e uma fidelidade extrema.



Fig. 17 - Albert Dürer, autorretrato, 1500

«Nenhuma outra obra une tão abertamente de modo tão altivo e ao mesmo tempo tão modesto, todas as máximas da piedade e de reflexão artística que vigoravam na passagem de século 15 para o século 16. [...] o pintor fez de si próprio o modelo do ser humano, do artista e próximo de Deus. Aquilo que confundiu todos os amantes da arte e os peritos ao longo dos séculos nesta obra sensacional, o seu decisivo embora confuso toque de génio, foi a transformação do aspecto do artista como se fosse visto num espelho sob a imagem idealizada de Jesus Cristo.» (Rebel, 2009: 30).

4.4. O jogo entre manifestação e ocultação do eu

No seguimento do que foi referido relativamente ao autorretrato e à dualidade entre o verdadeiro e o falso, os artistas têm o poder nas suas mãos, quanto à produção da obra de arte, neste caso específico do retrato e do autorretrato. Imortalizar e manifestar a personalidade, ou

jogar com a expressão, ocultando a realidade? Esta duplicidade que aqui se questiona é exposta pelo filósofo Martin Heidegger como um combate entre mundo e terra, pois:

«Mundo e terra são essencialmente diferentes um do outro e, todavia, inseparáveis. O mundo funda-se na terra e a terra irrompe através do mundo. Mas a relação entre mundo e terra nunca degenera na vazia unidade de opostos, que não têm que ver um com o outro. O mundo aspira, no seu repousar sobre a terra, a sobrepujá-la. Como aquilo que abre, ele nada tolera de fechado. A terra, porém, como aquela que dá guarida, tende a relacionar-se e a conter em si o mundo.» (2004: 38)

Na obra de arte o mundo assume um papel de abertura e manifestação do ser, enquanto que a terra, esconde e dissimula, este conflito entre clareira e ocultação, como refere Heidegger, proporciona uma abertura ao ser em busca da verdade, procurando descobrir o seu verdadeiro eu. A verdade é, então, acontecimento deste combate.

A busca da verdade tem sido trabalhado por muitos artistas, Lucian Freud [1922- 2011] pretendia desvendar a realidade que estava por detrás da personagem e para isso preferia os modelos ao vivo que não eram imagens estáticas. Através desses modelos, ele representava a figura humana com todas as suas angústias, as suas pinturas estavam relacionadas com pessoas pelas quais se interessava e preocupava.

Em todos os seus retratos sente-se uma presença viva, uma vez que estabelecem uma relação entre ele e o retratado, «A pincelada de Freud nunca se ficou por padrões previsíveis. Camadas de tinta eram construídas como tecido subcutâneo e a energia subtil e atenta que se reflete na pincelada de Freud é análoga à liquidez pulsante do corpo que respira à sua frente. Certamente é por isso que sentimos uma presença viva nos retratos de Freud e não só uma imagem de semelhança» (Howgate et al., 2012: 47).

Na linha do pensamento deste mesmo autor, podemos dizer que a surpreendente abordagem que confina à pele é de uma sensibilidade extrema como que se estivéssemos a entrar na mesma, conseguindo, através da manipulação da luz, uma intimidade física. A honestidade imposta nos seus retratos mostra a presença intimista até mesmo incómoda, carregada de grande intensidade.

O realismo empregue nos retratos de Freud foram também aplicados nos seus autorretratos, conforme Howgate revela. O espelho era o instrumento de Freud para a captação dos vários olhares do artista na busca da sua verdadeira identidade.

Esta procura da identidade foi uma constante na evolução do autorretrato. Inúmeras questões rondam este tema, como acontece quando nos olhamos ao espelho. Muitas vezes não nos vemos na realidade, ou não nos reconhecemos; existe como que um ser enigmático à

nossa frente. Outras vezes, o espelho mostra-nos mil expressões diferentes que teremos que decodificar de forma a captar a verdadeira realidade do momento, pois o nosso estado de espírito pode transformar completamente a nossa aparência.

«A nossa imagem reflectida no espelho é uma imagem especular, onde as características do modelo, um corpo humano vivo, inviabilizam a tentativa de congelar essa imagem. Vemos uma imagem que muda de contornos a cada movimento, a cada momento. Então, durante a execução de um auto-retrato, instala-se um jogo entre entender e memorizar o que se vê, a fim de desenhar com clara recordação perante uma imagem que tende permanentemente para a fugacidade e efemeridade.» (Ramos, 2002: 245).

A busca da fórmula individual tem sido o ponto de partida dos artistas, ao longo dos tempos, que sentiram necessidade de se conhecer ou de se dar a conhecer. No entanto, só a partir dos inícios do Renascimento é que podemos ver uma exploração mais profunda e sistemática relativamente ao autorretrato. Os artistas são movidos pela pergunta sobre si próprios, pois como refere Adams «o autorretrato revela uma procura pela identidade e responde às questões: Quem sou eu? Como é que eu sou? Como é que me posso apresentar aos outros?» (Adams, 2001: 17).

A experiência do autorretrato leva-nos à posição do observador, ao descobrimento de nós próprios e da profundidade do nosso «eu». Através do espelho podemos refletir sobre a nossa imagem. O nosso olhar encara outro olhar que é o nosso, sendo uma confrontação entre nós próprios, quase como um encontro intenso de autenticidade, do qual não conseguimos fugir.

O espelho é realmente um instrumento muito usado pelos artistas quando se querem autorrepresentar, como é o caso de Jorge Molder [1947]. Este fotógrafo português tem tido um papel significativo na arte portuguesa e o seu trabalho baseia-se na autorrepresentação (figura 18). Desde 1987 tem trabalhado este tema, tendo começado com uma série denominada “Auto-Retratos”.

Comentando a reflexividade dos autorretratos de Jorge Molder, Delfim Sardo afirma:

«[A]s fotografias em que Jorge Molder usa o seu próprio corpo – ou o seu rosto – desdobram-se frequentemente em imagens reflexas que remetem para a cisão interna do sujeito, para a fenda que espreita sempre no interior da identidade. [...] o artista define um ambiente, uma teia de relações, frequentemente melancólicas, em torno de um universo povoado de espelhos.» (Sardo, 2011: 108).

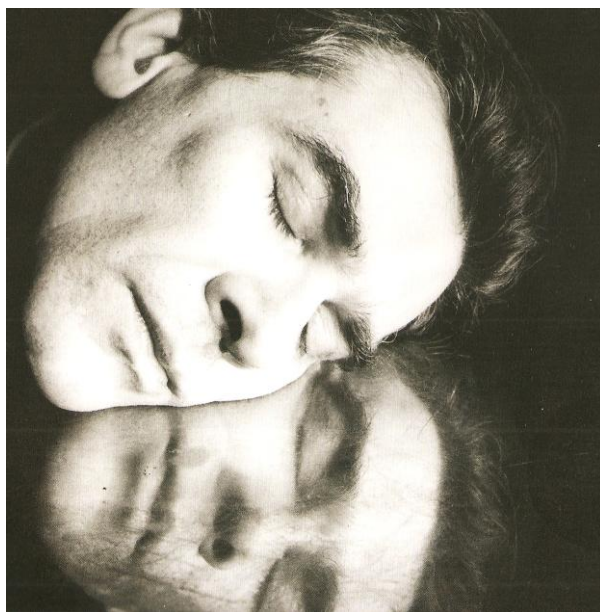


Fig. 18 - Jorge Molder, fotografia gelatina de sais de prata, 1992

Muitos outros artistas aprofundaram este tema, que encarnam outros tantos pontos de vista técnicos e filosóficos sobre a relação entre os próprios e as suas imagens.

É evidente que, quando os artistas se representam a si próprios, desejam transmitir uma imagem deles que, muitas das vezes, não é a real, mas como pretendem ser vistos pelas outras pessoas, mostrando uma imagem fictícia, fingindo emoções, encobrindo determinados aspetos da sua personalidade e revelando o que gostariam de ser. Picasso [1881-1973] retratou-se com diferentes identidades como que disfarces do seu carácter, colocando nos seus olhos toda a sua essência. Começou a retratar-se em 1894 até 1972. O último autorretrato deixa-nos assombrados, uma vez que os olhos são evidenciados com uma tal força que ficamos extasiados.

Na sequência do que foi dito anteriormente relativamente à dissimulação e manifestação do retratado, outros artistas poderiam ser apresentados como genuínos. Um dos trabalhos mais impressionantes foi desenvolvido pela artista Frida Kahlo [1907- 1954]. Quem não conhece a vida desta artista, não consegue perceber a plenitude da sua obra. Esta é a autora de autorretratos impressionantes que fizeram história nas artes plásticas. O sofrimento e tristeza empregue nos seus autorretratos percebem-se através das suas expressões, conseguimos descobrir a verdadeira essência do seu rosto, percebendo que nem sempre o rosto tem de ser belo para ser autêntico, o mais importante no rosto é a sua dimensão ética e humana.

Como se pode verificar, o retrato e o autorretrato têm sido trabalhados de diferentes modos, assumindo contornos bastante diferentes na atualidade. Lamentamos vê-los manipulados na interação com o espectador. Lamentamos também vê-los subjugados pelos padrões de beleza impostos pela sociedade, dando mais importância à beleza física do rosto e esquecendo-se da verdadeira importância da beleza da alma.

Concordamos com Rebel, «[c]ada ser humano tem um perfil único. Representá-lo significa captar a pessoa fielmente e encontrar a sua fórmula individual» (Rebel, 2009: 10). Por isso, consideramos ser urgente que os discentes sejam ajudados a alcançar a verdadeira essência do rosto do retrato e do autorretrato, explorando na linha do pensamento de Courtine-Denamy:

«Naturalmente, o rosto é “eloquente”, é, como dizia Diderot, a tela originária sobre a qual se pintam todas as paixões, todos os movimentos da alma: atingir, para além do rosto do homem, para além da visibilidade do retrato, para além da interioridade do autorretrato, este invisível que é a alma agitada de paixões.» (Courtine-Denamy, 2004: 13)

E, para que os alunos consigam chegar ao núcleo da questão, estes temas irão ser explorados a nível pedagógico.

Excursão: conclusão da Primeira Parte

De tudo quanto foi exposto acerca do tema que investigámos, podemos sistematizar algumas ideias orientadoras. Em primeiro lugar, o rosto é extremamente importante e tem de ser valorizado em todas as suas vertentes. É necessário descobrir o que está para além deste para que possamos percebê-lo e valorizá-lo numa dimensão humana, ética e antropológica, proporcionando uma aproximação entre seres. Neste sentido, o retrato e o autorretrato são subtemas que constituem uma oportunidade de captação e conhecimento da verdadeira personalidade de um indivíduo. Constatámos também que o desenho é ensinável e assume um papel preponderante na formação do ser humano.

Estas ideias serão agora pretexto de um trabalho pedagógico e didático com os nossos alunos da turma de estágio. Este trabalho pedagógico-didático tem como objetivo proporcionar um leque de atividades onde os alunos terão a oportunidade de aprender e desenvolver as ideias referenciadas. Para tal desenvolveremos os passos que a seguir descrevemos.

Dinamização de uma visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda e uma intervenção no espaço escolar, de forma a propiciar aos alunos um aprofundamento dos seus conhecimentos tanto a nível estético e cultural como também a nível humano, através do contacto com novas realidades e situações que não fazem parte do seu quotidiano.

Elaboração do retrato de um colega, por forma a obter toda a expressividade e identidade do retratado, encaminhando-os posteriormente para a execução de um painel em madeira. Terão, também, a oportunidade, através de um workshop de caricaturas, de desvendar toda a essência de um indivíduo. Estes trabalhos irão ajudar os alunos a alcançar e a valorizar as relações humanas, onde os sentimentos serão desenvolvidos com o objetivo de descobrir e mostrar a verdade, pois cada rosto é único e tem de ser valorizado pelo que tem de melhor. Assim, progredirão no conhecimento da natureza humana, na sua profundidade ética e antropológica.

Os alunos terão ainda oportunidade, de refletir, procurar e mostrar a sua personalidade através da realização de um autorretrato. Por fim, irão reproduzir um rosto de cabeça para baixo, no sentido de aplicar a teoria de Betty Edwards, anteriormente referida no nosso trabalho. Este projeto ajudará os alunos a ganhar autoconfiança e a valorizar o desenho, que lhes poderá ser muito útil no futuro.

**SEGUNDA PARTE: APLICAÇÃO
DO TEMA NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Nesta segunda parte do nosso trabalho, daremos conta da prática pedagógica, na qual desenvolvemos com os discentes o tema nas suas principais vertentes pedagógicas, artístico-estéticas, éticas e culturais, de modo a atingir os objetivos que nos propusemos no início deste relatório.

5. Contexto da turma de estágio

5.1. A Escola e o seu contexto

A Escola tem um papel preponderante na preparação do indivíduo para o futuro. É através dela que o indivíduo tem acesso personalizado ao conhecimento, à cultura, à informação. Tal como toda a realidade, também a escola é hoje palco de alterações muito significativas, como muito bem sublinhou António Estanqueiro:

«[a]ctualmente, os alunos e alguns pais manifestam comportamentos mais agressivos do que as gerações anteriores. A escola é, neste aspecto, um reflexo da sociedade. Numa sociedade onde observamos, todos os dias, o desrespeito pela autoridade, a falta de civismo ou mesmo a violência nas relações interpessoais, não podemos esperar que a escola seja um oásis de tranquilidade! Mesmo assim, é justo reconhecer que as escolas são dos lugares mais seguros para as crianças e adolescentes.» (Estanqueiro, 2010: 63)

Os comportamentos alteraram-se devido, principalmente, aos ambientes familiares instáveis; os pais passaram a delegar a tarefa de educar unicamente à escola, ou mais propriamente aos professores. Essa tarefa muitíssimo complicada tem sido alvo de muitas polémicas, uma vez que ela exige um trabalho conjunto entre professores e pais para que se consiga alcançar o sucesso escolar. Os papéis que cada um deles desempenha são distintos, ainda que partilhados: os professores têm a função de motivar os alunos de forma a que a indisciplina não se instaure na sala de aula, mas estes também não conseguirão grandes resultados enquanto não existirem regras em casa. A escola trabalha em função dos jovens, fazendo um esforço cada vez maior nos tempos que correm; trabalha afincadamente para construir um mundo melhor onde os valores possam florescer.

Sem menosprezar qualquer outra escola, até porque existem muitas escolas excepcionais, o Agrupamento de Escolas de Amadeo de Souza-Cardoso foi para nós um exemplo de

proficiência a todos os níveis. A Escola Básica 2,3 de Telões, Amarante, está situada no lugar do Carvalho, na freguesia de Telões. Sendo a segunda maior freguesia do concelho de Amarante, possui uma população de 4 232 habitantes e uma área com 13,86 km².

Estudam nesta escola cerca de quinhentos e dois alunos e estão ao serviço da mesma cinquenta e um professores. Acolhe alunos oriundos das freguesias de Telões, Aboim, Chapa, Vila Garcia, Freixo de Baixo e Freixo de Cima.



Fig. 19 - Escola de Amadeo de Souza-Cardoso

Presentemente, o agrupamento além da escola sede que integra alunos do 2º e 3º ciclos é constituído por catorze jardins-de-infância, dois centros escolares, 14 escolas básicas e uma EB 2,3 de Vila Caiz, perfazendo um total de dois mil seiscentos e noventa e três alunos e duzentos e nove professores.

A nível socioeconómico a agricultura era tradicionalmente o meio de subsistência das famílias em que abundavam as grandes quintas. Esta situação começou a mudar no início da década de 60 do século passado com a emigração e com o aparecimento das primeiras fábricas na região, que levaram gradualmente a deixar a atividade agrícola, a vida doméstica e as ocupações com o artesanato.

Com estas mudanças, as famílias passaram a ter uma condição económica mais favorável, verificando-se uma mudança social e uma maior igualdade de oportunidades que até então não existia. A indústria começou a ter uma posição de destaque, seguindo-se o comércio e os serviços, como fonte de emprego para a população local.

As dificuldades económicas e o aumento do desemprego que se tem vindo a constatar em todo o País, acabou por afetar esta região levando a uma forte emigração, relacionada também com o baixo índice de escolarização e de adaptação a novas realidades.

Os saberes, valores e princípios foram passando de geração em geração, assistindo-se ainda a festas e romarias celebradas com um forte sentido religioso como as vindimas, as desfolhadas e outras colheitas, criando momentos de convívio e de diversão. Do resultado da imigração começam a surgir várias influências de outros países, que levaram a uma propensão para a despersonalização a nível sociocultural, trazendo outras formas de estar, hábitos e costumes. Estas mudanças levam a uma preocupação dos habitantes pela perda de identidade, porém existe ainda um cuidado da população em tentar manter a ligação com as suas raízes, usos, costumes e tradições, com as festas e romarias e as suas práticas religiosas, tentando-se que através da família e da escola se continue a garantir a identidade destas comunidades.

Verificou-se, na maior parte das freguesias que integram este agrupamento de escolas, uma transformação e um desenvolvimento progressivo da mentalidade, passando a haver uma maior abertura a todos os níveis com perda da influência do mundo rural em prol do mundo urbano. Hoje, é notória a rutura que se deu com alguns dos valores, costumes, tradições e até uma certa instabilidade familiar, resultado principalmente da falta de tempo, de uma vida mais agitada e de alguma instabilidade no emprego.

O Agrupamento adotou como patrono Amadeo de Souza-Cardoso e celebra o aniversário do seu nascimento no dia catorze de Novembro. O artista Amadeo de Souza-Cardoso fez os estudos liceais em Amarante e frequentou a Academia de Belas Artes de Lisboa em 1905. Esteve em Paris onde frequentou ateliers preparatórios para o concurso de admissão às Belas-Artes parisienses, tendo como destino a arquitetura, vindo, no entanto, a dedicar-se exclusivamente à pintura.

A escola sede possui vinte e uma salas, incluindo salas mais específicas como: educação especial, laboratório de ciências naturais e físico-química; educação musical; educação tecnológica; EVT; desenho e TIC. Todas as salas têm computador com ligação à internet, aquecimento e quadros interativos. A escola está equipada com: um espaço de recreio coberto e descoberto, refeitório em espaço próprio, reprografia, papelaria, bufete, biblioteca, espaço próprio para pintura/modelagem, material estruturado para matemática e ciências experimentais, equipamento desportivo, espaço próprio para prática de desporto, gabinete médico e anfiteatro/auditório.



Fig. 20 - Sala de Educação Visual, 2012

A sala de educação visual (figura 20) fica situada no rés-do-chão. Tem boas condições de trabalho, no entanto, é um pouco pequena para o desenvolvimento de certos trabalhos que requerem mais espaço e para abarcar todos os alunos, já que alguns deles têm de ficar na bancada. Tem uma capacidade de vinte e quatro alunos, existindo quatro mesas, cada uma delas agrupando seis alunos. Dispõe ainda de sete armários, para os alunos arrumarem as suas capas e materiais; dois lavatórios; uma bancada; uma mufla; a mesa da professora com computador; videoprojector e uma arrecadação que serve para arrumação de vários materiais.

Concluindo, apesar de todas as dificuldades que o País atravessa neste momento, esta é uma escola que reúne todas as condições para formar jovens para uma sociedade baseada em conhecimento e valores, na linha daquilo que Estanqueiro propõe: «[p]recisamos de cidadãos críticos, responsáveis e solidários. Na família e na escola, é fundamental educar em valores, estimulando o amor aos outros. O serviço gratuito ao próximo, sem esperar recompensas, contribui para a formação pessoal e ajuda a construir uma sociedade mais justa.» (Estanqueiro, 2010: 109).

5.2. O núcleo de estágio

O Núcleo de Estágio de Artes Visuais do Agrupamento de Escolas de Amadeo de Souza-Cardoso era constituído por duas alunas estagiárias e pelo professor cooperante.

A prática pedagógica supervisionada iniciou-se em Setembro de 2012. Na primeira reunião foram distribuídas as turmas de estágio, tendo as aulas começado no dia dezanove de setembro. O horário do núcleo foi estabelecido consoante as horas de aulas das respetivas turmas, sendo este à quarta-feira, das treze e trinta e cinco às quinze e cinco, horário correspondente à turma do 7ºC, na qual realizámos o nosso estágio pedagógico.

Devido a alterações emanadas do Ministério relativamente às metas curriculares, as planificações tiveram de ser ajustadas em conformidade com as referidas alterações. Foram também planificadas as atividades extracurriculares em conjunto, de forma a que todo o processo fosse o mais rigoroso possível.

Houve sempre, da parte do núcleo, disponibilidade para colaborar com o professor cooperante nas atividades curriculares e extracurriculares, manifestando bastante empenho no espaço sala de aula. Foi sempre um trabalho desenvolvido em conjunto, na linha daquilo que é indicado e valorizado por Zabalza:

«a presença de colegas nas nossas aulas, colegas que nos ajudassem e com os quais fosse possível encontrar respostas adequadas às nossas dúvidas e inseguranças porque, da mesma forma como acontece em muitas outras profissões - sobretudo naquelas em que predomina a arte, a técnica e a improvisação -, a questão do saber que ensinar é uma aprendizagem contínua. Uma pessoa isolada nunca o faz tão bem como poderia eventualmente fazê-lo. Sempre se vão aprendendo novas táticas e técnicas. Todo o professor é “imperfeito”, no sentido mais original do termo, da mesma forma que “inacabado” e em “processo de aperfeiçoamento.”» (Zabalza, 1994: 8)

Existiu sempre uma interação entre todos os elementos, partilha de ideias, métodos de trabalho, técnicas e um grande espírito de entreajuda em todas as tarefas delineadas. A convivência entre estagiárias e o orientador foi sempre bastante boa, tendo-se criado uma relação de respeito, amizade e cooperação.

As professoras estagiárias participaram nas reuniões de departamento, intercalares e de avaliação. A fim de planificar, reajustar e avaliar todo o processo educativo foram também realizadas reuniões com o orientador de estágio, sempre que necessário. Estas reuniões foram muito proveitosas, apesar da especificidade de cada turma. Foram sempre tidos em atenção os objetivos e temas a desenvolver por cada uma das estagiárias durante todo o ano letivo.

Os alunos foram os principais actores e beneficiaram deste clima de bom entendimento e de cooperação entre todos os elementos intervenientes.

5.3. Caracterização da turma

A caracterização de turma é um procedimento que é elaborado no início do ano letivo e visa a identificação e contextualização sociocultural, ocupação de tempos livres e expectativas face ao futuro de cada aluno. Todas estas informações ajudam o professor na longa caminhada letiva, conhecendo e valorizando as capacidades e aptidões de cada aluno.

A heterogeneidade dos alunos de cada turma requer um esforço muito grande da parte do professor. Sendo uma exigência cada vez maior nos dias que correm, o professor terá que diversificar as metodologias de ensino adaptando as suas práticas pedagógicas a cada turma e tendo presente a singularidade de cada aluno.

A turma C do 7º ano de escolaridade: - a nossa turma de estágio - era constituída por vinte e seis alunos, sendo treze do sexo feminino e treze do sexo masculino (figura 21), com idades compreendidas entre os onze e os quinze anos.

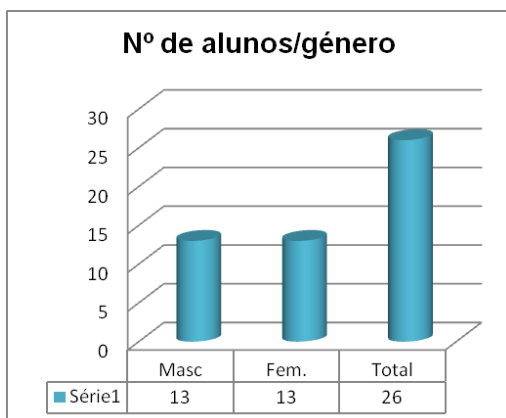


Fig. 21 - Composição da turma

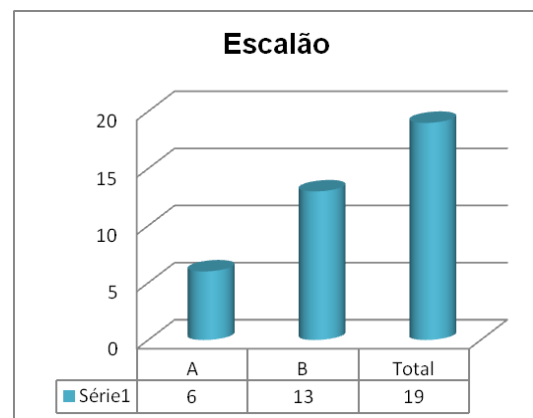


Fig. 22 - Subsídio escolar

Do conjunto da turma, mais de metade tem subsídio, seis alunos beneficiam do escalão A e treze do escalão B (figura 22). Dos vinte e seis alunos, sete têm retenções no seu percurso escolar. A situação dos alunos com retenções é preocupante, uma vez que são crianças com baixa autoestima e com poucas motivações, com situações familiares complicadas, aliadas a comportamentos agressivos. A desmotivação desses alunos condiciona bastante a aprendizagem, o que acarreta para o professor a necessidade de uma maior atenção. Nesse sentido, é necessário levar o aluno à descoberta das suas potencialidades para despertar a vontade de aprender e de progredir.

Relativamente ao agregado familiar dos alunos, a maioria é composto por pai, mãe e um irmão (figuras 23, 24). Os pais têm idades compreendidas entre os 33 e os 57 anos de idade.

No que diz respeito às habilitações literárias, variam bastante, constatando-se que a maior percentagem situa-se no 1º, 2º, ou 3º ciclos, existindo apenas cinco pais como habilitações de nível do ensino Superior.

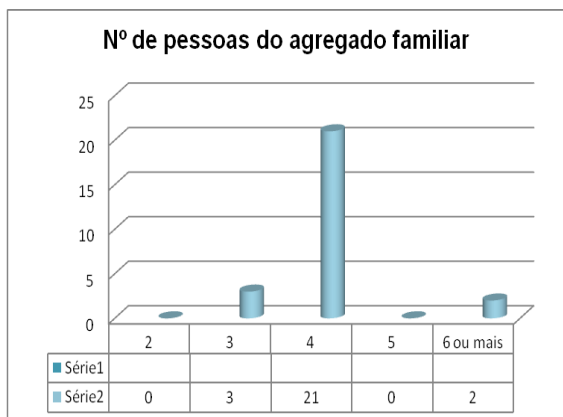


Fig. 23 - Constituição do agregado familiar

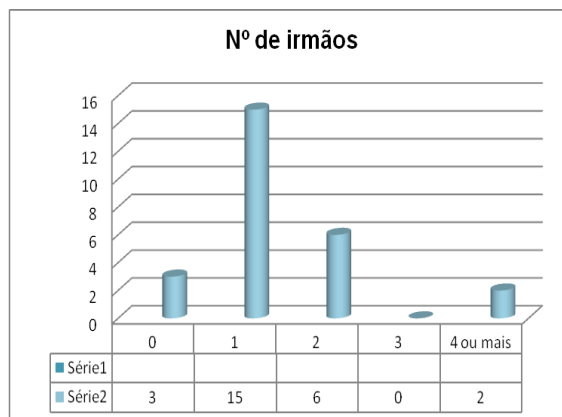


Fig. 24 - Número de irmãos

Os pais têm profissões maioritariamente ligadas ao comércio e serviços, existindo também professores, militares e domésticas. Destacam-se, porém, nove casos de situação de desemprego, revelando grandes dificuldades a nível económico.

Os Encarregados de Educação são, na sua maioria, as mães dos respetivos alunos, à exceção do caso de uma avó e um pai.

A nível da saúde não se verificam problemas graves à exceção de um aluno, que tem cancro e que se encontra em fase de tratamentos de quimioterapia no Instituto Português de Oncologia, não podendo este ano letivo frequentar a escola.

Os alunos são provenientes de diversas freguesias do concelho de Amarante e a maioria desloca-se de autocarro para a escola, demorando entre cinco e quarenta e cinco minutos a fazer o respetivo percurso. Em média, os alunos deitam-se às nove e meia da noite e levantam-se às sete e trinta da manhã e tomam o pequeno-almoço em casa.

A maior parte dos alunos afirma gostar da escola e refere como disciplinas preferidas, o espanhol, a educação visual, educação física e matemática. No entanto, esta última também é referida como sendo uma das disciplinas com maiores dificuldades a par com o inglês e a língua portuguesa. A maioria dos alunos tem computador com internet em casa e todos têm o hábito de frequentar a biblioteca da escola.

Ao nível das atividades extracurriculares, a maior parte menciona que a prática de desporto, o gosto pela música, TV, a leitura e a internet são as atividades de maior interesse.

Não têm o hábito de frequentar atividades ligadas às artes, mais especificamente exposições de pintura, salientando-se o facto de alguns deles nunca terem ido a um museu ou a um espaço de exposições. Relativamente à disciplina de educação visual, excetuando dois alunos, constatou-se que gostam da mesma, contudo, sete alunos afirmaram ter dificuldades e três não gostam de desenhar.

Relativamente ao percurso escolar e expectativas por parte dos alunos, onze alunos pretendem obter o 12.º ano e quinze pretendem prosseguir os estudos e frequentar o ensino superior (figura 25). As profissões ambicionadas são muito variáveis, no entanto dominam as profissões ligadas ao comércio e serviços (figura 26). Dos vinte e seis alunos, nove referem ainda não saber a profissão desejada.



Fig. 25 - Prosseguimento dos estudos



Fig. 26 - Profissões

6. Sensibilização dos alunos para o tema do rosto

Em função da diagnose das características da turma feita nas primeiras aulas com o orientador, constatámos que a turma era bastante fraca, agitada e com muitas dificuldades. Face a esta situação, e após profunda reflexão, concluímos ser de primordial importância a sensibilização dos alunos para o tema.

Esta sensibilização concretizou-se segundo a seguinte metodologia. Em primeiro lugar explicámos à turma que o assunto através do qual valorizaríamos o desenho e a própria educação visual, era o tema do rosto. Neste sentido procurámos evidenciar as razões "naturais" pelas quais este assunto é tão prioritário. Não foi difícil prosear o diálogo, pois todos entenderam que o desenho do corpo humano, e em particular, o do rosto, traz consigo um conjunto de interrogações nas quais todos nos revemos.

Em segundo lugar, apresentamos, sucintamente, o conjunto das atividades através das quais os alunos iriam descobrir, praticar e aprofundar a sua relação com o rosto enquanto matéria de educação visual. Deste modo, os alunos ficaram a saber qual o plano e calendário das atividades práticas, gerando neles acréscimo de curiosidade e de motivação.

Em terceiro lugar, fizemos preceder cada uma das atividades didáticas programadas de uma ação de motivação específica. Deste modo:

a) Relativamente à visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda:

Na aula que precedeu a visita de estudo tentámos primeiro captar a atenção dos alunos questionando-os sobre o valor material de algumas obras que iriam observar. Este tipo de questão foi bem sucedido, dada a curiosidade manifestada pelos alunos acerca de qual seria o quadro mais valioso. Esta situação permitiu criar um clima de interesse sobre outras questões que foram abordadas: materiais utilizados, técnicas, correntes artísticas e diversidade de sentimentos e emoções por parte dos alunos face às diferentes obras. Registámos, com satisfação, uma saudável discussão, motivada por divergências nos sentimentos suscitados, por nós aproveitada e conduzida no sentido do verdadeiro significado de cada rosto.

Apesar de alguns alunos não se manifestarem, a grande maioria denotou motivação, curiosidade e mesmo alguma ansiedade pela realização da atividade.

b) Relativamente ao retrato do rosto:

O rosto humano foi abordado na primeira aula relativa ao retrato. Procurámos em primeiro lugar, encaminhar e questionar os alunos em relação à sociedade atual e à importância da imagem do rosto associada aos meios de comunicação visual, mostrando vários rostos de figuras públicas. Esta abordagem incentivou a curiosidade e conhecimento mais profundo sobre o rosto humano. Os alunos foram-se manifestando sobre as diferentes personalidades, proferindo várias opiniões acerca de cada uma delas. Como sensibilização, foi também mostrado um filme sobre como se desenha um rosto e um exemplo de uma possibilidade para a realização do trabalho, que foi alvo de bastante agrado por parte dos alunos.

No final da atividade, aquando da exposição dos painéis, os alunos mostraram-se empolgados e entusiasmados, sinal de que as estratégias de sensibilização surtiram efeito.

c) Relativamente ao desenhar com o hemisfério direito do cérebro:

Na aula anterior à realização desta atividade, foi explicado aos alunos o objetivo da execução deste exercício de desenho baseado na teoria de Betty Edwards, tendo sido apresentada a teoria da referida autora. Os alunos manifestaram uma certa surpresa e ficaram bastante interessados e ansiosos para experimentar.

d) Relativamente ao workshop de caricaturas:

O workshop de caricaturas foi divulgado antecipadamente aos alunos com a pretensão de prender a atenção dos mesmos através da revelação do artista que iria realizar o Workshop.

O artista, cuja personalidade é singular e divertida, cativou facilmente a atenção dos alunos, tendo sido criado o ambiente ideal para a realização deste tipo de atividade. A comprovar o referido destaca-se a interação alunos/artista mesmo após o término da atividade.

e) Relativamente à articulação do autorretrato e a busca do eu:

Este tema foi previamente abordado na semana anterior, tendo sido pedido aos alunos que fizessem uma reflexão sobre eles próprios. “Procura o teu eu” foi o desafio lançado. Solicitou-se que pensassem numa característica da sua personalidade que os identificassem. Após o momento de reflexão, cada um dos

alunos revelou a sua característica à turma, mostrando-se muito interventivos e interessados, fornecendo sugestões aos colegas. Cada um dos alunos tirou uma fotografia, tendo em conta o que foi referido sobre o tema. Verificámos que esta iniciativa motivou os alunos.

f) Relativamente à intervenção no espaço escolar:

Pensámos que devido à sua atualidade e postura desta geração, esta atividade seria a que menos estratégias de sensibilização necessitaria. No entanto, com o intuito de reforçar a motivação dos alunos, foram mostrados vários tipos de intervenções de pinturas murais e explicadas as técnicas relativamente aos materiais a serem aplicados.

Como esperado, os alunos, no desenrolar da atividade, mostraram empenho e interesse, fazendo uso da sua criatividade. Foi com orgulho que reparamos na satisfação, na admiração e crescente autoestima por parte dos alunos. Muitos dos discentes alegaram a utilidade da atividade na melhoria do espaço escolar.

A implementação desta estratégia baseou-se no princípio de reciprocidade entre professor e aluno, na linha pedagógica veiculada pelo pedagogo Alberto Sousa que aqui citamos:

«[a] tarefa principal do professor reside na estimulação do trabalho, de experiências, de descobertas e de vivências da criança, para que se supere a si mesma na procura de soluções criativas para os problemas que se lhe deparam. Interessar a provocação de respostas e soluções espontâneas e originais, o despoletar da sua grande capacidade de invenção e criatividade.

A vivência pela prática é sempre superior às melhores explicações teóricas. A vida não pode ser ensinada pela teoria, tem que ser vivida na prática.» (Sousa, 2003: 145).

Os elementos demonstrativos das estratégias e das reações dos alunos encontram-se nos anexos das referidas atividades, como mais à frente indicaremos.

7. Atividades desenvolvidas em sala de aula

As atividades em sala de aula foram delineadas com base no diagnóstico aplicado aos alunos, como já referimos anteriormente, no qual detetámos, não só as suas dificuldades na realização das configuração do rosto humano, como também o total desconhecimento do sentido ético e antropológico do mesmo. Foram definidas finalidades que se prendem com o desenvolvimento da sensibilidade estética, da perceção visual, do sentido crítico, da capacidade de intervenção e comunicação, aliadas às questões técnicas e artísticas.

Foram abordados os temas do retrato e o do autorretrato, temas estes que suscitaram bastante interesse por parte dos alunos. Estes mostraram um empenho considerável em tudo o que foi proposto, tendo-se verificado que, ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, os alunos iam evoluindo gradualmente.

Em todas as atividades procurámos implementar uma aprendizagem englobante de todos estes elementos: conhecimentos, técnicas, materiais (lápiz de grafite, lápis de cor, lápis de cera), suportes (papéis de desenho, cartolinas, madeira) e também as dimensões ética e antropológica, tentando fazer uma exploração cultural e humanista o mais aprofundado possível, no sentido de levar os alunos a uma compreensão das potencialidades do tema, de forma a provocar uma mudança no modo de olhar o rosto: do rosto de sedução, de compra e venda, ao rosto humano onde habita o mistério do outro.

7.1. Retratar: que rosto?

O tema do rosto surgiu no seguimento da unidade temática “Perceção visual das formas” e teve como objetivos a exploração e aplicação de processos convencionais do desenho expressivo no desenvolvimento de diferentes modos de representação expressiva da figura humana, de forma a desenvolver ações orientadas para a representação da realidade através da perceção das proporções naturais.

Foram abordados os conteúdos através de uma apresentação multimédia (figura 27) como introdução ao tema do rosto, que pode ser analisada no anexo 1 (pp:103-106). Foi explicitado aos alunos como a expressão é tão importante quando se analisa um rosto e como, através dela, podemos desvendar o estado de espírito da pessoa que queremos retratar. Foram também abordados os aspetos humanos, éticos, emocionais e antropológicos.



Fig. 27 - Apresentação sobre o rosto humano

Apresentámos um filme sobre o rosto “Aula de Desenho- Rosto: a proporção entre olho, nariz e boca” (figura 28) que serviu principalmente como motivação, tendo como objetivo fazer com que os alunos conseguissem mais facilmente perceber como se representa um rosto com todas as regras inerentes a este, mostrando algumas técnicas por forma a ajudá-los em todo o processo que envolve a execução de um rosto. Uma vez que a imagem é cada vez mais importante como base para o processo ensino/aprendizagem, este filme mostra como o desenho do rosto humano pode ser ensinável. Tal como podemos constatar no anexo 2 (pp:107-110), mostramos uma sequência do filme apresentado aos alunos.

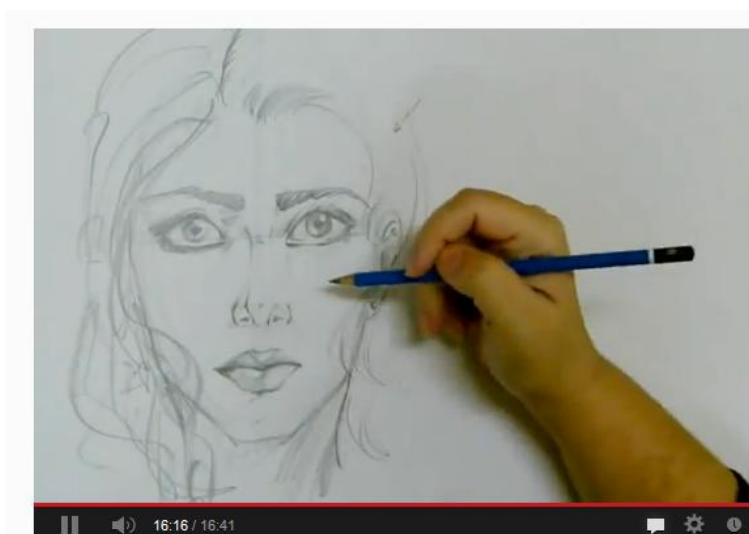


Fig. 28 - Vídeo apresentado na aula

Após a exploração mais teórica foram desenvolvidos dois trabalhos práticos: “em busca do sentido do rosto” e “o rosto como um encontro ético”, com o objetivo de colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre o tema. As planificações destas atividades podem ser consultadas no anexo 3 (pp:111-112).

Neste sentido, o primeiro trabalho proposto aos discentes foi a elaboração de um retrato de um colega, de forma a captar toda a sua configuração linear (anexo 4, p:113), assim como as suas sombras para obtenção de volume, captando toda a expressão do rosto que iriam retratar. O desenho de retratos é uma das formas de auxiliar o aluno na sua evolução, sendo também algo que os atrai bastante nesta faixa etária. Fundamentámos esta opção na categorizada opinião de Artur Ramos que aqui citamos:

«Recorremos ao retrato feito na presença do modelo pois só assim podemos perspectivar uma experiência do desenho de retrato completa e densa de conteúdos. De facto, ao acompanhar a experiência através da análise dos diversos aspectos envolvidos, fazemo-lo com o raciocínio do desenho, e estabelecemos relações entre a sua vertente prática e teórica. Estas relações que pertencem ao domínio do desenho fazem a comunicação entre os aspectos da sua construção que impõem, por outro lado o conhecimento de matérias específicas como por exemplo as normas e as proporções, por outro lado o conhecimento que brota do contacto directo que o desenho do natural proporciona. Estas relações estabelecem também pontes com concepções que não se limitam ao domínio da teoria da arte ou da estética como é o caso da fisiognomonia» (Ramos, 2010: 17).



Fig. 29 – Esclarecimento de dúvidas



Fig. 30 – Desenvolvimento do projeto para o painel



Fig. 31 – Início da pintura a lápis de cera



Fig. 32 – Exploração da técnica a lápis de cera



Fig. 33 – Técnica a lápis de cera 1

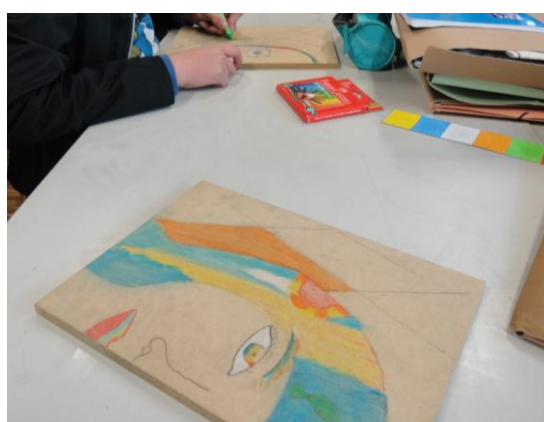


Fig. 34 – Técnica a lápis de cera 2

Este trabalho provocou muitas dúvidas relativas à construção do rosto humano, que foram sendo esclarecidas através de explicações orais (figura 29), de uma apresentação multimédia e de um videograma mais explicativo e mais pormenorizado sobre as regras da sua configuração (anexo 5, pp:114-115), já referido anteriormente, e de várias demonstrações no quadro da sala durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho.

Apesar das dificuldades apresentadas durante a realização do trabalho, os resultados valeram todo o esforço aplicado. O auxílio dado na elaboração do mesmo no fornecimento de indicações e apoio individualizado, foi muito precioso uma vez que todas as etapas do processo de desenvolvimento e criação devem ter um acompanhamento personalizado para conduzir o aluno ao sucesso (anexo 6, pp:116-117).

Seguidamente foi proposta a construção de um painel em madeira para o centro escolar (anexo 7, p:118) com todos os retratos realizados. Cada aluno teve que estruturar numa folha A4 o seu projeto para o painel (figura 30). Fizeram a reestruturação com base no rosto elaborado no trabalho anterior, de forma a usar a linha e a mancha para a obtenção do volume

com lápis de grafite. O rosto poderia ser apresentado na totalidade ou apenas parte dele, tendo ficado ao critério de cada aluno.

Posteriormente, fizeram a transposição para a placa de MDF recorrendo à ajuda de papel vegetal e, por fim executaram a pintura com lápis de cera, usando apenas as seguintes cores: amarelo, azul, vermelho, laranja, verde e branco. Esta técnica é uma das mais antigas da história da arte. São muitas as potencialidades que a mesma nos oferece, conseguindo-se extrair uma grande expressividade através da sobreposição e mistura de cores.

Os alunos mostraram inicialmente algumas dificuldades na técnica (figuras 31, 32, 33 e 34), talvez por este material nunca ter sido muito explorado, mas aos poucos, foram desenvolvendo o seu trabalho com maior determinação, tendo-se obtido resultados interessantes, os quais podemos observar nas figuras 35, 36, 37, 38 e no anexo 8 (pp:119-121).



Fig. 35 – Retrato 1

Este foi dos trabalhos mais bem conseguidos relativamente à exploração da técnica de pintura. O aluno revelou uma grande capacidade e evolução na mistura e obtenção de cores.

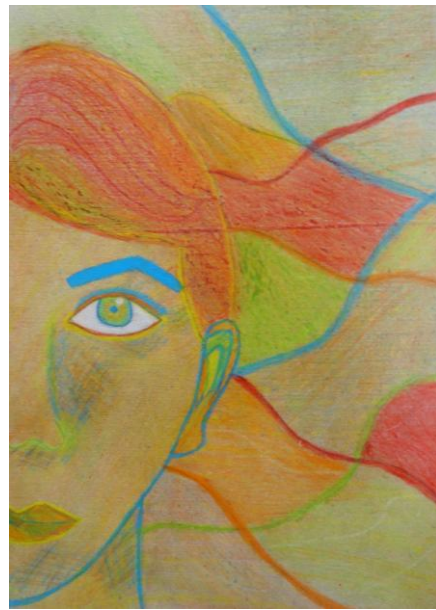


Fig. 36 – Retrato 2

Trabalho bastante cuidadoso e minucioso. Denotámos uma grande sensibilidade neste rosto, toca-nos pela expressão do seu olhar de profundidade interior.

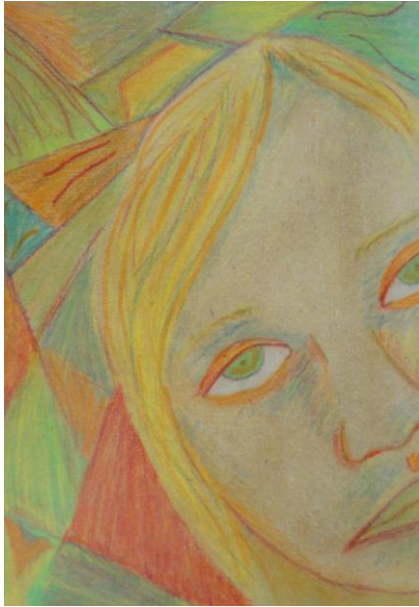


Fig. 37 – Retrato 3

Apesar deste trabalho ser mais suave a nível da intensidade das cores, existiu um certo cuidado na obtenção das sombras no rosto e a criação de profundidade.



Fig. 38 – Retrato 4

Trabalho desenvolvido por aluna com grandes dificuldades a nível técnico. Constatamos uma grande evolução, uma vez que conseguiu dar expressividade ao trabalho.

O painel teve um impacto muito grande na comunidade escolar, uma vez que este foi exposto permanentemente no centro escolar, tal como se pode verificar na figura 39. Suscitou grande curiosidade e satisfação por parte dos alunos por verem o seu trabalho e esforço reconhecido, não só por professores e alunos da escola, mas por toda a comunidade escolar.



Fig. 39 - Painel Centro Escolar

O painel foi dos trabalhos mais motivadores para os alunos por terem trabalhado com materiais e suportes diferentes do que estão acostumados. Constatámos também que alunos com alguns problemas de indisciplina conseguiram desenvolver o trabalho com bastante entusiasmo, mostrando a motivação necessária que contribuiu muito para o sucesso do mesmo (anexo 9 - pp:122-123).

7.2. Desenhar com o hemisfério direito

«[A] modalidade do hemisfério direito: a modalidade intuitiva, subjetiva, holística, atenta às relações entre as partes e independente do tempo. É também a modalidade desprezada, fraca, canhota que, em nossa cultura, não recebe a atenção que merece. Grande parte do nosso sistema educacional destina-se a cultivar as aptidões do hemisfério esquerdo—verbal, racional, pontual—e, com isto, metade do cérebro de todos os estudantes deixa de desenvolver-se.» (Edwards, 1984: 48).

Já vimos como é fundamental a utilização do hemisfério direito, de forma a fazer uso de todo o cérebro para tirar partido de todas as aptidões que possui. Nesta linha, tal como referimos anteriormente, propusemos aos alunos um exercício (anexo 10, p:124) que consistia na reprodução de cabeça para baixo de um retrato elaborado por Amadeo de Souza Cardoso, intitulado “velha amizade: retrato de Viana por Amadeo (1912)”, representado na figura 40. A planificação da atividade pode ser observada no (anexo 11, p:125).



Fig. 40 - Amadeo de Souza Cardoso, velha amizade: retrato de Viana, 1912

Esta atividade, baseada na teoria de Betty Edwards (1984), teve como objetivo levar o aluno a aprender a ver compreendendo as formas, processando informações visuais de forma diferente da que usa habitualmente. Usando o lado direito do cérebro, o aluno analisa informações visuais de forma a desenhar corretamente.

Este exercício suscitou grande confusão no início pelo facto de terem de desenhar o retrato ao contrário daquilo que é costume. O que aconteceu é que eles não conseguiam identificar o que iam desenhar e houve mesmo a tentação de o virarem ao contrário. Aos poucos, os alunos foram-se acostumando e acabaram por se envolver de tal forma no trabalho, a ponto de ficarem em completo silêncio na sala de aula. Sem dúvida foi impressionante como a concentração que se estabeleceu provocou tal estado, a transição para o hemisfério direito aconteceu como podemos constatar no anexo 12 (p:126).

Este exercício teve como finalidade provocar a transição do hemisfério esquerdo para o direito uma vez que é extremamente difícil principalmente para aqueles alunos que referem que não têm jeito para o desenho, mas que não percebem que tudo se pode aprender.

Após a execução do exercício, os trabalhos foram analisados através de um debate onde falaram das dificuldades encontradas durante o percurso da execução do exercício e sobre o que sentiram. Os discentes afirmaram que, no início, se sentiram um pouco perdidos uma vez que não eram capazes de identificar o que estava no desenho, mas conseguiram abstrair-se e concentraram-se nas linhas que se encontravam ao acaso, o que fez com que o hemisfério esquerdo não conseguisse identificar o que estava presente nesse papel, deixando essa tarefa para o hemisfério direito. Os alunos gostaram de realizar este trabalho, tendo-o considerado fácil.

Os resultados deste exercício foram surpreendentes, constatando-se que, muitos dos alunos com grandes dificuldades a nível do desenho, conseguiram trabalhos de grande qualidade, como podemos ver nas figuras 41, 42, 43 e 44, ficando eles próprios surpresos com os seus trabalhos. «[O]s desenhos feitos de cabeça para baixo demonstram uma precisão de perceção muito maior e parecem feitos por pessoas muito mais aptas para o desenho» (Edwards, 1984: 69). No entanto, esta facilidade afirmada pelos alunos é subjetiva, pois o facto de o desenho estar de cabeça para baixo não quer dizer que seja mais fácil de realizar. Este exercício é uma forma de ajudar os alunos a perceberem como se faz a transição para a modalidade direita e como se sentiram quando existiu essa passagem. Desta forma quando desenharem na posição normal, já saberão passar para esse estado cognitivo.

Através do anexo 13 (pp:127-128) é possível perceber como o trabalho surtiu um efeito muito positivo no desenvolvimento e evolução dos discentes.



Fig. 41 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 1



Fig. 42 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 2



Fig. 43 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 3



Fig. 44 - Trabalho desenhado de cabeça para baixo – aluno 4

7.3. O autorretrato: à procura do eu

O autorretrato foi o outro assunto e atividade abordado nas aulas, estando o mesmo inserido na unidade temática dedicada à luz-cor no ambiente e na representação do espaço. A cor está intimamente ligada ao desenho, exercendo uma forte influência sobre o rosto. É importante que os alunos compreendam que a percepção das formas do rosto envolve, não só as linhas e o volume, como também a luz-cor exerce um forte componente pedagógico na formalização e significado do rosto.

O tema do rosto, mais propriamente o do autorretrato, foi de grande importância para os discentes, uma vez que puderam aprofundar os seus conhecimentos relativamente a artistas de grande importância na história da pintura, como Albert Dürer, Rembrandt, Van Gogh, Frida Kahlo, entre outros.

Através de uma apresentação multimédia, “O autorretrato”, (anexo 14, pp:129-136), fizemos uma introdução a esta temática recorrendo a vários pintores da história das artes. A captação e descoberta do rosto foi um desafio, o fascinante autorretrato de Albert Dürer; o enigmático retrato de Mona Lisa de Leonardo da Vinci; a exploração da alma dos rostos de Rembrandt; o perturbante olhar do autorretrato de Aurélia de Sousa; a deformação dos rostos de Bacon; os retratos de Freud com todas as suas angústias.

Foi um tema que suscitou bastante curiosidade pois arrasta consigo uma série de questões: Como nos vemos ao espelho? Quais as características que nos marcam? Como nos representamos? Representamos a nossa realidade ou o que queremos que os outros vejam em nós? Estas questões fizeram os alunos refletir sobre a forma como um autorretrato pode ter várias leituras e interpretações, como ele manifesta e ao mesmo tempo esconde.

De modo a ajudar os discentes neste processo de autoconhecimento, foram apresentados em todas as aulas documentários sobre as obras de Frida Kahlo e sobre Sara Mello.

As obras de Frida foram facilmente entendidas após o documentário sobre a sua vida. Podemos ver no anexo 15 (pp:137-144) uma sequência desse filme. Aos poucos, os alunos perceberam por que é que os seus quadros estavam carregados de sofrimento. Criou-se um ambiente propício a questionar e a meditar sobre o conteúdo das suas obras, muito ligado à vivência do amor e do sofrimento.

O debate foi recheado de questões e curiosidades enriquecendo bastante a aula: a expressão sofrida de Frida, os significados de cada um dos seus autorretratos, os sentimentos e emoções expostos no filme, os quais foram transpostos para os discentes. Toda a

envolvência criada à volta desta artista gerou um dinamismo e os alunos mostraram-se bastante motivados e sensibilizados para o tema do autorretrato.

Após o visionamento dos documentários realizaram-se debates, em torno de cada assunto, notando-se um certo entusiasmo e bastante interesse.

O documentário sobre Sara Mello “Autorretrato em movimento” mostra a artista plástica brasileira da atualidade. O vídeo mostra o dia-a-dia de Sara Mello no seu atelier, a influência de Frida Kahlo no seu trabalho, sobretudo no que diz respeito às cores alegres e os animais que utiliza nas suas pinturas, como se pode ver na sequência do filme no anexo 16 (pp:145-148). Este documentário veio rematar a aula sobre o tema do autorretrato.

Os alunos deram sinais de perceber e interpretar o autorretrato como uma procura de identidade e um estado de alma numa aliança do exterior com o interior. Este facto foi verificado nos testemunhos recolhidos no final do trabalho (anexo 17, p:149).



Fig. 45 – Elaboração do trabalho ainda em fase inicial



Fig. 46 - Reta final do trabalho no processo minucioso da obtenção das sombras

Para consolidar o contacto dos alunos com o tema do autorretrato, foi pedido a elaboração do autorretrato de cada aluno, baseado numa fotografia (anexo 18, p:150). Estes puderam refletir sobre a sua própria condição interior, descodificar o seu eu e chegar à expressão que os caracteriza, de forma a que a sua personalidade transpareça no seu autorretrato, de acordo com os objetivos delineados (anexo 19, p:151) na planificação do trabalho. No entanto, foi um processo bastante complexo e moroso, que exigiu um grande esforço para a obtenção da semelhança procurada (figuras 45, 46).

Este trabalho teve como material primordial o lápis de cor e, como suporte, uma cartolina preta, tendo o aluno selecionado três cores à sua escolha de forma a fazer uma gradação com as mesmas. Os resultados foram notórios uma vez que os alunos conseguiram

retratar-se a si próprios, tendo as suas características sido evidenciadas, transpondo exteriormente toda a sua expressividade (figuras 47, 48, 49 e 50). Seguem no anexo 20 (pp:152-153) as reações e mais alguns trabalhos finais.



Fig. 47 – Autorretrato aluno 1

Este autorretrato mostra fragilidade e alguma carência. Ao mesmo tempo, os seus olhos demonstram atenção, concentração e esforço. Podemos afirmar que este é dos trabalhos mais surpreendentes e reveladores da personalidade uma vez que este aluno tem algumas dificuldades na aprendizagem.



Fig. 48 - Autorretrato aluno 2

A doçura exposta neste autorretrato é uma característica muito evidente nesta aluna. Esta doçura verifica-se através do seu sorriso, quase sempre perceptível e do olhar que mostra afetividade.



Fig. 49 – Autorretrato aluno 3

A expressividade deste autorretrato declara espontaneidade, a calma

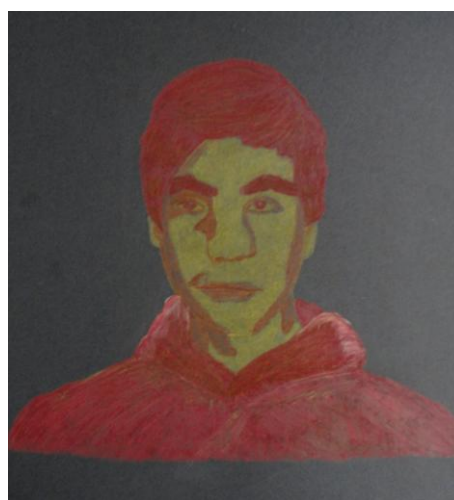


Fig. 50 – Autorretrato aluno 4

O cuidado empregue neste trabalho é revelador da personalidade deste aluno, sempre bastante ponderado e firme nas suas atitudes.

8. Atividades extracurriculares

As atividades extracurriculares foram dinamizadas e partilhadas a nível do núcleo de estágio.

Este tipo de atividades auxilia o aluno no seu desenvolvimento como ser, no seu enriquecimento, tanto ao nível das relações com os outros, como na interação com novas realidades, culturas, experiências e formas de estar, algo que nem sempre se consegue atingir em sala de aula. Por isso, é necessário levá-lo ao acontecimento e propiciar todas as possibilidades de aprendizagem.

Dentro deste conceito, foram três as atividades desenvolvidas durante este ano letivo, nomeadamente: Visita de Estudo à Fundação Cupertino de Miranda, Workshop de Caricaturas de Onofre Varela e Intervenção no Espaço Escolar. Estas atividades foram adequadamente pensadas de forma a envolver a nossa turma de estágio, no sentido de reforçar as suas aprendizagens e reflexão relativamente à temática do rosto.

Todas as atividades extracurriculares foram pensadas de forma a que o tema do rosto fosse parte integrante dos objetivos traçados, como se pode ver nas planificações das atividades que se encontram no anexo 21 (pp:154-156).

8.1. Visita de estudo



Fig. 51 - Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão

A primeira destas atividades foi a visita de estudo, no dia 9 de janeiro de 2013, à Fundação Cupertino de Miranda em Vila Nova de Famalicão (figura 51).

Os discentes tiveram oportunidade de conhecer o espaço, apreciar algumas das peças e coleções do museu e de visitar uma exposição temporária: “Explorador de Horizonte” de Carlos Calvet.

Esta atividade foi, de facto, muito importante, desde logo, devido a serem raras as oportunidades que os alunos têm de conhecer e de usufruir de espaços museológicos e culturais, também porque a sociedade em geral está cada vez mais afastada dos valores realmente significativos pelo facto de existir uma sedução cada vez maior nos meios de comunicação sem qualquer carácter ético nem cultural. Com esta iniciativa os alunos puderam aprofundar os seus conhecimentos ao nível das artes de forma a ficarem mais sensibilizados para a importância das mesmas na sua formação, permitindo-lhes desenvolver um conjunto de competências variadas, nomeadamente a promoção do gosto e o interesse pela arte, sensibilização para a estética e desenvolvimento das capacidades de observação, compreensão e comparação. No entanto, temos que referir que o objetivo fundamental desta atividade veio ao encontro da questão do rosto humano, pois as obras contempladas também permitiram a descoberta do seu significado interior, para além das suas formas artísticas que o formam.



Fig. 52 - Apresentação sobre o tema do rosto humano



Fig. 53 - Trabalho prático sobre o rosto humano

Para a concretização desse objetivo, os alunos assistiram a uma apresentação multimédia (anexo 22, pp:157-161) sobre a temática do rosto humano, já apresentada no capítulo 6, a qual se pode ver na imagem da figura 52 orientada pela professora estagiária, tendo posteriormente sido desenvolvida em contexto de sala de aula. Algumas das obras da

coleção da Fundação Cupertino de Miranda foram referidas na apresentação da temática, onde posteriormente os alunos puderam observar com mais atenção alguns desses retratos.



Fig. 54 – Trabalho prático finalizado

Este trabalho demonstra além de grande expressividade, uma ligação afetiva entre as personagens. Os alunos conseguiram fazer a aplicação do que lhes foi ensinado, descobrir através da interatividade das personagens o interior de cada uma delas.



Fig. 55 – Desenvolvimento do trabalho



Fig. 56 - Pormenor do painel

Na sequência da apresentação referida, os alunos tiveram oportunidade de realizar um trabalho prático em papel de cenário, figura 53, recorrendo a marcadores de diversas cores, em que foram elaborados rostos de perfil com a ajuda das sombras dos próprios rostos dos alunos projetados na parede, seguidos do seu preenchimento com todas as componentes dos referidos rostos. Foi grande o entusiasmo e o empenho na execução de todo o trabalho. Foram atingidos os objetivos traçados, nomeadamente: desenvolvimento da capacidade de expressão, perceção, intervenção e a capacidade de utilizar meios de expressão visual. Como podemos

ver na figura 54, o trabalho final mostra a interatividade entre cada personagem criada pelos alunos. Constatámos, também, muita expressividade e movimento (figuras 55 e 56). Através do anexo 23 (pp:162-164), pode-se analisar as reações e testemunhos desta experiência da visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda.

O balanço foi extraordinariamente positivo, tendo em conta o interesse, a curiosidade, o comportamento e a participação dos alunos durante a viagem e a respetiva visita. Consideramos que esta atividade contribuiu para aumentar a estima pela escola e por todas as atividades desenvolvidas, fomentando o gosto e sensibilidade para a vertente artística.

8.2. Workshop de caricaturas

No dia 15 de março de 2013 o núcleo de estágio organizou, na Escola, um “Workshop de Caricaturas” com a presença do conceituado artista Onofre Varela. O objetivo primordial desta ação consistiu em aprofundar os conhecimentos a nível do desenho do rosto, vivenciando todo o processo de trabalho de um caricaturista e abordando o rosto numa perspetiva completamente diferente.

Para além disso, pretendíamos desenvolver as capacidades de observação, compreensão e sensibilidade, levando os alunos a ver o que está por detrás da máscara caricatural. A caricatura é um retrato crítico do indivíduo e da sociedade, desempenhando o papel de transmitir uma mensagem recorrendo, a maior parte das vezes, ao rosto humano, que é o que mais caracteriza uma pessoa. A função da caricatura é exaltar os aspetos característicos, personalidade e expressões da face de cada pessoa. Poderá mesmo dizer-se que é possível, através da caricatura, captar a alma do indivíduo.

Para que todos percebessem como surgiu o gosto pelo desenho e mais especificamente pelas caricaturas, Onofre Varela iniciou a atividade com uma breve apresentação do seu percurso (figura 57), mostrando alguns trabalhos que tem vindo a desenvolver.

Foram fornecidas aos discentes fotocópias da autoria do artista com a história e desenhos de caricaturas realizadas durante o seu percurso artístico. Foram também analisados os rostos de todas as personalidades ali expostas, tendo sido um contributo bastante rico a nível pedagógico, pelo facto de serem personalidades de grande importância na história universal, como é o caso de Mahatma Gandhi.



Fig. 57 - Início do workshop com a apresentação do artista



Fig. 58 – Início do trabalho

Foi um momento de grande concentração, os alunos estavam empenhados na realização das caricaturas.

Numa segunda fase do workshop, o artista fez uma abordagem teórica e uma demonstração no quadro da sala, desenhando as caricaturas de algumas personalidades conhecidas como René Descartes, Albert Einstein e Samuel Beckett, tendo as mesmas servido de arranque para o início da parte mais prática do workshop: desenho, por parte de alunos e professores de várias caricaturas através de fotografias, durante cerca de uma hora. Foi um momento de grande entusiasmo e satisfação (figura 58).

Os alunos tiveram então a oportunidade de participar nesta atividade e experimentar várias formas de expressão artística. Esta atividade foi bastante enriquecedora tendo prendido a sua atenção, ajudando-os a perceber que o desenho é uma ferramenta indispensável no seu crescimento e amadurecimento, mas que, no entanto, requer, tal como qualquer outra disciplina, uma prática constante.

Este exercício serviu para que os alunos pudessem exercitar outra forma de abordagem do rosto humano um pouco mais exagerado do que o normal, captando os aspetos caracterizantes de cada uma das figuras. O rosto caricaturado serviu também para que os discentes entendessem o que está associado a esta forma de retratar, pois muitas vezes o rosto tenta esconder a sua verdadeira essência interior, manipulando o observador. A caricatura ajuda a desvendar a verdade interior.

O resultado final superou todas as expectativas inicialmente previstas, tendo surgido trabalhos muito interessantes e de grande qualidade (figuras 59, 60, 61) uma vez que todos os participantes se envolveram afincadamente na elaboração dos desenhos das caricaturas. Podemos constatar no anexo 24 (pp:165-167) os testemunhos e reações dos alunos. No final

da atividade todas as caricaturas foram expostas e analisadas. Como se pode ver na figura 62, foram posteriormente expostas no átrio da escola, no 3º período. Foi ainda realizada uma avaliação dos resultados através de um inquérito efetuado no final da atividade tal pode-se ver no anexo 25 (pp:168-169).

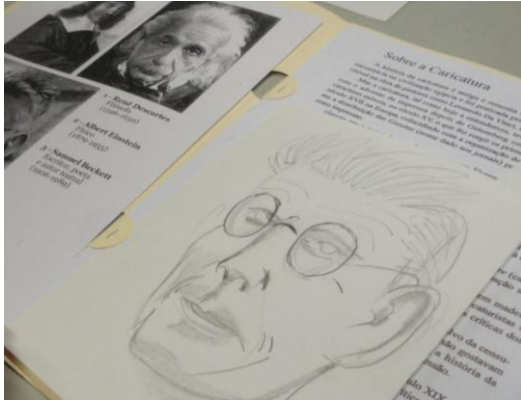


Fig. 59 – Realização da caricatura de Samuel Beckett



Fig. 60 - Elaboração da caricatura de Albert Einstein

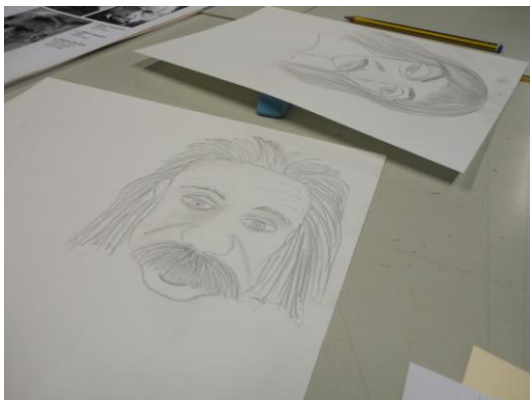


Fig. 61 – Trabalhos finalizados

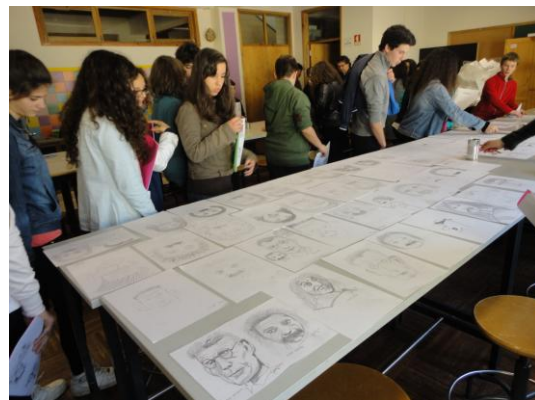


Fig. 62 – Análise e visualização das caricaturas realizadas

8.3. Intervenção no espaço escolar

A intervenção no espaço escolar, realizada no mês de maio, teve como objetivos essenciais a promoção do gosto e do interesse pela arte e a difusão de uma das obras de Amadeo de Souza Cardoso – “Sem Título (Retrato de Paul Alexandre?) de 1917” (figura 63) - da qual se fez a decomposição em várias partes, através do corte da imagem em divisões iguais, e posteriormente a montagem dos vários elementos aleatoriamente.

Esta obra foi executada num banco da escola que se situa na parte exterior do recinto escolar. Foi um trabalho final já com um certo carácter de complexidade em que os alunos fizeram a mistura das cores no próprio suporte e que mereceu toda a atenção por parte da comunidade educativa. Este trabalho criou um impacto muito positivo na envolvência da escola.

Pretendia-se, além do que foi referido, desenvolver a autonomia, a criatividade e a responsabilização dos alunos na preservação do seu espaço escolar, no sentido de valorizar a participação ativa no processo de construção e prevenção.



Fig. 63 - Amadeo de Souza Cardoso, Sem Título (Retrato de Paul Alexandre?), 1917

Esta intervenção extra sala de aula vem reforçar a importância da teoria para que se possa passar à prática, ou seja, confrontando aquilo que os alunos têm aprendido em sala de aula ao nível da disciplina de educação visual, com a prática, o contacto direto com técnicas e materiais, mas principalmente um contacto mais emocional, psicológico com o outro (figuras 64 e 67). Este é o objetivo crucial de todo este trabalho: estabelecer um encontro com o rosto humano numa dimensão mais abrangente em que se pudesse também envolver a comunidade educativa.

Este encontro que se dá a pretexto do rosto ambienta a uma relação de proximidade com o outro, uma relação de reciprocidade, de respeito e de valorização do outro. Para existir uma evolução ética é necessário que se estabeleça uma relação de alteridade e, é neste sentido, que esta atividade veio proporcionar aos alunos esta experiência de vida, numa descoberta da

verdadeira essência do rosto numa interação mais humanista com o outro. Trata-se de uma das consequências do modo como abordamos este tema.



Fig. 64 – Início do trabalho – primeiro banco

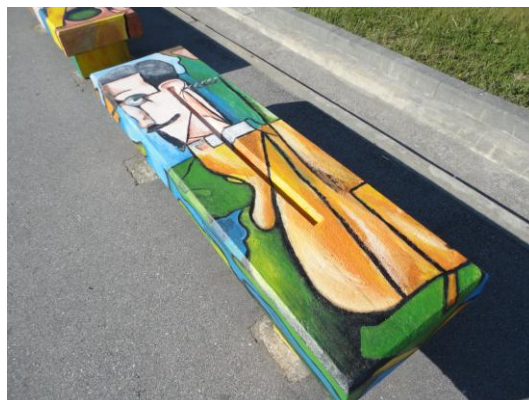


Fig. 65 – Resultado final – primeiro banco

A partir do rosto humano tudo se desencadeia: aqui viveu-se uma experiência única que não ficou apenas pelo desenho, tendo-se extravasado para múltiplas áreas, nomeadamente, a humana, a emocional e a psicológica.



Fig. 66 – Projeto finalizado - segundo banco



Fig. 67 – Realização do trabalho – segundo banco

O clima de respeito e harmonia é visível nesta imagem, assim como o empenho e concentração impostos no trabalho.

Este projeto proporcionou, através da convivência e interação entre os vários elementos da comunidade educativa como professores, alunos, funcionários e elementos da direção, um

ambiente propício a uma aproximação, dando sugestões, ideias, valorizando e dando estímulo aos alunos pelo trabalho que estava a ser desenvolvido, criando um diálogo de aprendizagem mútua. Este ambiente espontâneo que se criou em redor do trabalho dos bancos foi uma lição para os alunos compreenderem que é necessário dar mais atenção à forma como comunicamos e como olhamos, pois o olhar transmite o que as palavras muitas das vezes não conseguem dizer.

Os olhares foram sem dúvida muito reveladores e recíprocos de satisfação, admiração e de apreço por tudo o que foi realizado e vivido durante a atividade.

A relação de alteridade que se estabeleceu entre alunos e a comunidade educativa, veio ajudar os discentes a perceberem que o rosto é muito mais do que a definição de formas, é um encontro de profundidade entre seres, numa abertura e doação ao outro. Este encontro fez-se notar nas reações e testemunhos dos alunos, tal como descrito no anexo 26 (pp:170-173). Nas figuras 65 e 66 podemos ver o resultado final do trabalho realizado.

9. Análise e avaliação dos resultados obtidos

A última fase da intervenção pedagógica que nos propusemos desenvolver passava pela avaliação dos resultados. Notamos que, no decorrer do ano letivo, os alunos foram demonstrando uma evolução positiva no que diz respeito a atitudes de autoestima, respeito mútuo, apresentando uma participação mais ativa nas aulas. Assinalamos também um progresso muito positivo na vertente cognitiva, uma vez que constatámos que alunos com grandes dificuldades conseguiram atingir resultados muito satisfatórios.

Seguimos a orientação de Zabalza quanto à atenção a cada um dos alunos - «o professor é como que uma espécie de “escultor de pedra”. Cada pedra possui as suas próprias características, os seus veios, a sua espessura, as suas camadas, as suas diferenças singulares. Cada tipo de pedra exige um tratamento distinto. Isto é certo, mas não em sentido absoluto.» (Zabalza, 1989:9)

Consideramos que a relação que estabelecemos com os alunos foi crucial nestas experiências. Num sentido mais pessoal demos um contributo para a formação de alunos enquanto cidadãos tolerantes, autónomos, participativos e civicamente responsáveis, assim como também os ajudámos a terem mais confiança nas suas capacidades, especialmente na vertente do desenho, em que é possível adquirir bons resultados, sendo preponderante para tal um esforço mútuo.

Passaremos à análise propriamente dita dos trabalhos desenvolvidos: pretendemos perceber se os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos no início deste relatório. A nível geral os alunos evoluíram favoravelmente. Foram trabalhos que os marcaram muitíssimo, principalmente pelos materiais utilizados, uma vez que eram um pouco diferentes do que estão habituados. De salientar também que o suporte de madeira e os lápis de cera foram os mais apreciados. Todas as experiências foram valorizadas, pois exerceram uma forte influência na evolução dos alunos.

Esta evolução pode ser comprovada através dos quatro exemplos visuais retirados ao acaso, aqui expostos. Analisaremos a sequência de três trabalhos de cada aluno de forma a exemplificarmos como melhoraram o seu desempenho. O primeiro trabalho que os alunos desenvolveram teve como objetivo perceber como os discentes abordavam o rosto humano. Foi apenas pedido que desenhassem um rosto sem quaisquer restrições tendo a liberdade total para usar qualquer tipo de material. Os segundo e terceiro trabalhos disseram respeito às propostas de trabalho desenvolvidas em sala de aula, na sequência do aprofundamento teórico e prático do tema.

Aluno 1

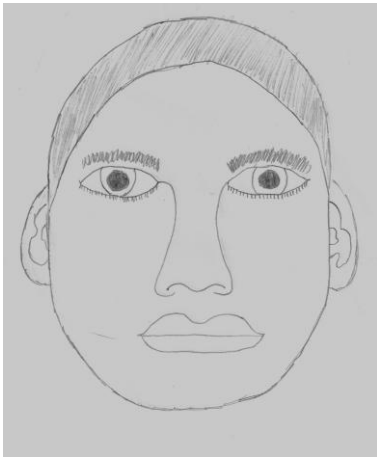


Fig. 68 – Aluno 1 - 1º trabalho



Fig. 69 – Aluno 1 - 2º trabalho



Fig. 70 – Aluno 1 - 3º trabalho

Este aluno mostra uma grande melhoria a nível do traço. No primeiro exemplo, detetámos uma certa elementaridade e rigidez na linha e na configuração do rosto. Podemos constatar já no segundo trabalho uma evolução, onde se vê que o traço passou a ser mais suave e em que existiu uma maior preocupação com os elementos constituintes do rosto, como o cabelo e os olhos. O terceiro trabalho reflete já uma abordagem do rosto mais desenvolvida onde se verifica a obtenção de volume através da aplicação de sombras. O material foi explorado ao máximo, podendo-se observar diversas utilizações do mesmo. É extraordinário ver como a mistura de cores e as várias intensidades dadas com os lápis de cera tornaram o trabalho tão rico e expressivo, como quem se aproxima da vida interior da personagem.

Aluno 2

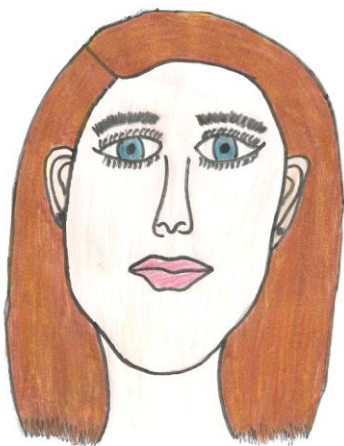


Fig. 71 – Aluno 2 – 1º trabalho



Fig. 72 – Aluno 2 – 2º trabalho



Fig. 73 – Aluno 2 – 3º trabalho

Verificámos, neste exemplo, que este aluno, apesar de usar a cor no primeiro trabalho, reflete uma singeleza na técnica a lápis de cor. Nota-se que as cores, são compactas, não existindo a sua mistura. Podemos ver também que não existem sombras, o que torna o trabalho bidimensional. A evolução deste aluno é já notória no segundo trabalho, no entanto, no último trabalho, verificámos uma fluidez do traço, uma grande expressividade e uma sensibilização com a forma tridimensional através do jogo e mistura de cores, tendo em atenção o contraste luz/sombra. Com isso, o retrato ganha expressão afetiva.

Aluno 3



Fig. 74 – Aluno 3 - 1º trabalho

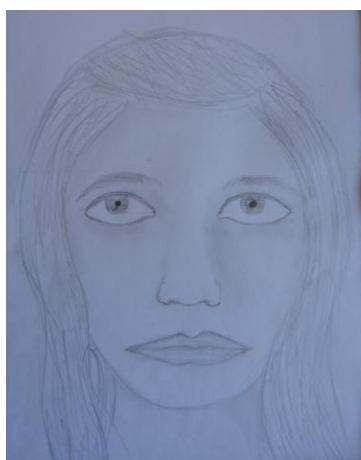


Fig. 75 - Aluno 3 - 2º trabalho



Fig. 76 - Aluno 3 - 3º trabalho

São evidentes as dificuldades deste aluno no primeiro trabalho realizado: um rosto bidimensional, geometrizado e agressivo, com um carácter bastante infantil. O segundo trabalho mostra já um rosto mais suave, uma representação linear e volumétrica com grande rigor. De referir que este aluno é bastante distraído e conversador, o que condicionou a sua conduta escolar. Porém, conseguiu ultrapassar as dificuldades e o resultado final é evidente no terceiro trabalho, onde existe um cuidado com o rosto humano, no pormenor do olho, na obtenção das cores, nas diferentes linhas aplicadas para cada efeito.

Aluno 4



Fig. 77 - Aluno 4 - 1º trabalho

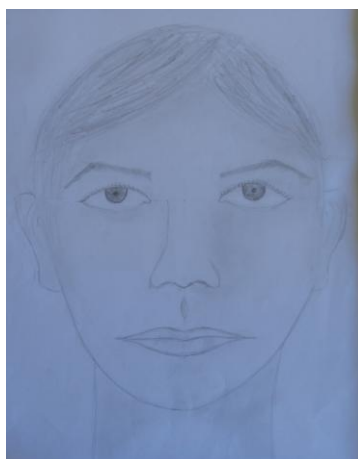


Fig. 78 - Aluno 4 - 2º trabalho



Fig. 79 - Aluno 4 - 3º trabalho

Este aluno, no primeiro trabalho, demonstra dificuldades a nível da configuração do rosto e dos seus elementos, estas dificuldades foram desaparecendo como podemos verificar no segundo trabalho. Com a aplicação da cor no terceiro trabalho o rosto enriqueceu consideravelmente, manifestando volumetria através das linhas de várias cores entrelaçadas e uma expressividade anímica em todo o seu conjunto.

Como pudemos observar, estes alunos evoluíram positivamente, os trabalhos surtiram o efeito desejado, resultando retratos muito interessantes e de grande carácter. O empenhamento e o esforço imposto nos trabalhos pelos alunos foi excelente, tendo sido sem dúvida um meio bastante facilitador na obtenção dos bons resultados. Teremos que referir também os dois casos de alunos problemáticos de indisciplina que conseguiram efetuar os seus retratos com sucesso como se pode verificar no anexo 9 (pp:122-123).

Todas as atividades referidas nos capítulos 7 e 8, foram muito proveitosas em todos os aspetos: a nível cultural uma vez que tiveram acesso a espaços culturais e vários materiais e informações; a nível ético e antropológico, no descobrimento e valorização do rosto humano num encontro com o outro; aspetos técnicos em que puderam experimentar diversas técnicas e materiais, além de se estabelecer pontes para a aprendizagem no campo das artes. Contribuíram também para a promoção da socialização entre os alunos das diferentes turmas e entre estes e os professores, criando uma relação de interioridade e de alteridade.

No final do ano foi realizado um inquérito (anexo 27, pp:174-176) com o objetivo de avaliar todo o trabalho desenvolvido durante o ano letivo. Este inquérito demonstrou (anexo 28, pp:177-178) os efeitos que o tema teve no aluno, relativamente a aspetos mais técnicos/artísticos como a aprendizagem de novas técnicas e contactos com novos materiais, como aspetos do foro cultural e estético, na promoção e valorização do gosto pela arte e pelas

diversas formas de expressão artística; e principalmente na dimensão ética, nomeadamente na relação de convivência e respeito com o outro, numa relação de partilha.

Apesar das dificuldades encontradas ao nível técnico e emocional, os resultados da exploração do tema deste relatório valeram todo o esforço aplicado, uma vez que os alunos demonstraram receptividade e empenho em tudo que foi proposto. As atividades realizadas ajudaram os discentes no que era a pretensão deste trabalho, no descobrimento e captação do rosto humano em todas as suas vertentes, denotando-se uma melhoria no desempenho escolar tanto ao nível cognitivo como emocional, como se pode verificar no anexo 29 (pp:179-185).

Conclusões

De certo modo, toda a nossa prática pedagógica supervisionada foi norteadada pela tentativa de oferecer ao aluno um tipo de formação que Alberto Sousa condensa no extrato que a seguir reproduzimos:

«uma educação voltada para a criatividade e não uma educação voltada para as memorizações. Concebe-se uma educação global, de toda a personalidade e não tripartida (intelectual, física e moral). Pensa-se na pessoa como uma unidade, única, total (bio-afectivo-cognitivo-sociomotora) e não apenas como um corpo carnal que é invólucro da alma, dissociados e independentes. Considera-se educação como algo que é processado de dentro para fora, com grande significado afectivo-emocional e não como antigamente, considerando-a exclusivamente como uma acção exercida do exterior, com a intenção de ensinar-inserir “conhecimentos intelectuais”». (Sousa, 2003: 115).

Estas preocupações estiveram sempre presentes ao longo do ano letivo. O aluno foi o centro e razão de todo este trabalho, foi para ele que trabalhámos, para lhe dar a melhor formação possível, desenvolvendo o seu ser humano como um todo.

Ao longo do ano letivo, desenvolvemos as funções com clareza e rigor, tendo o cuidado na preparação e execução dos materiais pedagógicos. Todo o nosso trabalho foi desenvolvido tendo em conta a planificação anual, o programa e objetivos da disciplina, bem como os interesses e dificuldades dos alunos. Esforçámo-nos por explorar as potencialidades da disciplina de modo a obter um bom rendimento da turma, utilizando estratégias e metodologias adequadas à mesma.

Esta preocupação não existiu apenas aquando da planificação das aulas, momento em que se delineavam estratégias e atividades em conformidade com as características da turma, mas também no decorrer das aulas, sempre que reformulávamos e reajustávamos estratégias, tendo em consideração as dificuldades de alguns alunos em particular. Tentámos sempre desenvolver e manter uma boa relação pedagógica com todos os alunos, promovendo regras de respeito e de integração e estimulando o interesse dos alunos pelos conteúdos temáticos e pelas atividades práticas.

O aprofundamento do tema do rosto deu um contributo muito positivo a nível pedagógico, permitindo aos alunos melhorarem as suas aprendizagens em geral. Tentámos

proporcionar novas experiências, possibilitando aos discentes o contacto com novos materiais, técnicas e suportes.

Os trabalhos práticos propostos foram adequados ao objetivo de colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre o tema do rosto humano e mais propriamente relativo ao retrato e ao autorretrato. Surgiram muitas dúvidas, principalmente relativas à construção do rosto humano, que foram sempre esclarecidas através de várias formas de ensino, de que são exemplo as apresentações multimédia, os filmes e as demonstrações no quadro da sala. Foram feitos esclarecimentos, individualmente e em grupo, como forma de orientar todas as etapas do processo de desenvolvimento dos trabalhos, procurando atender todas as solicitações dos alunos, de modo a que estes ultrapassassem todos os obstáculos encontrados. Notámos que alguns dos alunos que se mostravam menos confiantes nas suas competências em relação à disciplina foram, progressivamente, se libertando e evoluindo positivamente. O entusiasmo e o empenho ajudaram muito neste processo.

Relativamente à avaliação, tivemos em conta todo este processo percorrido pelos discentes e sabendo que a avaliação é um procedimento bastante complexo, pois acarreta diversos passos que estão interligados entre si, sendo regularizadora da prática educativa pois «[a]valiar é mais do que «dar notas». Na escola, é necessário valorizar a dimensão formativa da avaliação. Os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para ensinar melhor e garantir a qualidade das aprendizagens. A avaliação é um meio, não um fim» (Estanqueiro, 2010: 83)

Tentando concretizar este princípio enunciado por Estanqueiro, demos bastante relevo a todos os elementos da avaliação, estando sempre atentos à diversidade de cada personalidade e de cada forma de aprendizagem, pois os alunos não aprendem todos ao mesmo ritmo e é necessário adotar estratégias para superar as dificuldades. Deste modo, tivemos a preocupação de em todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula adaptar estratégias consoante a especificidade de cada aluno. Estes fatores ajudaram muito neste processo, tendo em conta o interesse, o empenho, a curiosidade, o comportamento e a participação destes. Promovemos a autoavaliação, com o objetivo de levar os alunos a refletir sobre as suas atitudes, dificuldades e aspetos a melhorar, de forma a estes terem uma visão do seu progresso, valorizando a sua evolução.

Quanto ao tema deste relatório, os alunos atingiram francamente os objetivos e as finalidades propostas para o desenvolvimento do tema do rosto humano, fundamentalmente, no alargamento e no conhecimento do tema supra indicado a nível estético, artístico e também cultural e histórico, como ficou demonstrado no capítulo anterior e respetivos anexos.

Com a pretensão de aprofundar científica e artisticamente o ensino do desenho do rosto, temos consciência de ter promovido o gosto pelas artes e pela dimensão estética, favorecendo a utilização de métodos e técnicas de trabalho promotoras de autonomia. Todos os trabalhos elaborados dentro da sala de aula e todas as iniciativas fora da sala de aula contribuíram para a melhoria do ensino/aprendizagem da temática relativa ao rosto humano, tendo os resultados superado todas as previsões. Os alunos revelaram progressivamente uma evolução positiva, conseguindo ultrapassar os obstáculos condicionantes da sua aprendizagem.

Os discentes adquiriram ao longo do tempo uma maior sensibilidade para o tema do rosto humano, desenvolveram o espírito crítico e auto análise e passaram a ver com mais atenção os rostos na sua diversidade, conseguindo perceber a importância destes para a evolução da sua aprendizagem e para o seu processo de maturação. Mostrando também consciência da complexidade da aprendizagem do tema rosto humano, evidenciaram sentido auto avaliativo e hetero construtivo e revelaram evolução nos processos de aprendizagem, tendo-se verificado também uma evolução social e emocional relevante.

Os discentes puderam perceber a linguagem do rosto, de como este tem sofrido um processo de banalização na sociedade atual e de como os meios de comunicação têm manipulado e usado o rosto como forma de sedução em prol de interesses económicos e de moda/publicidade. Desvendaram que o rosto só tem sentido numa dimensão ética, num encontro profundo de interioridade e de alteridade.

Concluindo, todo este percurso foi bastante proveitoso, quer em termos profissionais, quer pessoais, tendo sido o culminar de todo um processo de preparação para a vida. Temos consciência de ter contribuído para a construção de cidadãos mais disponíveis, atentos à diversidade e conscientes da importância de uma proximidade ao outro, sem trivialidades, valorizando o rosto numa dimensão mais humanista.

No entanto, ficámos com a sensação de que ainda ficou muito por aprender e fazer. O tema desenvolvido neste relatório tem muitas potencialidades de trabalho e pode ainda ser muito explorado na disciplina de educação visual. O rosto humano é um tema muito atual e tem vindo a degradar-se, mas é possível inverter a situação, através de projetos como: atividades de grupo que envolvam o desenho e em que os alunos possam interagir livremente e eticamente, expressando-se sem medo de represálias e julgamentos. Esta atividade poderia ser explorada num âmbito mais abrangente, em que toda a escola pudesse participar e dar o seu contributo para um mundo melhor a nível ético, cultural, psicológico e antropológico. Esperamos ter possibilidade de continuar, por isso, este projeto tão desafiador como urgente.

Referências bibliográficas

- Adams, E.** (2001). *Power drawing*. Hove: Lacey's Printers.
- Adams, E.** (2003). *Drawing on experience*. Hove: Lacey's Printers.
- Adams, E.** (2004). *Start with drawing*. Hove: Lacey's Printers.
- Almeida, C. M. T.** (2007). *Da Indiferença à proximidade – Contributos de Emmanuel Lévinas para uma nova ética*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Belém, M. C. & Ramalho, M. M.** (2009). *Fotobiografias século XX. Direcção de Joaquim Vieira. Amadeo de Souza-Cardoso*. Lisboa: Editora Temas e Debates.
- Cabezas, L., Molina, J., Borges, J.** (2008). *El manual de dibujo. Estratégias de su enseñanza en el siglo xx.* Madrid: Cátedra.
- Cabezas, L., Molina, J.** (Coord.) (2011). *Las lecciones del dibujo*. Madrid: Cátedra.
- Costa, C. C. S.** (2001). *Blue & brown – Notebooks - Estética e filosofias comparadas*. Lisboa: Fenda.
- Courtine, J. & Haroche, C.** (1995). *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Teorema.
- Courtine-Denamy, S.** (2004). *Le visage en question. De l'ímagem à l'éthique*. Paris: La Différence.
- Davies, R.** (1991). *A Leitura do rosto*. Lisboa: Edições 70.
- Debord, G.** (1991). *A Sociedade do espectáculo*. Lisboa: Mobilis in Mobile.
- Duarte, A.** (2010). *Aurélia de Sousa. Pintores portugueses*. Matosinhos: Quidnovi.
- Dutton, D.** (2010). *Arte e instinto*. SL: Círculo de Leitores.
- Edwards, B.** (1984). *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Estanqueiro, A.** (2010). *Boas práticas na educação - O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Flor, P.** (2010). *A arte do retrato em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Gibson, E.** (2010). Before expressionism, great expressions. *The Wall Street Journal*, p. A31 <http://www.neuegalerie.org/content/wall-street-journal-expressionism-great-expressions>, Sept.16, consultado em 11 de Novembro de 2012.
- Gil, J.** (1996). «A imagem-nua e as pequenas percepções – Estética e metafenomenologia». Lisboa: Relógio D'Água.

- Gil, J.** (2005). «*Sem título*» - *escritos sobre arte e artistas*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Heidegger, M.** (2004). *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70.
- Hogarth, B.** (1999). *O desenho da cabeça humana sem dificuldade*. Lisboa: Taschen.
- Howgate, S., Auping, M., Richardson, J.** (2012). *Lucian Freud portraits*. London: National Portrait Gallery.
- Janson, H.F.** (1992). *História da arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Levinas, E.** (2008). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G.** (2007). *A era do vazio - Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lloret, J. L.** (2009). *Opacidad y transparencia. El rostro como metáfora estética en la segunda mitad del siglo XVIII*, Estudios Filosóficos, nº 169, 457- 481.
- Magalhães, A. F.** (2011). *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Medeiros, M., Rosenthal, G., Serpa, L.** (2008). *Aquilo sou eu, Auto-retratos de artistas contemporâneos*. Fundação Carmona e Costa. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Nunes, E.** (1993). *O outro e o rosto. Problemas de alteridade em Emmanuel Levinas*. Braga: Publicações da faculdade de filosofia da UCP.
- Pseudo Aristóteles.** (1999). *Fisiognomía*. Madrid: Editorial Gredos.
- Ramos, A.** (2010). *Retrato. O desenho da presença*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Ramos, J. A.** (2002). No traço dos traços do nosso rosto. *In Philosophica*, Lisboa nº 19/20, 241-250.
- Rebel, E.** (2009). *Auto-retratos*. Lisboa: Taschen.
- Rodrigues, A. L.** (2003). *O que é o desenho*. SL: Quimera.
- Sami-ali.** (2002). *O banal*. Lisboa: Dinalivro.
- Sardo, D.** (2011). *Obras-primas da arte portuguesa. século XX - Artes visuais*. Lisboa: Athena.
- Sousa, A. B.** (2003). *Educação pela arte e artes na educação - 1º volume*. Lisboa: Instituto Piaget
- Stanké, L.** (1974). *O rosto, espelho do carácter*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Zabalza, M. A.** (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Coleção Perspectivas Actuais. Porto: Edições ASA.

Vídeos/documentários:

Aula de Desenho – Rosto: a proporção entre olho, nariz e boca. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=u-aNF-9RnF0> - consultado em 14 de Dezembro de 2012.

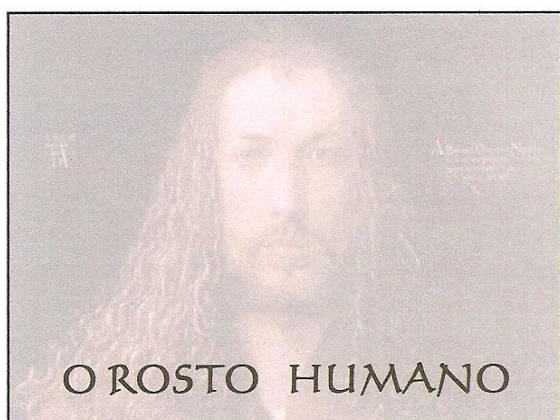
Frida kahlo self portraits. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IJYAg36n19I> - consultado em 14 de Dezembro de 2012.

História Frida Kahlo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Vgwn79HtwiA> - consultado em 14 de Dezembro de 2012.

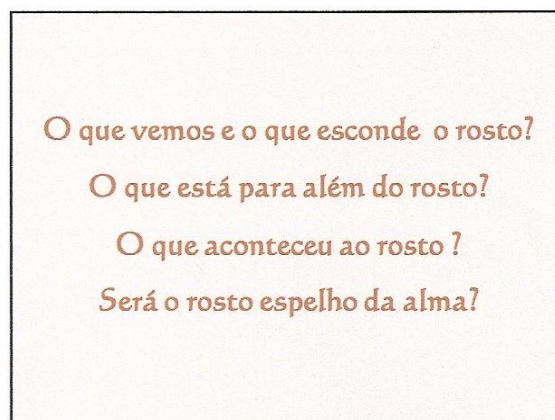
Autorretrato em movimento. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=5IfDIW8z_qk - consultado em 14 de Dezembro de 2012.

ANEXOS

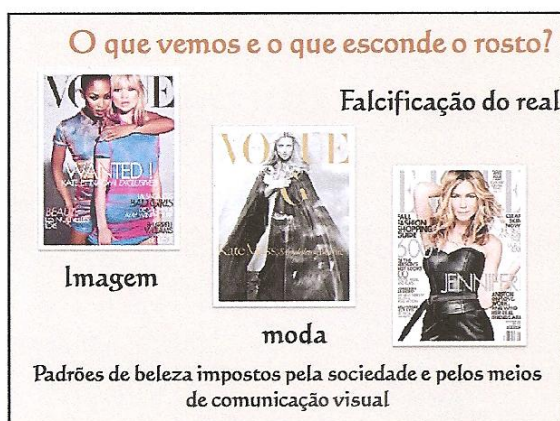
Anexo 1 – Apresentação do tema : “O rosto humano”



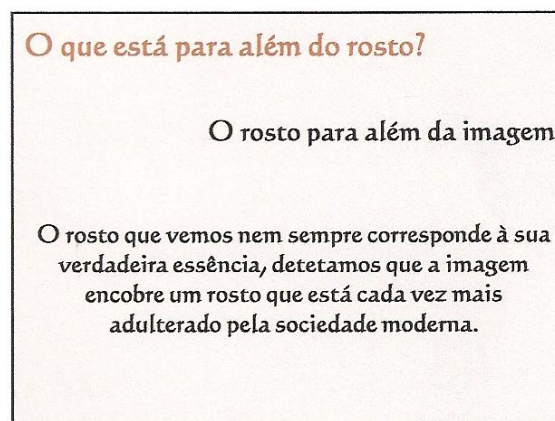
1



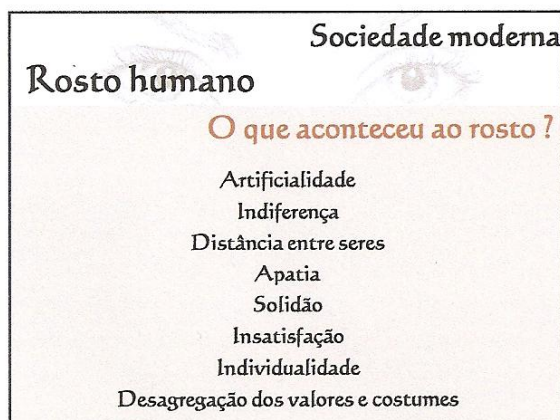
2



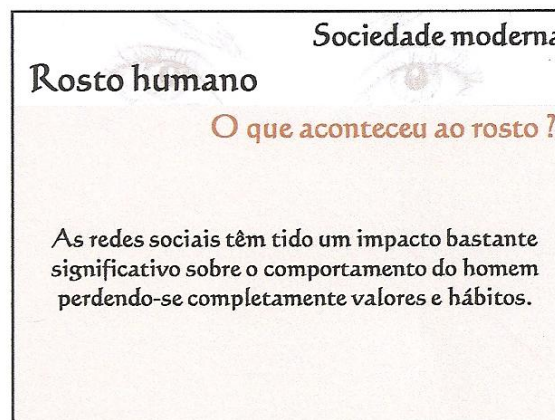
3



4



5



6

Aspetos éticos

Rosto humano

Relacionados com as ações morais nas sociedades humanas

Perderam-se os valores devido às transformações e hábitos que se instauraram na sociedade moderna

FRAGILIDADE MORAL

7

Será o rosto espelho da alma?

rosto artificial e banal

Com conotações falsas

Cultura da beleza física da aparência esquecendo-se da verdadeira beleza da alma

8

Rosto humano

Valorização Busca da autenticidade

Respeito Relações humanas

Acolhimento Ética

Beleza da alma

9

Rosto humano

Procura de um rosto renovado numa relação de proximidade com o outro, numa conexão ética e antropológica entre seres.

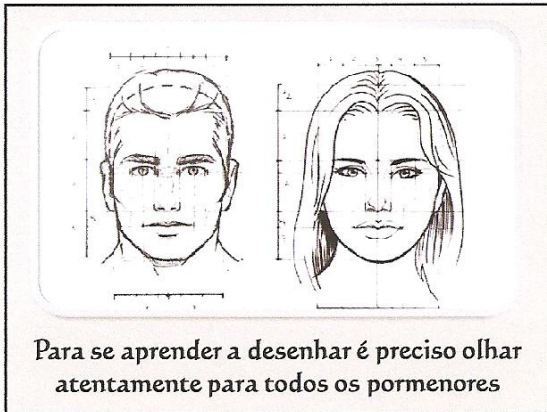
10

O DESENHO DO ROSTO HUMANO

11

O desenho é um instrumento muito importante do nosso pensamento visual.

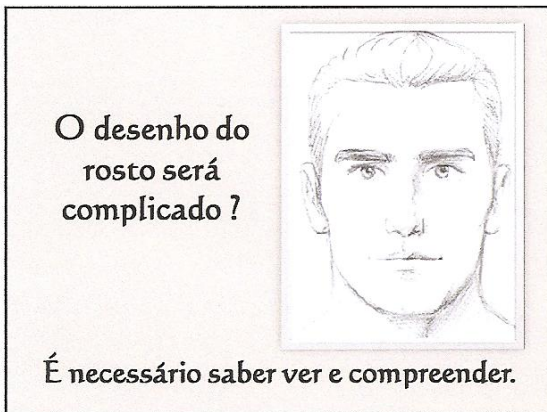
12



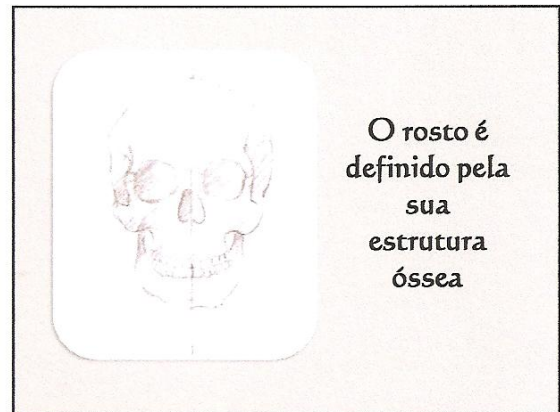
13

Como desenhar um rosto?

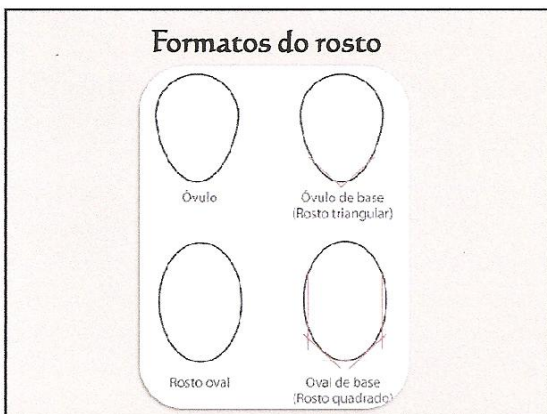
14



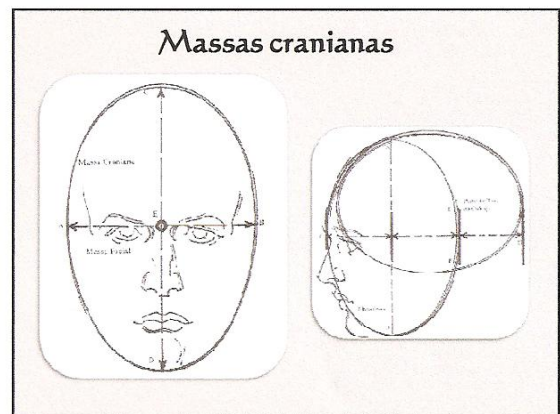
15



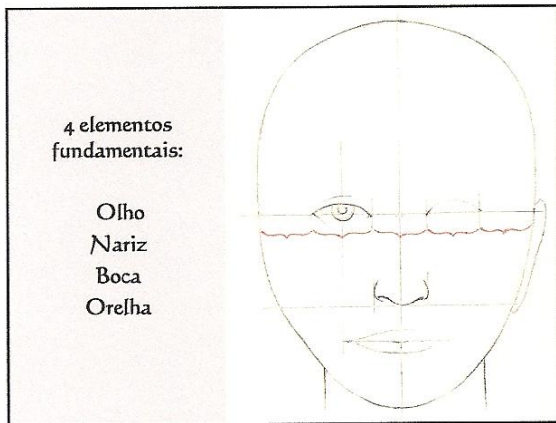
16



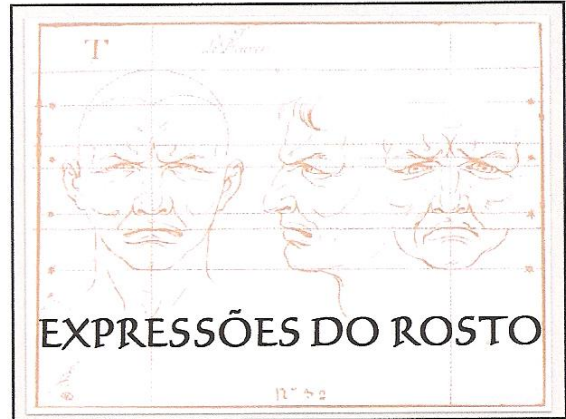
17



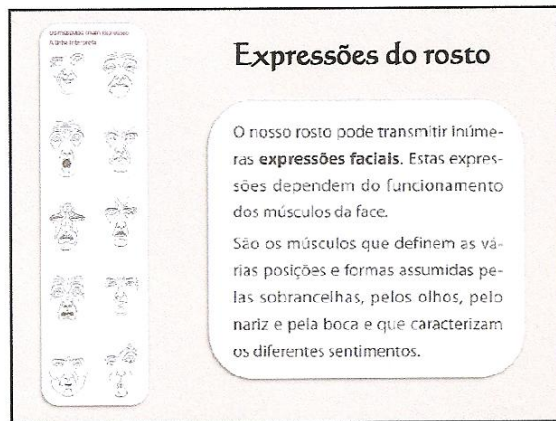
18



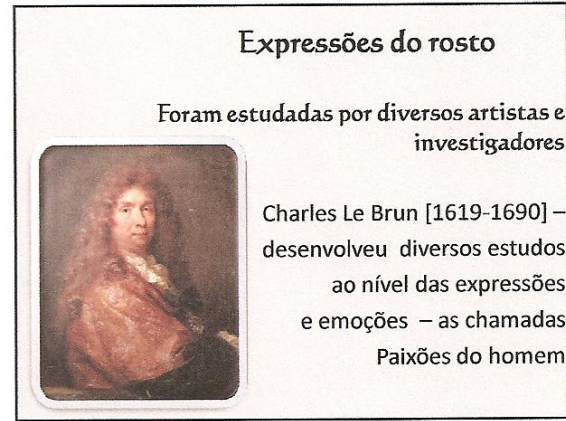
19



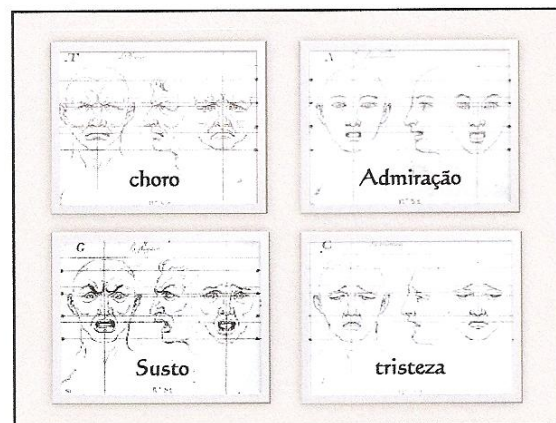
20



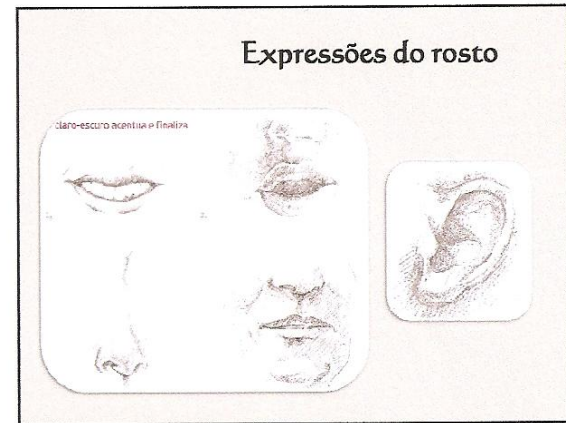
21



22



23



24

Anexo 2 – Sequência do vídeo: Como se desenha um rosto?

Vídeo apresentado na aula: Como se desenha um rosto?

Sequência do filme

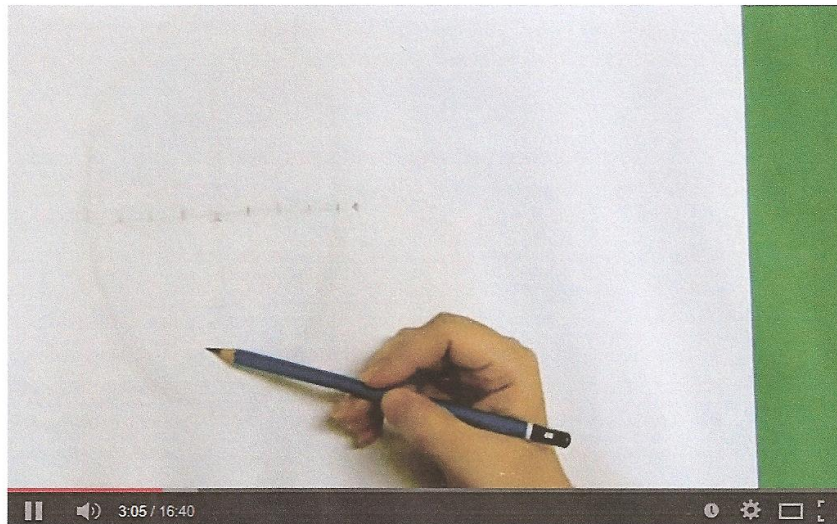


Ilustração 1 – Através de uma oval começa a construção do rosto, dividindo-a em duas partes iguais verticalmente e horizontalmente vamos encontrar o meio do rosto, marca-se posteriormente as linhas dos olhos, nariz e boca. Esta é a estrutura base da construção do rosto.

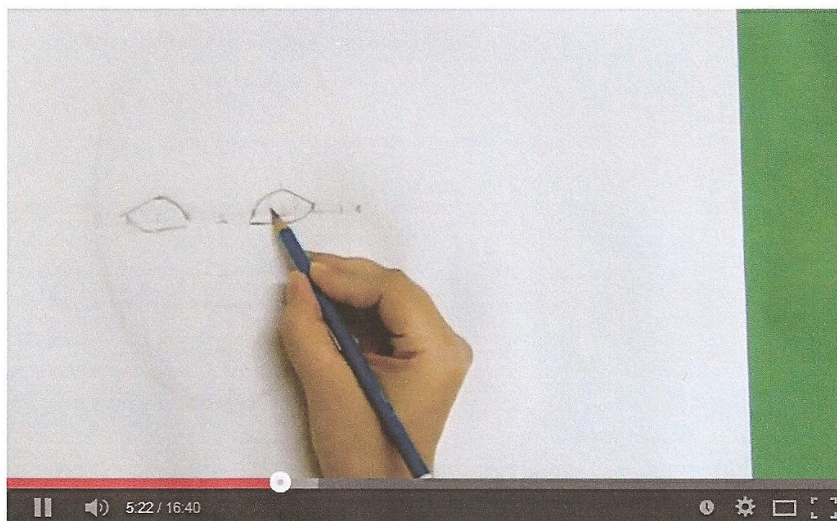


Ilustração 2 – Nesta fase, os alunos observaram como se desenha a configuração dos olhos.

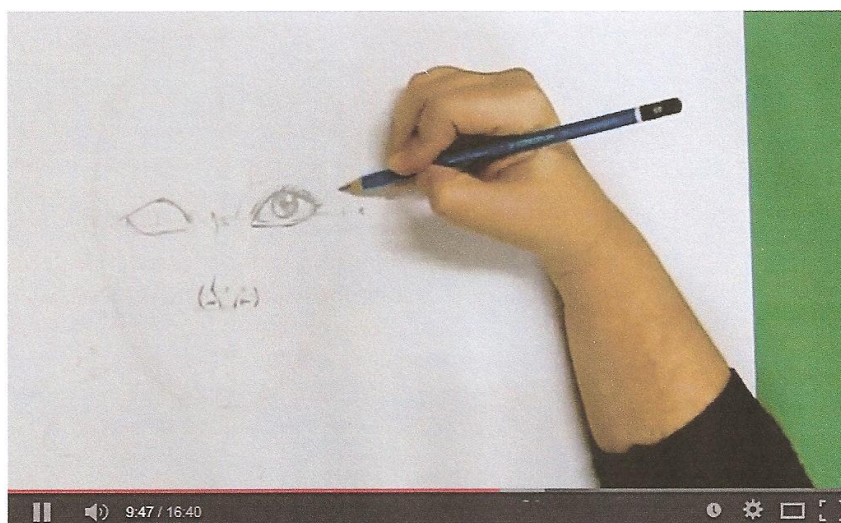


Ilustração 3 – Aqui, demonstrou-se como se esboça a iris e o nariz.

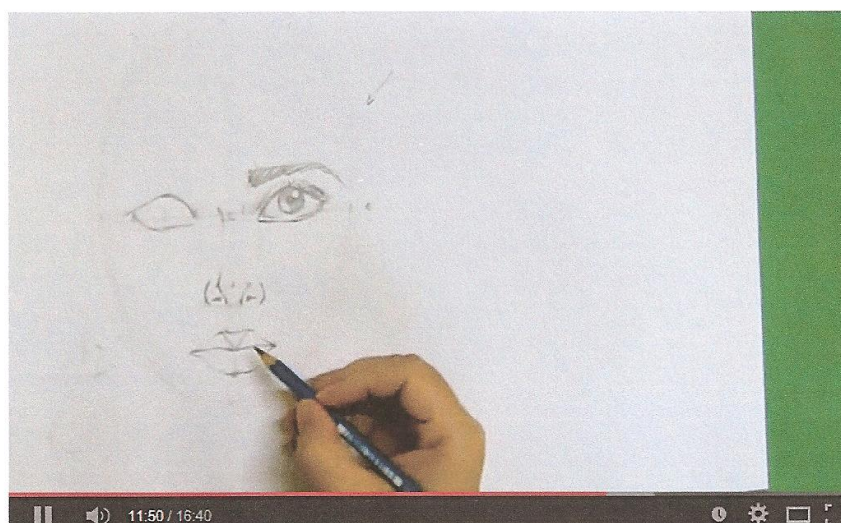


Ilustração 4 – Os alunos puderam perceber como se estrutura a boca e as suas sombras, assim como se constrói e onde se posicionam as sobrancelhas.

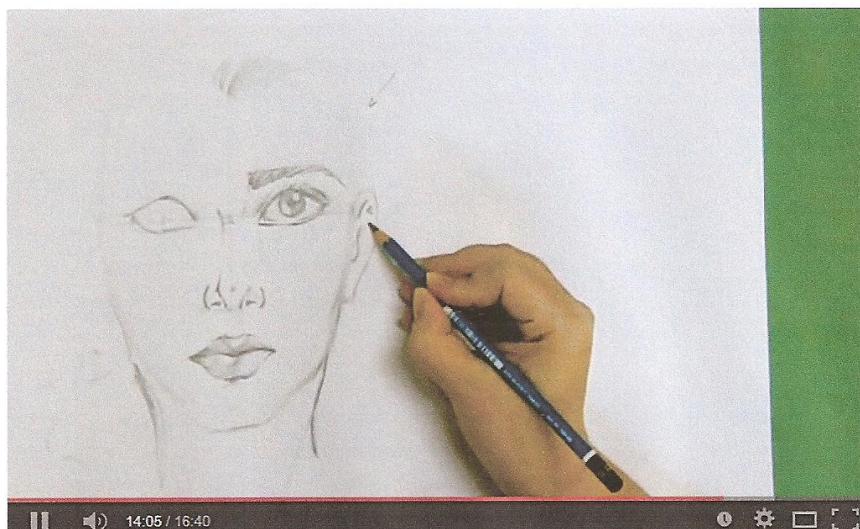


Ilustração 5 – As orelhas são elementos também bastante importantes no rosto, sendo explicado o seu posicionamento e a sua construção.

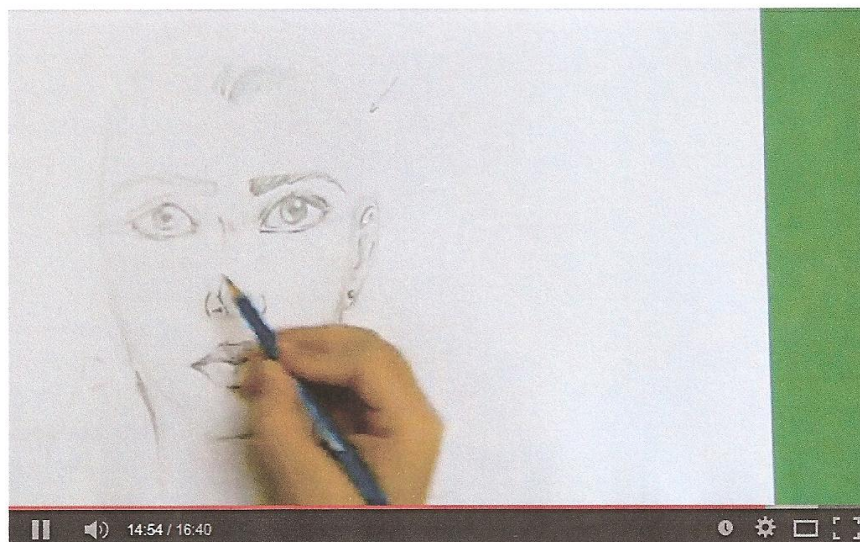


Ilustração 6 – Após a construção de todos os elementos constituintes do rosto, passou-se à parte das sombras que vão dar o volume do rosto.

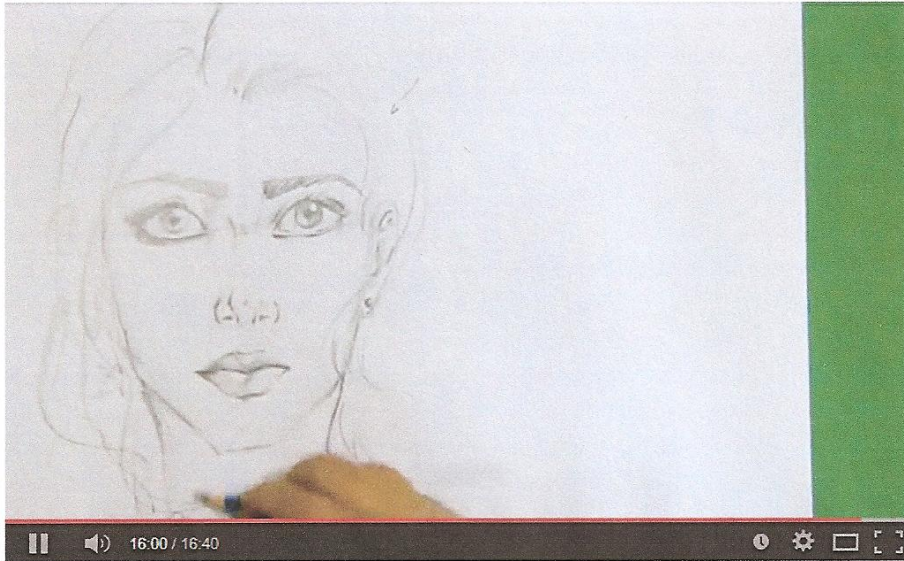


Ilustração 7 – Por fim, procedeu-se à realização do cabelo e do resto das sombras.

Anexo 3 – Planificação das atividades: “em busca do sentido do rosto” e “o rosto como um encontro ético”



<p>Trabalho prático 1: “Em busca do sentido do rosto”</p> <p><i>Metas a atingir: Reconhecer e dominar o desenho expressivo do rosto humano. Representar o verdadeiro significado do retratado.</i></p>	<p><i>Ano Letivo 2012/2013</i></p> <p>Planificação</p> <p>Turma 7ºC</p>
--	---

Objetivos	Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Analisar o rosto humano em todas as suas vertentes, na busca da sua verdadeira essência; • Desenvolver e empregar diferentes modos de representação do rosto humano com toda a sua expressividade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver e elaborar o retrato de um colega da turma. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecimento de dúvidas, fornecimento de indicações e apoio individualizado na elaboração dos trabalhos práticos; • Diálogo com os alunos sobre todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos de forma a conduzi-los aos objetivos delineados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e vídeo projetor; • Folhas de papel cavalinho A3; • Lápis de grafite 2B; • Borracha branca. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa: <li style="padding-left: 20px;">Observação direta. • Registo em grelha de observação: <li style="padding-left: 20px;">Autonomia <li style="padding-left: 20px;">Empenho <li style="padding-left: 20px;">Responsabilidade <li style="padding-left: 20px;">Sociabilidade • Realização das tarefas solicitadas de forma empenhada e assertiva.



<p>Trabalho prático 2: “O rosto como um encontro ético”</p> <p>Metas a atingir: Valorizar e identificar a importância do rosto humano. Dominar instrumentos de registo, materiais e técnicas de representação.</p>	<p>Ano Letivo 2012/2013</p> <p>Planificação</p> <p>Turma 7°C</p>
---	--

Objetivos	Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar o rosto humano numa dimensão ética e antropológica; • Propiciar uma relação de proximidade com a comunidade educativa; • Desenvolver a criatividade; • Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um painel para o centro escolar com base nos retratos dos alunos executados no trabalho 1. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecimento de dúvidas, fornecimento de indicações e apoio individualizado na elaboração dos trabalhos práticos; • Diálogo com os alunos sobre todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos de forma a conduzi-los aos objetivos delineados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador e vídeo projetor; • Folhas de papel cavalinho A4; • Folhas de papel vegetal • Lápis de grafite 2B; • Borracha branca; • Placa de madeira; • Lápis de cera. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa: • Observação direta. • Registo em grelha de observação: • Autonomia • Empenho • Responsabilidade • Sociabilidade • Realização das tarefas solicitadas de forma empenhada e assertiva.

Anexo 4 – Proposta de trabalho: “em busca do sentido do rosto”

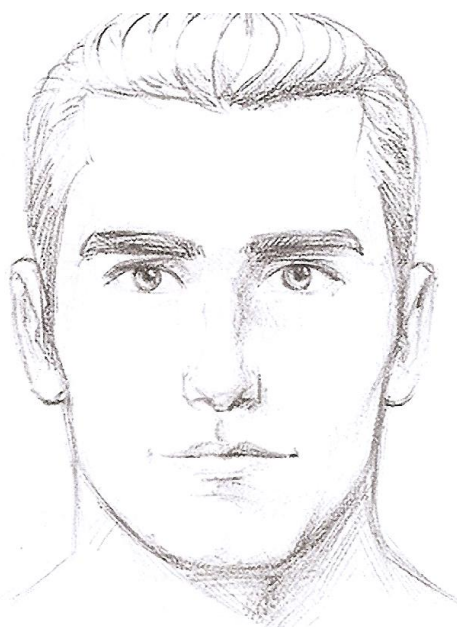


Direção Regional de Educação do Norte
152936 - Agrupamento de Escolas
AMADEO DE SOUZA-CARDOSO/Telões – Amarante



PROPOSTA DE TRABALHO

Em busca do sentido do rosto

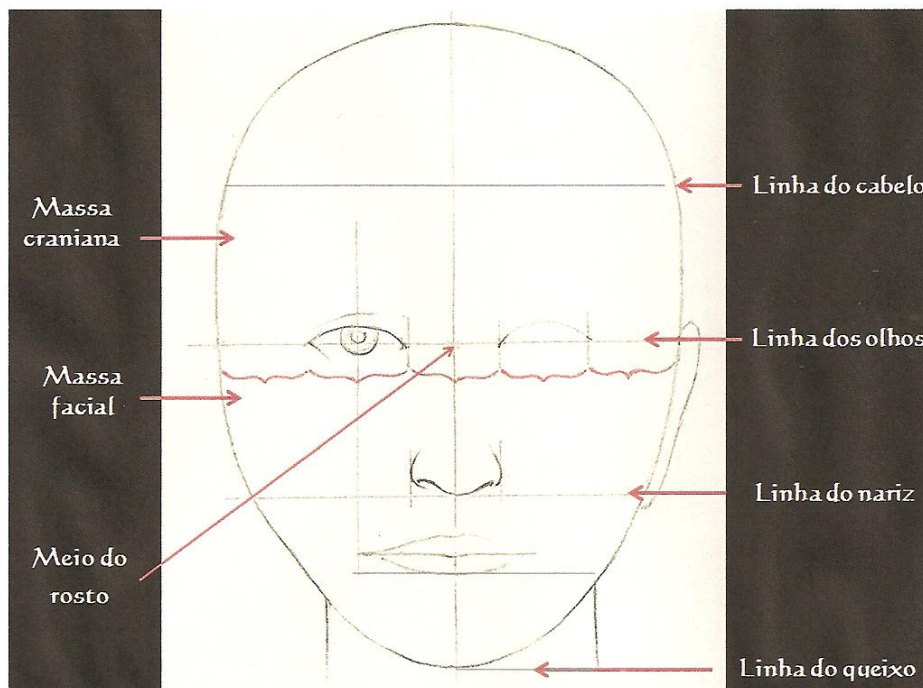


O rosto humano é um poderoso meio de comunicação de expressão em sociedade, sendo algo extremamente importante para a aprendizagem. Este não é complicado, é necessário aprender a ver e despertar a nossa visão para as formas. Através dele conseguimos perceber o que está oculto por detrás da máscara e para isso é necessário observá-lo profundamente de forma a absorver tudo o que está para além da forma exterior, percebendo o estado emocional de cada uma delas.

Esta proposta de trabalho consiste na elaboração de um desenho do rosto de um colega da turma, de forma a captar toda a sua configuração linear assim como as suas sombras para obtenção de volume.

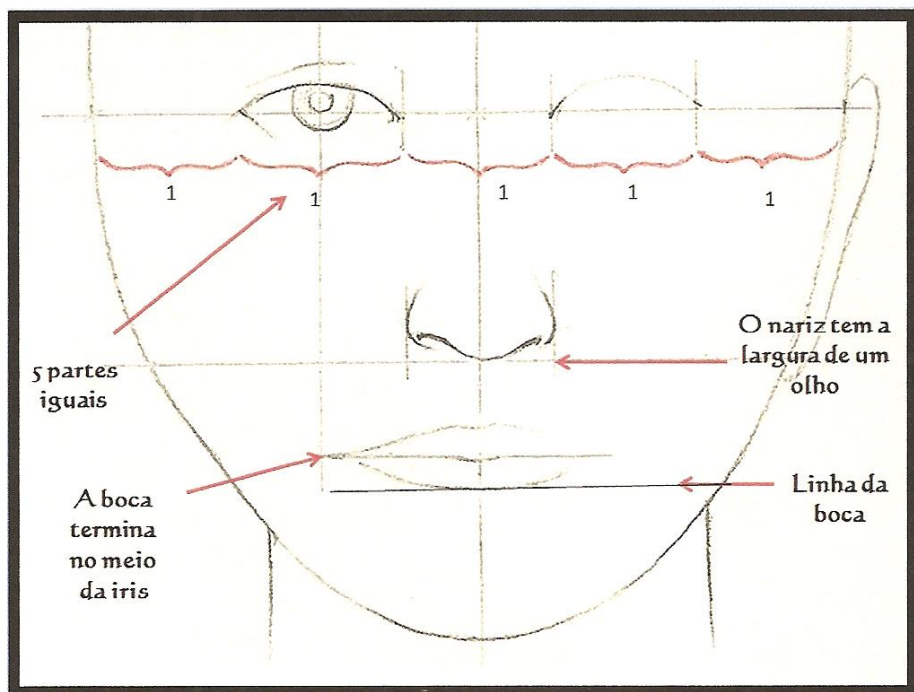
Material: Folha A3 de papel cavalinho, Lápis 2B, borracha branca.

Anexo 5 - Construção do rosto humano



A construção do rosto humano obedece a várias regras fundamentais, que ajudam os alunos no processo de desenvolvimento do desenho do rosto.

O rosto divide-se verticalmente em quatro partes iguais, onde se podem identificar as linhas: do cabelo, dos olhos, do nariz e do queixo.



Para saber onde se situam os olhos, divide-se em 5 partes iguais a linha dos olhos como podemos verificar na imagem.

O fim da boca é obtido através da divisão em duas partes iguais da área entre o nariz e o queixo e como se pode verificar a boca tem o seu término quando se traça uma linha vertical a meio da iris paralela ao meio do rosto; prolongando essa linha acha-se o fim da boca.

Os alunos puderam observar atentamente cada pormenor do rosto humano.

Anexo 6 – Reações e testemunhos “em busca do sentido do rosto”

Reações e testemunhos dos alunos

“Em busca do sentido do rosto”

Reações: este trabalho foi o início de uma caminhada de constante evolução para os nossos alunos. Notámos muitas dificuldades no desenvolvimento do retrato, os alunos foram observando o colega no sentido de compreender o seu rosto, porém, encontraram obstáculos no que diz respeito à sua construção técnica. Com o nosso apoio e com a ajuda dos meios audiovisuais, verificámos que os discentes foram progredindo, conseguindo atingir os objetivos definidos: desenhar a verdadeira essência do retratado e captar toda a sua expressividade.

O rosto humano é algo que os alunos revelam ser difícil de trabalhar, contudo, foi interessante ver como esta experiência os fez mudar de opinião conseguindo alcançar a confiança que não possuíam.

Esta é visível nos seus trabalhos, como podemos comparar através de alguns exemplos elaborados pelos alunos, abaixo expostos.



Fig. 1

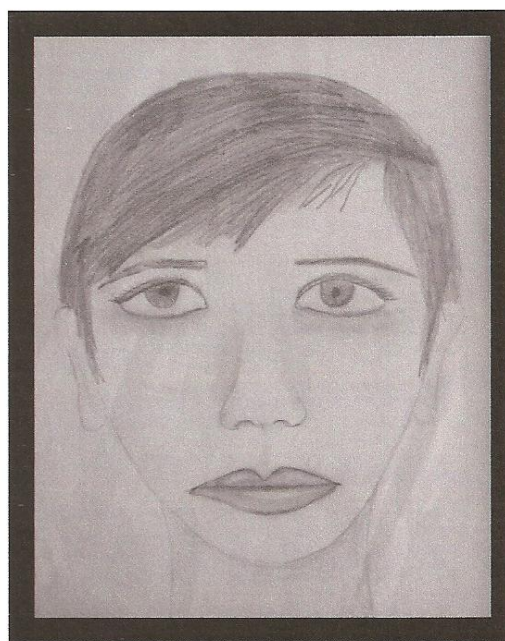


Fig. 2

Reações e testemunhos dos alunos

“Em busca do sentido do rosto”

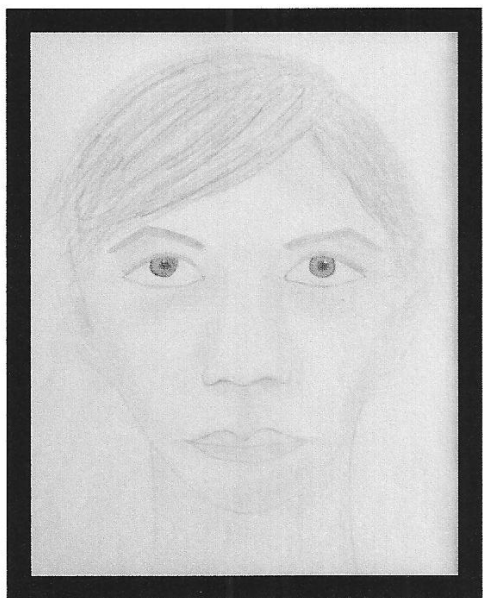


Fig. 3



Fig. 4

Testemunhos: recolhemos alguns depoimentos dos alunos.

Aluno 1: “Não foi fácil desenhar o retrato do meu colega, mas com a ajuda da professora e das demonstrações que fez no quadro, consegui.”

Aluno 2: “Já tinha desenhado rostos, mas este trabalho foi diferente, consegui compreender e ver o rosto humano de outra forma. ”

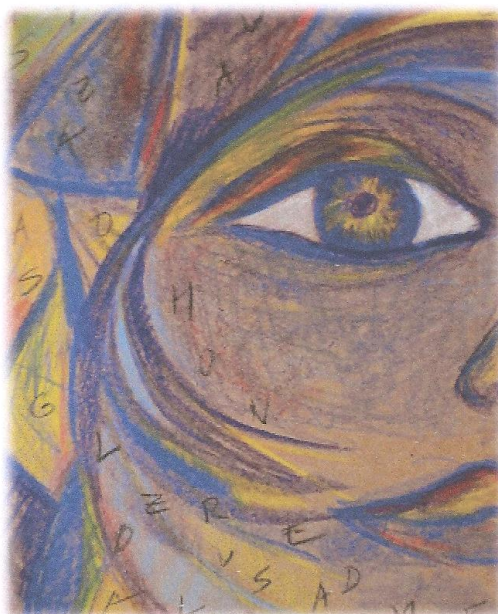
Aluno 3: “Pensei que era muito difícil fazer retratos, fiquei muito satisfeito com o meu trabalho.”

Aluno 4: “Consegui através deste trabalho perceber como o rosto é tão importante, e que as nossas emoções podem modificar o nosso rosto.”

Anexo 7 – Proposta de trabalho: “o rosto como um encontro ético”



PROPOSTA DE TRABALHO O rosto como um encontro ético



Este encontro, que aqui se apresenta com esta proposta de trabalho, tem como objetivo fundamental proporcionar uma proximidade com a comunidade educativa numa revelação da verdadeira essência do rosto. Para isso, pretende-se construir um painel em madeira para o centro escolar baseado no rosto humano. Cada aluno, baseando-se no retrato elaborado de cada colega da turma, irá definir numa folha A4 o seu projeto usando a linha e a mancha para a obtenção do volume, numa fase inicial a lápis e posteriormente já na placa de madeira fará a aplicação com os lápis de cera usando apenas as seguintes cores: amarelo, azul, vermelho, laranja, verde e branco.

Material: Folha A4 de papel cavalinho, Lápis 2B, borracha branca, papel vegetal, placa de madeira, Lápis de cera.

Resultados obtidos

“O rosto como um encontro ético”

Reações: este projeto veio na sequência do primeiro trabalho desenvolvido sobre o retrato. Os alunos demonstraram um certo entusiasmo e orgulho por poderem basear-se no que tinham feito, pois os resultados foram muito bons.

Notamos que os discentes executaram com muita atenção os seus projetos que ficaram bastante criativos. Verificámos que o entusiasmo aumentou muito quando começaram a trabalhar na placa de madeira e principalmente por utilizarem lápis de cera. Este material tem muitas potencialidades, além de ser fácil de manusear, é possível obter variadíssimas tonalidades através da mistura das cores, podendo ser usado com mais ou menos pressão. Como os alunos trabalharam com este material apenas no primeiro ciclo, não foi devidamente explorado, devido às idades que os respetivos alunos tinham na altura, e por essa razão surgiram algumas contrariedades, no entanto, conseguiram através da experimentação da técnica retirar as vantagens que este material nos oferece, conseguindo também a obtenção das sombras.

Foi francamente positiva esta experiência, detetámos que alunos com muitas dificuldades ao nível do desenho conseguiram resultados muito bons, como podemos constatar nos exemplos realizados por dois alunos diferentes, A e B, onde se pode ver o projeto na figura 1 e o resultado final na figura 2. Temos também que mencionar a interatividade e entreaajuda que se estabeleceu na sala de aula no desenvolvimento do trabalho, verificámos uma grande proximidade entre alunos e professores.

Após a conclusão e afixação do painel surgiram as mais variadas reações da comunidade educativa e dos próprios alunos, que quiseram demonstrar a funcionários, alunos, professores e encarregados de educação toda a importância do rosto humano, explicando cada parte do painel, criando-se uma relação de respeito pelo trabalho desenvolvido.

Resultados obtidos

“O rosto como um encontro ético”

Aluno A

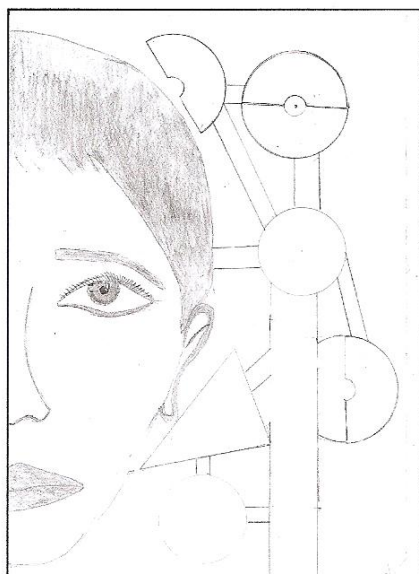


Fig. 1

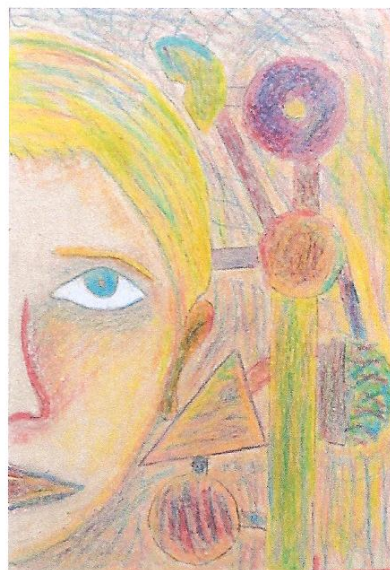


Fig. 2

Aluno B



Fig. 1

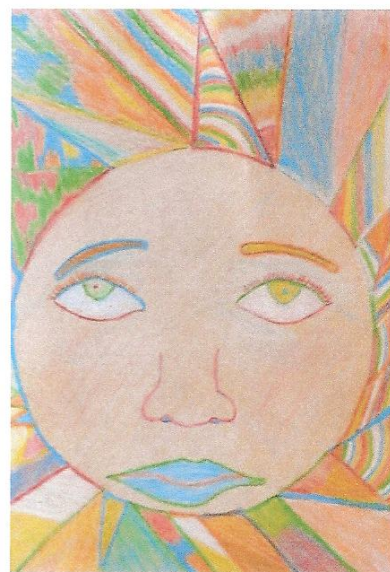


Fig. 2

Resultados obtidos

“O rosto como um encontro ético”

Foi realizado um inquérito aos alunos sobre o trabalho desenvolvido. Expomos aqui alguns testemunhos:

1. O que aprendeste com este trabalho?

Aluno 1: “Com este trabalho aprendi novas técnicas de desenho.”

Aluno 2: “Este trabalho ajudou-me a perceber melhor o rosto humano.”

Aluno 3: “Aprendi que o rosto é a parte mais importante do corpo humano.”

Aluno 4: “Aprendi a técnica do lápis de cera.”

Aluno 5: “Com este trabalho fiquei a conhecer melhor os meus colegas.”

2. Quais foram as tuas dificuldades?

Aluno 1: “Durante a execução dos trabalhos não senti muitas dificuldades, talvez no desenho do rosto a desenhar as orelhas.”

Aluno 2: “Tive dificuldades a desenhar o nariz.”

Aluno 3: “Dificuldade a pintar com os lápis de cera.”

Aluno 4: “Quanto pintamos no suporte em madeira.”

Aluno 5: “Tive algumas dificuldades em fazer as sombras no rosto.”

3. O que achaste do material que usaste?

Aluno 1: “Adorei trabalhar com os lápis de cera, não pensei que ficasse um trabalho tão bom.”

Aluno 2: “Foi interessante e divertido trabalhar com os lápis de cera.”

Aluno 3: “É um material que nunca pensei que resultasse tão bem, adorei.”

Aluno 4: “Nunca dei importância a este material, mas apesar de ter tido algumas dificuldades, consegui perceber a técnica e até fiquei a gostar do material.”

Aluno 5: “Já tinha trabalhado com os lápis de cera, mas não misturamos as cores, gostei muito.”

Resultados obtidos

“O rosto como um encontro ético”

Alunos com problemas de indisciplina

Detetámos no início do ano que existiam dois alunos na turma que aqui referimos como A e B com grandes problemas a nível comportamental. Foi um processo bastante complicado uma vez que estes denotavam uma grande falta de interesse, atenção e concentração. Apesar das dificuldades, estes alunos mostraram uma evolução bastante favorável, não só ao nível do aproveitamento mas principalmente a nível das atitudes e valores. Apesar de ser um procedimento moroso, valeu o esforço empregue, denotamos uma maior concentração e empenho na execução dos trabalhos, surgindo resultados muito positivos, como podemos constatar nos trabalhos dos referenciados alunos.

Aluno A

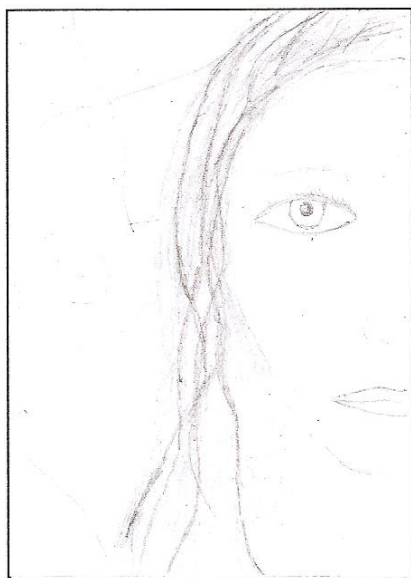


Fig. 1 – Projeto para o painel

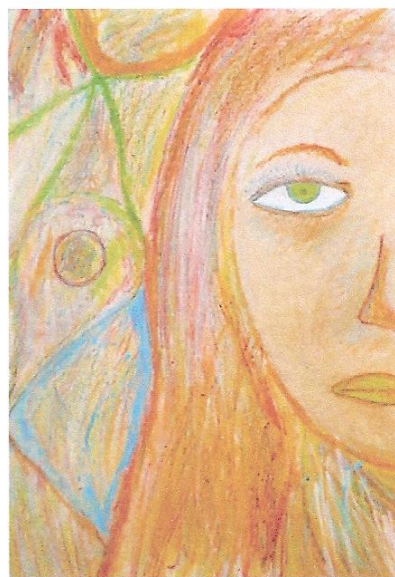


Fig. 2 – Resultado final

Resultados obtidos

“O rosto como um encontro ético”

Aluno B

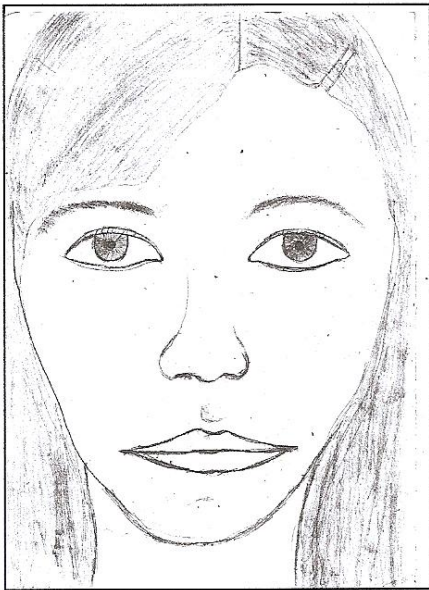


Fig. 1 – Projeto para o painel

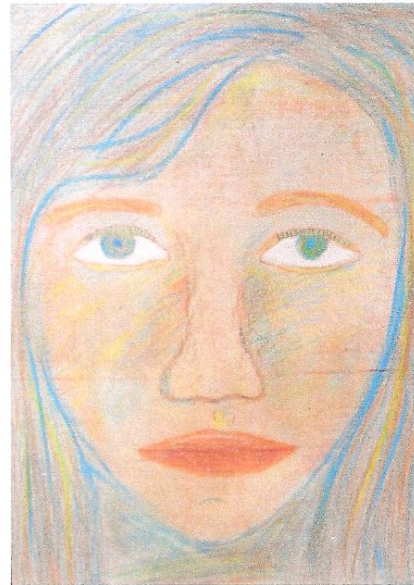


Fig. 2 – Resultado final

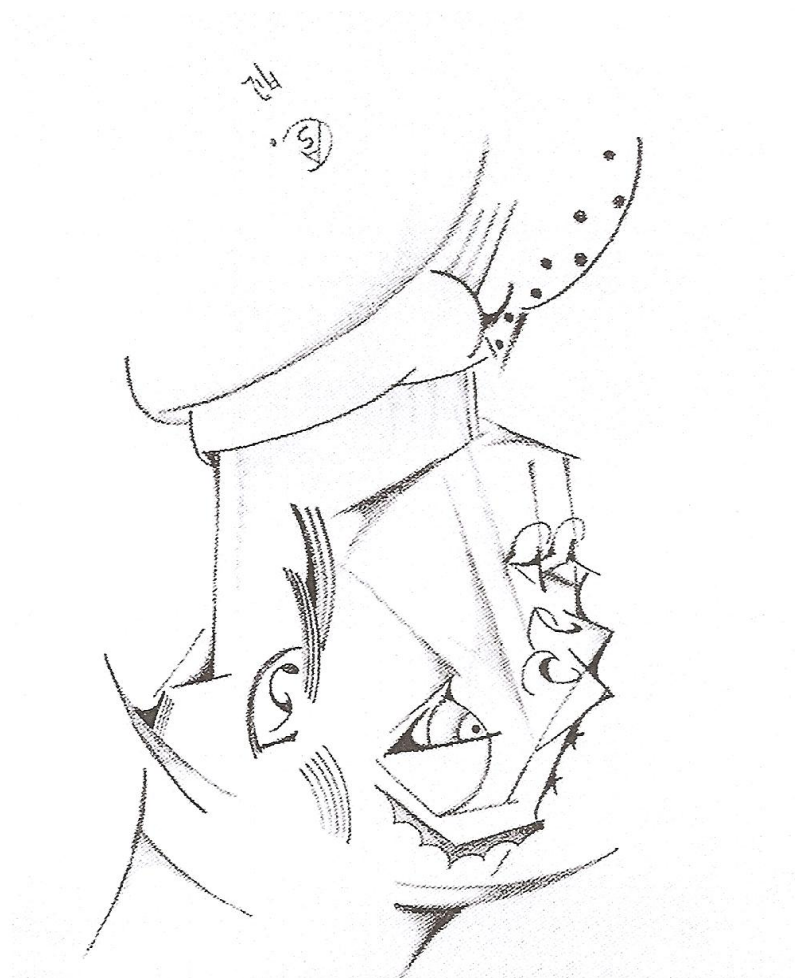
Anexo 10 - Proposta de trabalho: “desenhar com o hemisfério direito”



Direção Regional de Educação do Norte
152936 - Agrupamento de Escolas
AMADEO DE SOUZA-CARDOSO/Telões - Amarante



PROPOSTA DE TRABALHO Desenhar com o hemisfério direito



Velha amizade: Retrato de Viana por Amadeo de Souza Cardoso, 1912

Reproduzir a imagem da autoria de Amadeo de Souza Cardoso de cabeça para baixo.

Material: Folha A4 de papel cavalinho, lápis 2B, borracha branca.

Anexo 11 - A Planificação da atividade “desenhar com o hemisfério direito”



Trabalho prático 3: “Desenhar com o hemisfério direito”

Meta a atingir: *Compreender e representar as formas com exatidão.*

Ano Letivo 2012/2013

**Planificação
Turma 7ºC**

Objetivos	Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a ver as formas no sentido de obter um trabalho realista; • Provocar no aluno uma transição do hemisfério esquerdo para o direito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reproduzir uma imagem de cabeça para baixo – “Velha amizade: retrato de Viana por Amadeo de Souza Cardoso, 1912”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de música de fundo de forma a criar um ambiente tranquilo; • Fornecimento de indicações e apoio individualizado; • Diálogo com os alunos sobre todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas de papel cavalinho A4; • Lápis de grafite 2B; • Borracha branca; 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa: <ul style="list-style-type: none"> Observação direta. • Registo em grelha de observação: <ul style="list-style-type: none"> Autonomia Empenho Responsabilidade Sociabilidade • Realização das tarefas solicitadas de forma empenhada e assertiva.

Testemunhos de mudança do hemisfério esquerdo para o direito

A mudança do hemisfério esquerdo para o direito é um processo bastante difícil de explicar, no entanto, após a execução dos trabalhos tivemos a oportunidade de falar com os discentes e recolher alguns testemunhos:

Aluno 1: “Estava com algumas dificuldades em desenhar a imagem de cabeça para baixo, mas após algum tempo não sei bem o que aconteceu, estava tão concentrado no que estava a fazer que não me apercebi do que se passava à minha volta.”

Aluno 2: “A música de fundo que a professora pôs ajudou-me a ficar mais concentrado, mas cheguei a um certo ponto que já nem a música ouvia e nem dei conta do tempo passar.”

Aluno 3: “Não sabia muito bem por onde começar parecia que nada fazia sentido, fiz como a professora disse e observei as formas, linhas e espaços e comecei a desenhar, parecia um puzzle em que ia encaixando peça a peça, fiquei hipnotizada. Quando virei o desenho para a posição normal foi uma surpresa, o retrato estava perfeito e não sei como consegui, pois sempre tive muitas dificuldades no desenho.”

Aluno 4: “Senti uma satisfação e confiança muito grande quando estava a fazer este trabalho, a minha mente ficou vazia.”

Aluno 5: “Não sei como foi possível, nunca vi a turma tão concentrada e silenciosa.”

Reações e testemunhos dos alunos

“Desenhar com o hemisfério direito”

Reações: esta experiência foi extremamente enriquecedora na evolução dos alunos, no que se refere à técnica do desenho. Estes manifestaram uma grande satisfação, libertação e relaxamento durante o desenvolvimento desta atividade. Após 10 minutos do início do trabalho, observamos um silêncio pleno e uma atenção surpreendente até ao fim da aula, o que foi de admirar numa turma com grandes dificuldades de concentração. Os resultados foram bastante bons como pudemos verificar nos exemplos identificados nas figuras 2.

Testemunhos: recolhemos alguns depoimentos dos alunos.

Aluno 1: “Adorei este trabalho, nunca pensei que conseguisse desenhar tão bem um rosto humano, sempre achei muito difícil e que não era capaz.”

Aluno 2: “Quando virei o trabalho, fiquei surpreendido, nem acreditei que tinha sido eu a fazer. ”

Aluno 3: “Sempre disse que não tinha jeito para o desenho, mas afinal sinto-me mais confiante depois de fazer este trabalho.”

Comparação de trabalhos: estes trabalhos denotam uma evolução favorável, quer ao nível técnico, quer ao nível pessoal. Tal evolução é por demais evidente, quando comparamos as imagens das figuras 1 e 2, desenho do rosto humano feito na posição normal, e reprodução de um trabalho de Amadeo de Souza Cardoso, de cabeça para baixo, respetivamente. Tal comparação apresenta-se para dois alunos diferentes, A e B. Os trabalhos das figuras 2 mostram uma maior precisão de perceção, parecem feitos por alunos com uma maior aptidão para o desenho.

Reações e testemunhos dos alunos “Desenhar com o hemisfério direito”

Aluno A

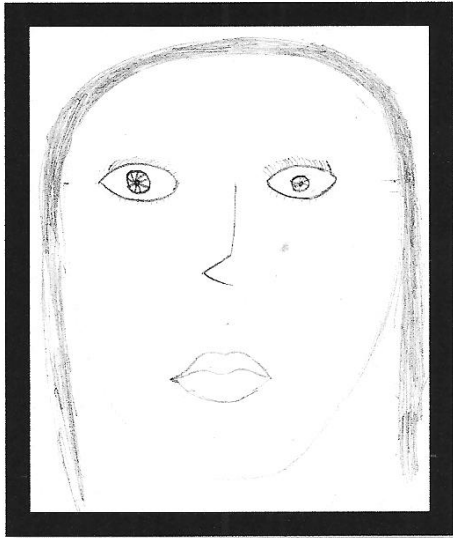


Fig. 1 - Trabalho realizado na posição normal



Fig. 2 - Trabalho realizado de cabeça para baixo

Aluno B

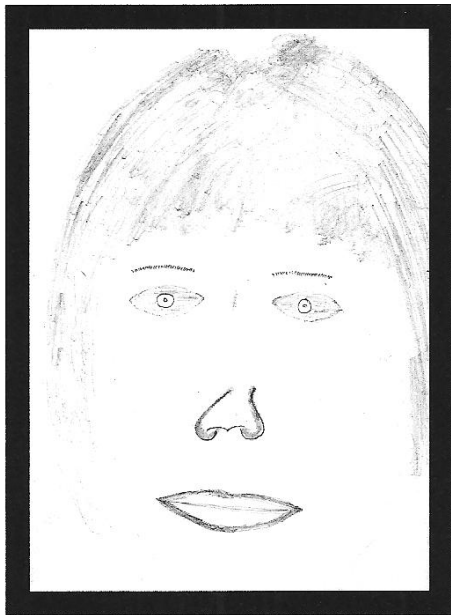


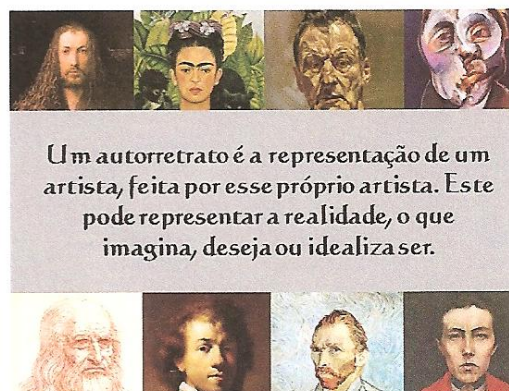
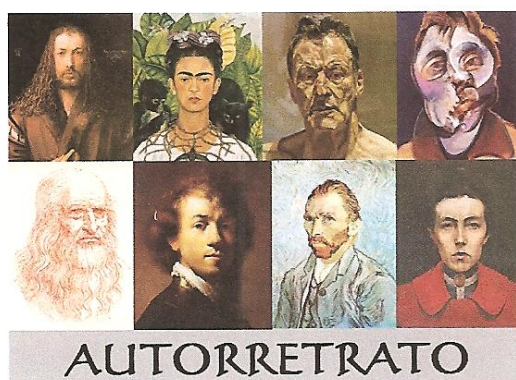
Fig. 1 – Trabalho realizado na posição normal



Fig. 2 – Trabalho realizado de cabeça para baixo

Anexo 14 - Apresentação sobre o tema do autorretrato

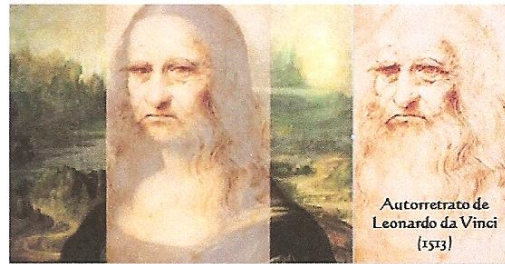
O autorretrato revelou-se um assunto bastante apelativo, os alunos manifestaram um certo agrado, uma vez que se tratava de um tema que tem a ver com eles próprios, pois para além da interpretação e comparação dos vários autorretratos expostos para a análise, os alunos fizeram também uma reflexão através de algumas perguntas lançadas para o efeito, para que pudessem ir á descoberta da sua verdadeira essência, ao nível humano, psicológico, ético e antropológico.



- 1 – Iniciou-se o tema do autorretrato com a apresentação dos vários artistas expostos nas imagens, um dos que saltou à vista dos alunos, foi o de Francis Bacon, pois já tinha sido debatido na visita de estudo. Os alunos constataram que os autorretratos referidos manifestavam grandes diferenças entre eles, foi explicado aos discentes que este facto deve-se a vários fatores: à época em que foram realizados, às diferentes técnicas e correntes artísticas empregues e ao objetivo do artista na realização do seu autorretrato.
- 2 – Foi explicado aos alunos o que é um autorretrato e o que pode ser revelado nessa representação visual. Foi referido que nem sempre o autorretrato nos conta toda a verdade da pessoa retratada, é por vezes manipulado pelo artista, de forma a levar o observador a um caminho completamente diferente daquele que é na realidade.

De cada um dos artistas apresentados foi feita uma introdução com referências históricas, para que os alunos ficassem mais integrados em cada personagem exibida. Foram analisados cada um dos autorretratos no que se refere aos aspetos técnicos e humanos.

Leonardo da Vinci [1452-1519]

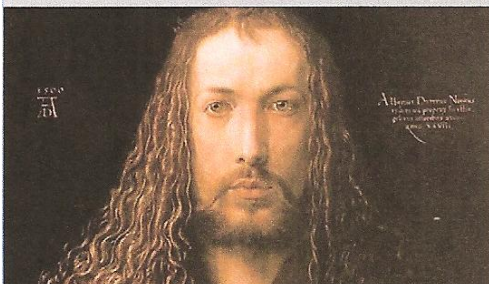


O autorretrato de Leonardo da Vinci poderá estar associado ao retrato de Mona Lisa, este trabalho tem sido estudado de forma a tentar descobrir exatamente qual era o objetivo deste pintor.

3 – Uma das figuras mais importantes do alto renascimento, Leonardo, era um homem de múltiplos talentos. Foi analisado o rosto a expressão dos olhos de Leonardo da Vinci e segundo os alunos mostram uma amabilidade e uma grande sensibilidade, por outro lado referiram também que o seu aspeto físico indica uma pessoa de muita sabedoria.

4 – A possibilidade do retrato de Mona Lisa ser o autorretrato do pintor em versão feminina continua a ser um mistério, não tendo ainda sido provado cientificamente. Os alunos acharam interessante esta possibilidade, foi ainda referido que este retrato continua a ser investigado e muitas possibilidades têm surgido, no entanto, não existe ainda uma conclusão definitiva.

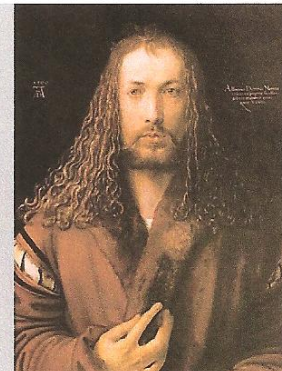
Albert Dürer [1471-1528]



Autorretrato de Dürer
(1500)
29 anos

O mais importante e polémico autorretrato do artista denota um certo mistério...

Dürer representa-se frontalmente como uma espécie de Cristo surgido das trevas, num despojamento monumental, com longas tranças douradas. Um retrato ao mesmo tempo tão ativo e tão modesto.



5 – Este pintor renascentista foi visto como o primeiro artista que fez do autorretrato a maior parte do seu trabalho, começando em criança com apenas 13 anos. Os olhos é o elemento mais referido pelos alunos ao longo desta apresentação, neste caso particular estes acharam que o pintor tinha um olhar que mostrava serenidade e bondade, como a tentar mostrar a sua parte mais humana.

6 – Os alunos associaram este autorretrato à imagem de Cristo, acharam Dürer magnífico e ao mesmo tempo delicado pelo seu aspeto muito cuidado, mencionaram o cabelo, a barba e o casaco como elementos de destaque. Foi debatido com os alunos a veracidade deste autorretrato, a nível da personalidade do artista, ou seja, se a sua imagem corresponde à sua alma. Existiram opiniões que se dividiram, porém, a eventualidade de Dürer estar a retratar-se como gostaria de ser visto, é a mais provável possibilidade encontrada.

Rembrandt [1606-1669]



Autorretrato com 23 anos (1629)

Nesta obra vemos uma figura jovem e ingenuamente vaidosa. A gola da roupa, de característica militar, dá uma certa formalidade à aparência pessoal. A fisionomia jovial de frente para o espectador e com a metade do rosto iluminado valoriza a postura do conjunto. A vivacidade da juventude, com seus desejos e ambições, está contida no olhar confiante do artista.



7 – Rembrandt é considerado o maior pintor de todos os tempos. O seu espólio é bastante vasto, relativamente ao autorretrato tendo-se retratado durante toda a sua vida.

8 – Os discentes caracterizaram-no como sendo um homem destemido e de grandes posses, referiram também o seu olhar de extrema aspiração pela vida e a sua postura formal.

Os seus retratos não são apenas uma reprodução dos rostos, mas também uma exploração da alma, tendo procurado os segredos da expressão no seu próprio rosto... estudando quer a transformação das formas exteriores, quer a profundidade do sentimento.



Os autorretratos de Rembrandt formam um capítulo singular na História da Arte.

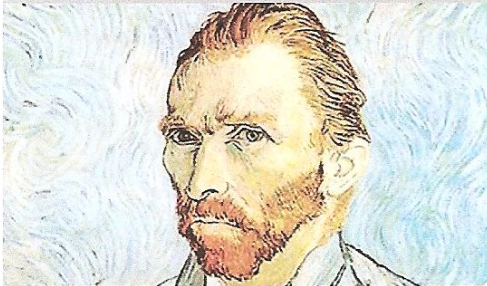
Além do grande número de retratos realizados, o artista retratou-se nos diferentes períodos de sua vida [juventude, maturidade e velhice] marcando as diferentes leituras que fazia de si mesmo ao longo dos anos.

Rembrandt revela não apenas as mudanças que a vivência trouxe ao seu aspeto físico, mas essencialmente ao seu espírito interior.

9 – A expressão é notória no rosto de Rembrandt, os alunos consideraram uma expressão de espanto, onde se percebe perfeitamente o seu estado de espírito.

10 – Foi exposto aos discentes que este pintor pretendeu sempre mostrar a sua verdadeira personalidade, com todas as suas vivências ao longo da sua vida.

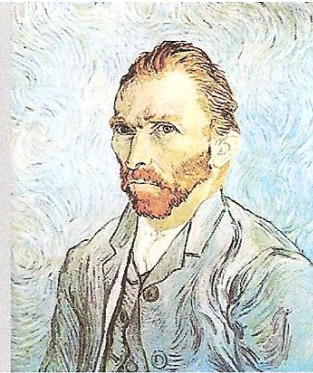
Van Gogh [1853-1890]



11 – Outro pintor que marcou a sua época, Van Gogh, era dotado de grande dinamismo e expressividade, este é o seu último autorretrato, trata-se de um retrato a três quartos com um fundo de espirais, com um contraste forte com a barba ruiva.

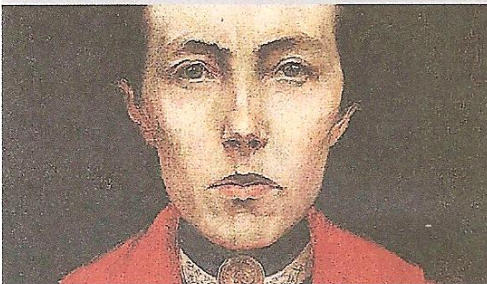
Autorretrato de Van Gogh (1889)

Manifesta segurança e agressividade, apesar disso mostra um rosto adverso, revelando vitalidade. As linhas serpenteantes e em forma de remoinho que surgem como pano de fundo são igualmente utilizadas na figura e nas roupas.



12 – Os alunos gostaram bastante deste autorretrato pela leveza das cores e pelo efeito de movimento. Um dos alunos afirmou: “parece que todo ele se move”. É certo que as linhas de fundo provocam no espectador o tal movimento referido, mas o olhar que Van Gogh imana assume uma força grandiosa. Os discentes referiram que todo ele parece explodir, talvez seja o extravasar dos sentimentos do pintor.

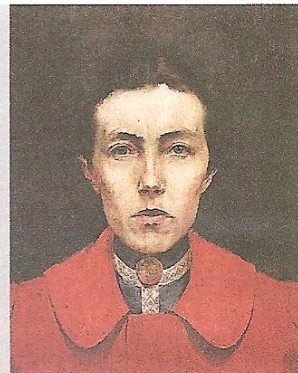
Aurélia de Souza [1866-1922]



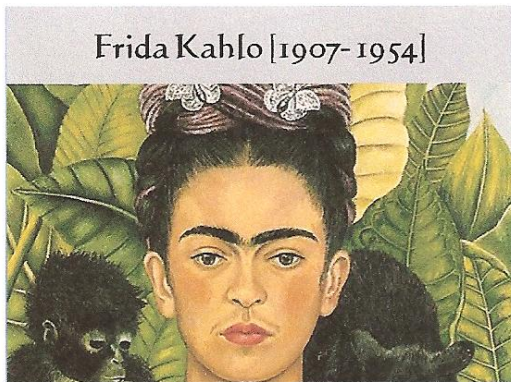
13 – Aurélia de Souza nasceu no Chile, no entanto, veio para Portugal e estudou na escola de Belas-Artes do Porto. A sua condição de mulher dificultou sempre o seu percurso como pintora, no entanto, a sua determinação, não deixou que esse obstáculo a impedisse de seguir a profissão artística.

Autorretrato Aurélia de Souza (1900)

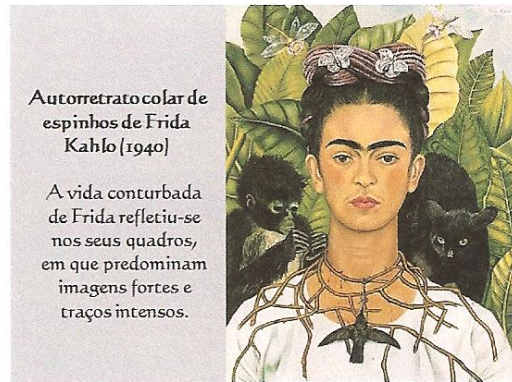
Misterioso e inquietante no olhar é um retrato perturbante do qual não conseguimos decifrar o que está por trás do rosto. A expressão intensa do olhar é reforçada pelo padrão geométrico do vestido, medalhão e casaco.



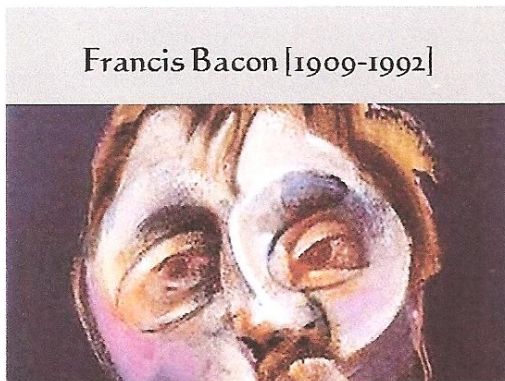
14 – Aurélia de Souza é vista pelos alunos como uma pessoa extremamente fria, o seu olhar perturba o espectador, com uma frontalidade implacável, por outro lado os discentes referiram a simplicidade que advém desta figura, através dos vários elementos que a constituem. O fundo negro foi muito comentado pelos discentes, como dando a sensação de que Aurélia queria esconder algo da sua personalidade, mostrando uma figura rígida e inflexível.



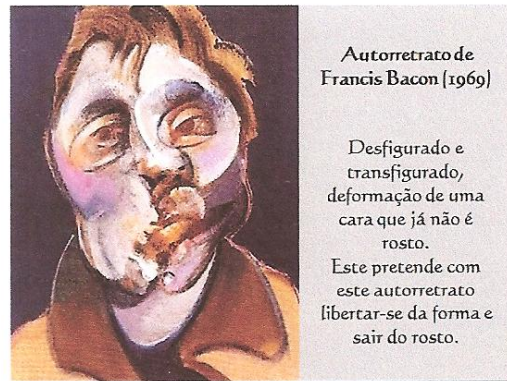
- 15 – Frida Kahlo, uma mulher de uma força extraordinária, os seus quadros contam a sua vida sofrida. Todas as suas pinturas são autorretratos, reproduzindo-se não só a nível físico mas também emocional. Na aula subsequente a esta apresentação, os discentes tiveram a oportunidade de conhecer a vida desta pintora através do visionamento de um documentário sobre a vida da artista.



- 16 – Os alunos ficaram um pouco confusos, referiram que a pintora gostava de animais e da natureza, no entanto, não perceberam o porquê de ter um colar de espinhos ao peito com um pássaro morto. Foi explicado que Frida se autorretratou inúmeras vezes durante a sua vida e nela contava as suas dores e o seu sofrimento, neste caso específico, Frida devido a um acidente que a deixou para toda a vida com problemas de saúde, ficou impedida de poder andar e considerou-se como um pássaro que deixou de poder voar, porque ficou aprisionado nos espinhos. Os alunos ficaram bastante sensibilizados com a explicação dada, foi referido que esta pintora nos seus autorretratos mostra a realidade e os sentimentos de tudo o que lhe vai na alma.

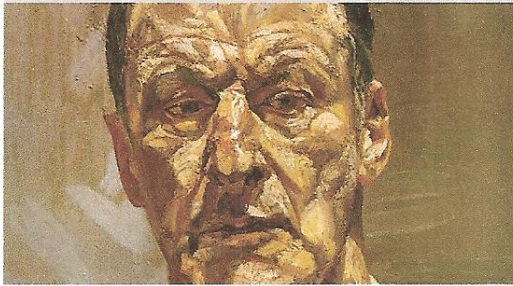


- 17 – Bacon começou a autorretratar-se muito tardiamente, ao contrário de grande parte dos pintores. Este autorretrato já tinha sido debatido na visita de estudo, que teve como objetivo aprofundar o que tinha já sido referido na mesma.

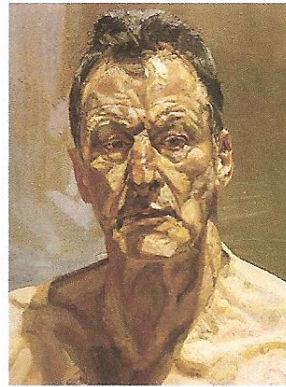


- 18 – Os discentes como já conheciam este autorretrato, já não ficaram surpresos com ele, foi mencionada a deformação do rosto de Bacon, um rosto que mostra as transformações próprias da vida, no entanto, essas metamorfoses vão mais além, remetem para a parte interior do rosto, como querendo mostrar tudo que compõe a sua forma, chocando o espectador com a mutilação da sua própria face.

Lucian Freud [1922- 2011]



19 – Os autorretratos de Freud procuram entender quem está do outro lado a ser retratado, o espelho é o seu observador e nele reflete a realidade que ele tanto procura.



Autoretrato de Lucian Freud (1985)

Neste retrato Freud parece ausente...num mundo distante, parece desaparecer na parede pintada atrás de si. O olhar e a pele permitem-nos atravessar a intimidade, de um modo invasivo, por vezes mesmo incómodo. O seu realismo prende-se com a representação da figura humana com todas as suas angústias.

20 – Os alunos mencionaram a estranheza da pele do pintor, uma pele onde se notam todas as nuances de cores que deriva da projeção das luzes. O estado emocional de Freud reflete-se no olhar longínquo. Os alunos notaram que o seu rosto mostra as vicissitudes e amarguras de toda uma vida.

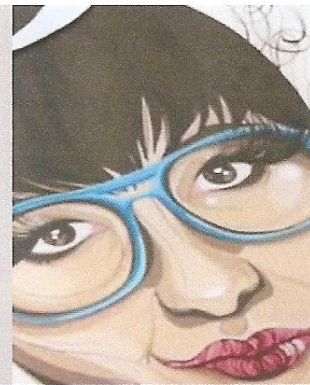
Saramello [1978]



21- Artista plástica, brasileira, contemporânea, com destaque nacional e internacional pela sua linguagem autêntica.

Autoretrato de Saramello (1985)

O seu traço marcante, é reconhecido pelo movimento e a fluidez das cores fortes, com composições baseadas em rendas, círculos e linhas orgânicas.



22 – Os alunos referiram que este autorretrato de Sara manifesta muito otimismo, alegria e muita vivacidade, mostra que Sara é uma pessoa amável e dinâmica.

Após a observação e debate sobre os autorretratos dos vários artistas referidos anteriormente, passou-se à fase de reflexão, em que os alunos puderam através das perguntas a seguir descritas, pensar sobre si próprios. Tentaram perceber o que os caracteriza e o que tentam esconder, foi muito interessante como os alunos conseguiram libertar-se de certos complexos que os assombram. O facto de não gostarem de algo no seu rosto, não tem que ser uma barreira para esconderem uma característica, que provavelmente será, o que os distingue dos outros rostos.

Como nos vemos ao espelho?

23 – Apesar de ser uma questão simples, tem nela um certo grau de complexidade. É motivador para os alunos falar de algo que lhes é tão familiar, no entanto, também é um pouco difícil olhar para um espelho e conseguir retirar dele toda a essência do que ele espelha. A maior parte dos discentes não se reveem no espelho e tiveram uma certa dificuldade em explicar o que sentem quando olham para ele. Porém, após algum tempo, os discentes começaram a revelar algumas opiniões acerca do seu rosto. O espelho intimidados, não querem ver a realidade que se depara à sua frente. Ele revela o que somos, ajuda-nos a chegar ao nosso interior, retirando através da nossa percepção o nosso verdadeiro eu.

Quais as características que nos marcam?

24 – Existem características próprias de cada rosto. Os alunos foram referindo algumas delas como: a forma do nariz, a cor dos olhos, o formato da boca, o tipo e cor do cabelo, as rugas, os próprios acessórios que usamos, como os óculos. Os discentes mencionaram certos elementos do rosto que não gostam ou que têm complexo, foi um momento bastante revelador, existe sempre alguma coisa em nós da qual não gostamos, mas a maior parte das vezes é o que nos caracteriza. Teremos que passar esta barreira para podermos conseguir chegar ao objetivo essencial deste tema: revelar a verdade.

Como nos representamos?

25 – Foi exposto aos alunos que para nos representarmos temos que procurar a nossa identidade, esta procura leva-nos a outra questão: quem somos? a autodescoberta é essencial para nos conseguirmos representar com exatidão, existe sempre uma exploração muito pessoal na autorrepresentação, cada um de nós vai sempre ter uma visão diferente e uma forma de abordar o assunto muito pessoal. Foi reforçada a ideia de que a representação tem de ser transparente, ou seja, temos que representar sem medo do que possam dizer, com confiança e orgulho daquilo que somos.

Representamos a nossa realidade ou o que queremos que os outros vejam em nós?

26 – Os alunos revelaram que por vezes preferem esconder a realidade que têm pela frente, no entanto, foi mostrado aos alunos a importância de nos revelarmos aos outros de forma genuína. Esta forma autêntica de revelação trará muitos benefícios não só para o próprio, mas também para o observador, criando uma relação de proximidade, partilha e doação.

Após esta apresentação, os alunos puderam fazer uma reflexão de forma mais pessoal sobre o seu rosto, a nível humano e psicológico, conseguindo retirar os aspetos mais reveladores que os identifica. Ficaram mais conscientes do jogo de manifestação – ocultação que o rosto transporta. Sobretudo, quando o remetemos à reflexividade do espelho que nos devolve o que somos e o que não somos!

Anexo 15 - Sequência do filme – Frida Kahlo

Vídeo apresentado na aula: Documentário sobre Frida Kahlo

Sequência do filme

Ilustração 1 e 2 – Este documentário retrata a vida sofrida da pintora Frida Kahlo. Com 18 anos sofre um grave acidente tendo ficado com múltiplas fraturas e foi sujeita a inúmeras cirurgias. Este acidente deixou-a para o resto da sua vida com complicações.

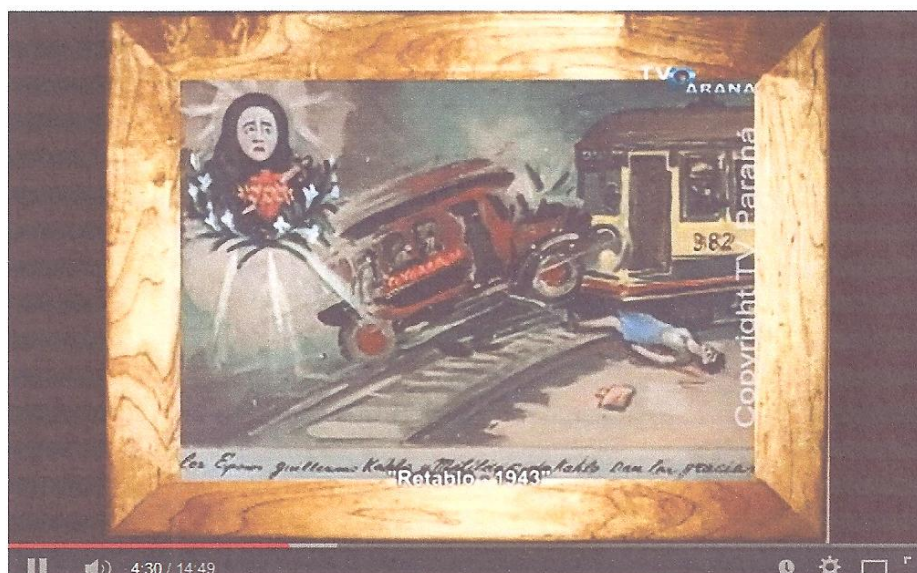


Ilustração 3 e 4 – O acidente deixou-a durante muito tempo numa cama. A sua mãe colocou um espelho sobre a cama da filha e um cavalete para que ela pudesse pintar deitada. Foi nesta altura que pintou o seu primeiro autorretrato.



Ilustração 5 – Frida autorretratou durante toda a sua vida.

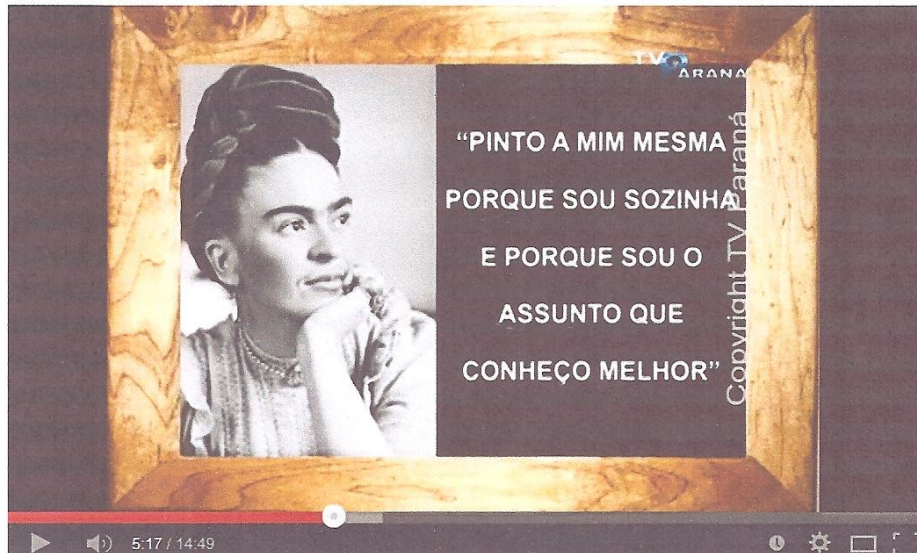


Ilustração 6 – Casou-se com Diego Riviera, engravidou várias vezes, porém, devido às sequelas que o acidente lhe deixou sofreu vários abortos, nunca tendo conseguido ter filhos.

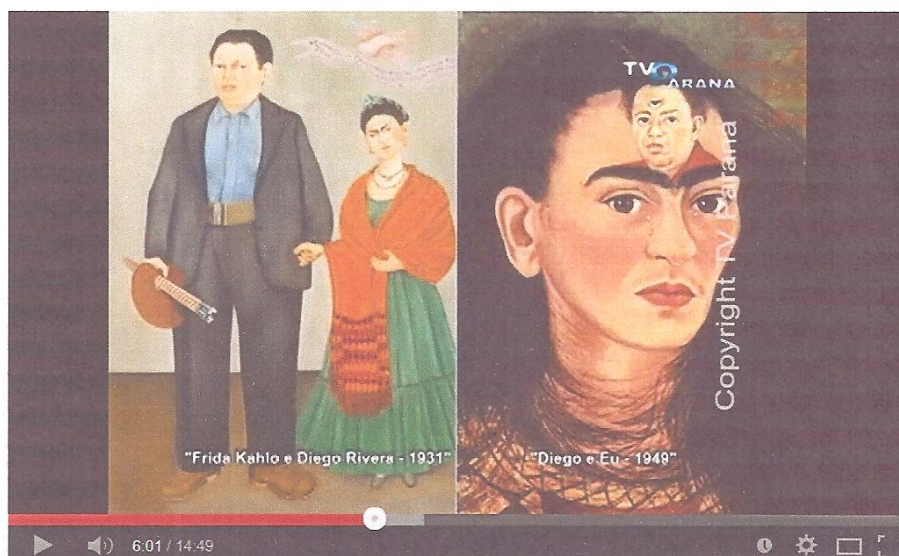


Ilustração 7 e 8 – As tentativas para engravidar agravaram o seu estado de saúde. Os seus quadros demonstram o sofrimento por que passou.

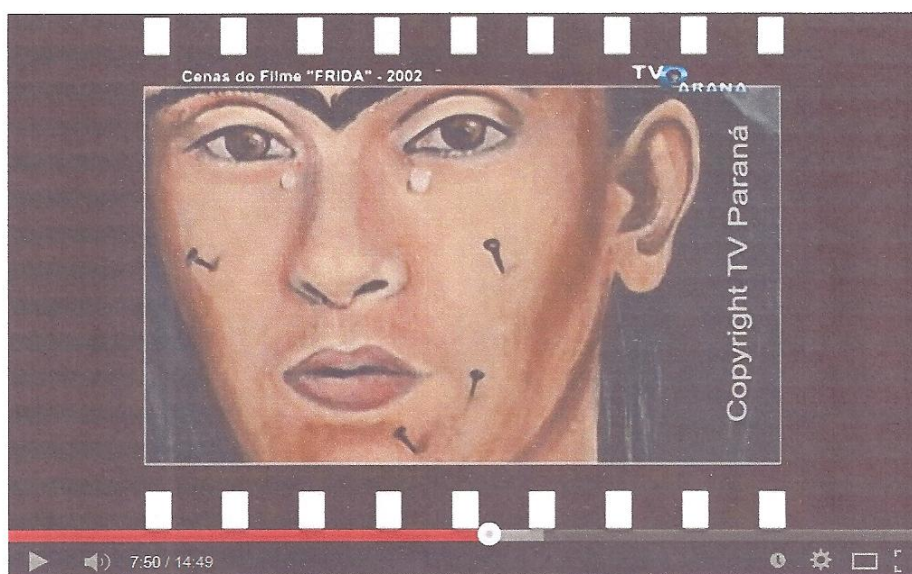


Ilustração 9 – Toda a sua vida foi cheia de dissabores e sofrimento, mesmo no que diz respeito à sua relação com Diego Riviera que a traiu com a irmã.

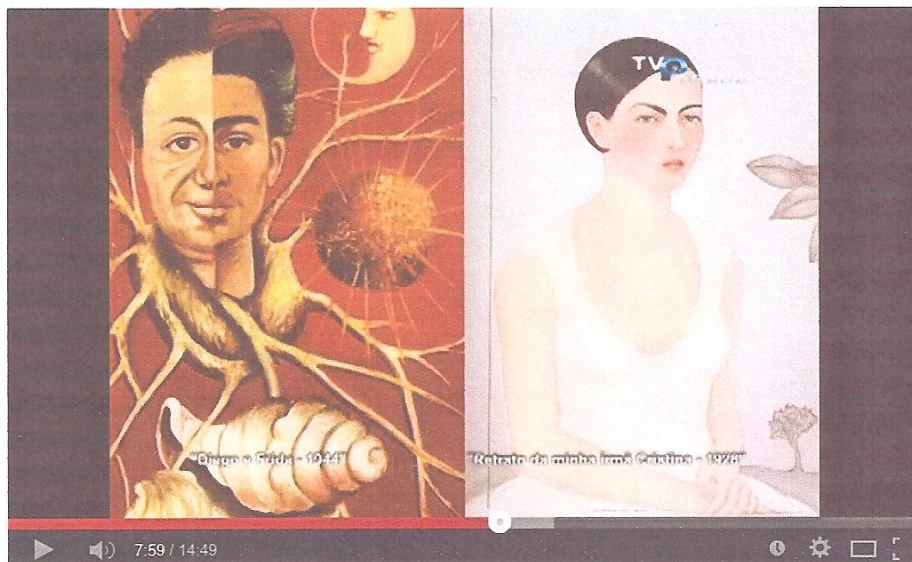


Ilustração 10 – Os seus quadros retratam o seu tormento e angústia através das cores vivas e fortes.

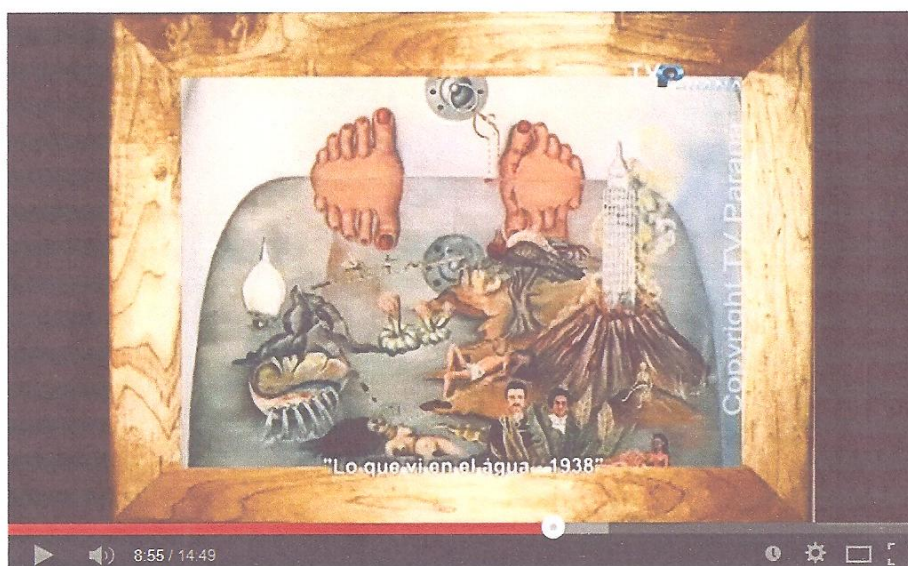


Ilustração 11 – A sua obra foi reconhecida como surrealista, no entanto ela não identificava o seu trabalho como tal.



Ilustração 12 – Os seus conflitos internos ficaram registados num diário onde Frida expôs as suas dores através de pensamentos, textos e ilustrações.

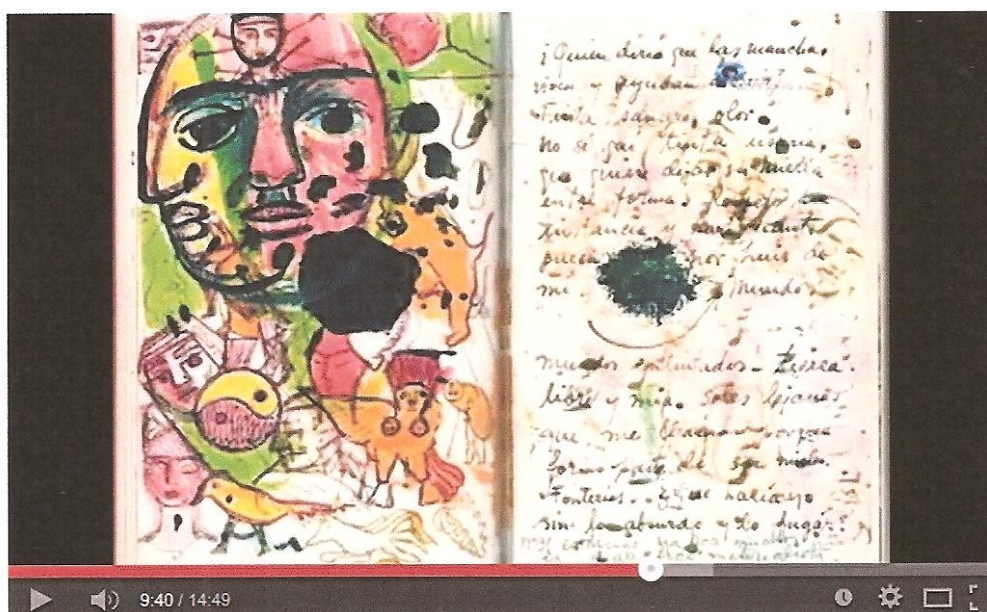


Ilustração 13 – Todo o seu percurso de vida, desde o acidente, foi carregado de grande sofrimento, tendo que amputar os dedos dos pés e uma perna, a sua espinha era como uma esponja, passando a movimentar-se através de uma cadeira de rodas.

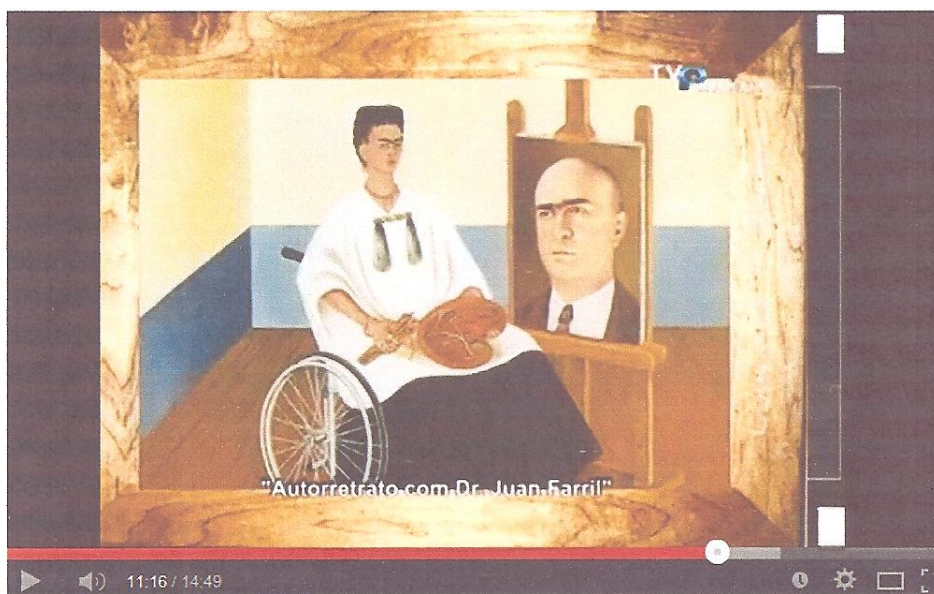


Ilustração 14 – Após a sua morte, Diego Riviera transformou a casa onde Frida nasceu num museu, onde se pode ver uma retrospectiva das suas obras, objetos, documentos, vestidos, livros e desenhos.



Ilustração 15 – Frida continua a inspirar em diversas áreas. Tendo sido realizado um filme sobre a sua vida em 2002. O quadro abaixo exposto, serviu como inspiração do álbum, “Viva la vida” dos coldplay, assim como a canção principal do disco que tem o mesmo nome.



Ilustração 16 – Além das telas que registaram a sua vida, as frases de Frida tornaram-se famosas “Pés para que os quero se tenho asas para voar”.



Anexo 16 - Sequência do filme – Sara Mello

Vídeo apresentado na aula: Autorretrato em movimento



Sequência do filme

Ilustração 1 – Introdução biográfica sobre a artista plástica.

Saramello é artista plástica.

Pinta e desenha desde criança, época em que também iniciou-se nos estudos de música erudita, ainda aos 8 anos.

Na fase adulta, interrompeu temporariamente a música para se formar em arquitetura e depois ir para a Espanha estudar técnicas plásticas.

Hoje trabalha no seu atelier onde a predominância das cores, a dança das linhas e formas, a criatividade e o bom humor sempre se fazem presentes.

De vez em quando ela pega seu violão e cantarola e compõem algumas canções também.

Este vídeo retrata fielmente um pouco do cotidiano e da personalidade da artista...



Ilustração 2 e 3 – É notória a importância que Frida Kahlo tem na vida da artista como a influência que exerce sobre os seus trabalhos através das cores alegres.

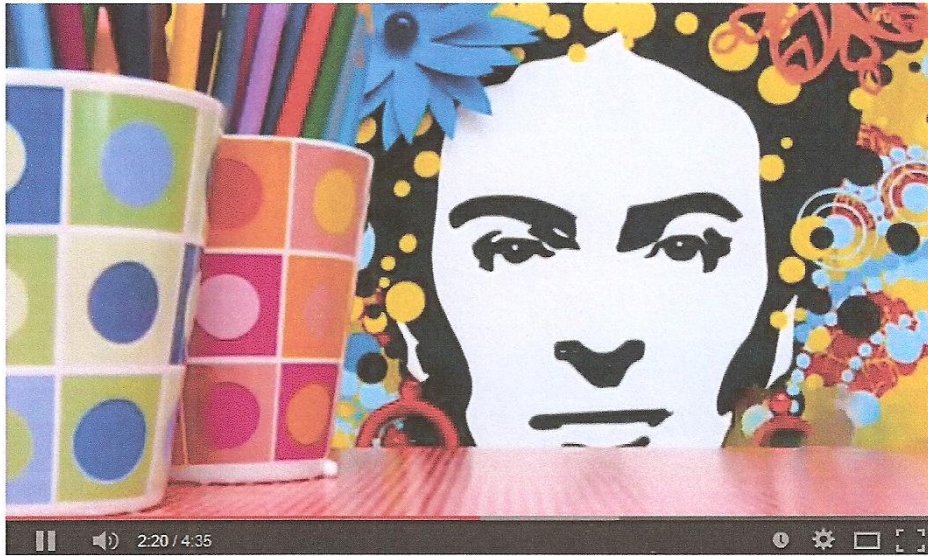


Ilustração 4 e 5 – Os animais são um dos temas dos trabalhos da artista, ascendência também de Frida Kahlo.

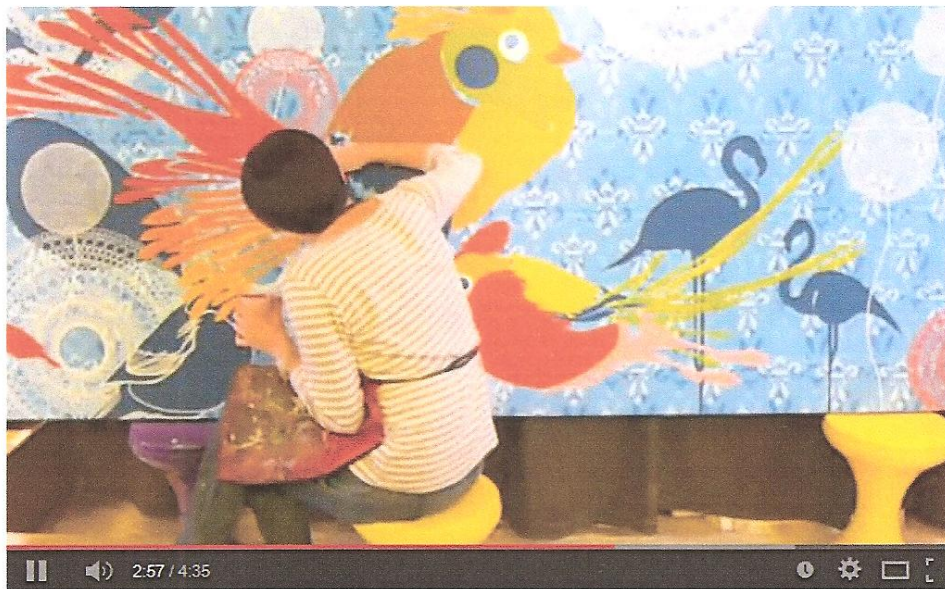
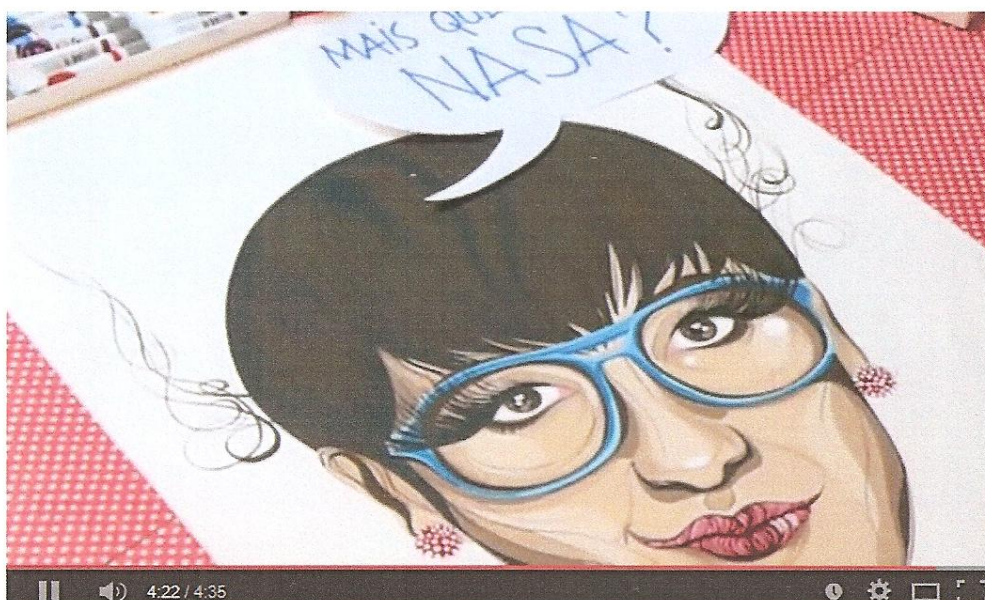
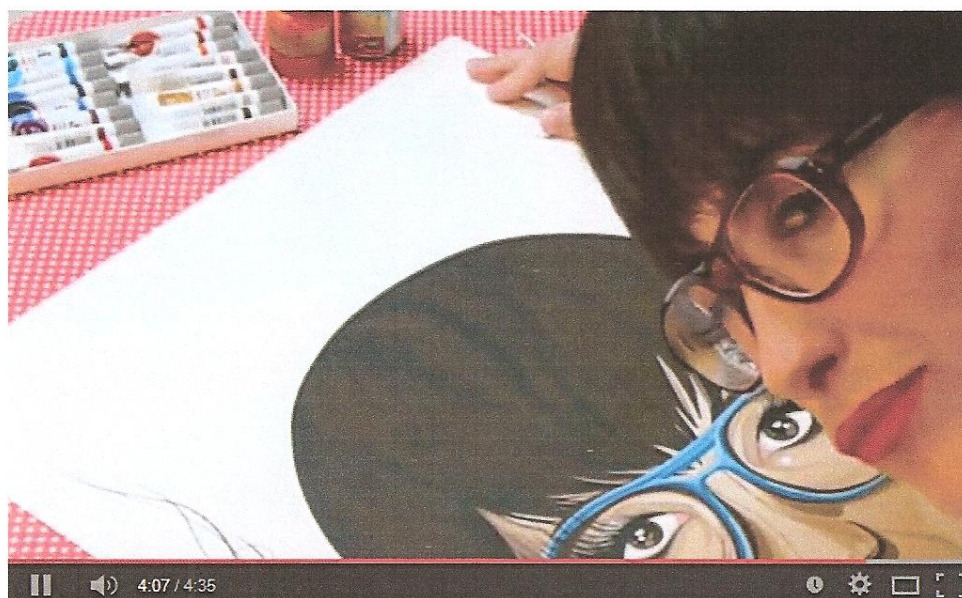


Ilustração 6 e 7 – Autorretrato de Sara Mello finalizado.



Anexo 17 - Testemunhos dos alunos: “à procura do eu”

Testemunhos dos alunos

“À procura do eu”

Os alunos perceberam o autorretrato como uma forma de desvendar a verdadeira personalidade de cada um, numa conjugação entre o aspeto exterior e o interior. Este facto pode ser constatado nos testemunhos abaixo expostos, recolhidos após a execução deste trabalho:

Aluno 1: “Foi interessante perceber como existiam coisas em mim que eu desconhecia.”

Aluno 2: “Este trabalho ajudou a conhecer-me melhor e a não ter medo de mostrar quem sou.”

Aluno 3: “É difícil mostrar aos outros os nossos defeitos, não existe ninguém que seja perfeito e por isso temos que nos orgulhar das qualidades que temos e mostrar tudo o que temos, de bom e de mau.”

Aluno 4: “Aprendi que o nosso rosto pode mudar conforme o nosso estado de espírito, por vezes estamos tristes e isso vai-se ver nos nossos olhos e expressões faciais, não podemos mudar só para mostrar às outras pessoas que estamos bem, temos que mostrar a nossa verdadeira personalidade.”

Aluno 5: “Com este trabalho tudo mudou, a forma como me vejo, de que vale esconder aos outros aquilo que nós somos, temos que demonstrar através do nosso exterior o que somos interiormente.”

Aluno 6: “Por vezes gostaria de ser outra pessoa, todos somos diferentes, bonitos ou feios, no entanto, aprendi que nem sempre a beleza que se vê é o que está por dentro e por isso temos que procurar e mostrar o nosso verdadeiro eu.”

Anexo 18 - Proposta de trabalho prático: “à procura do eu”



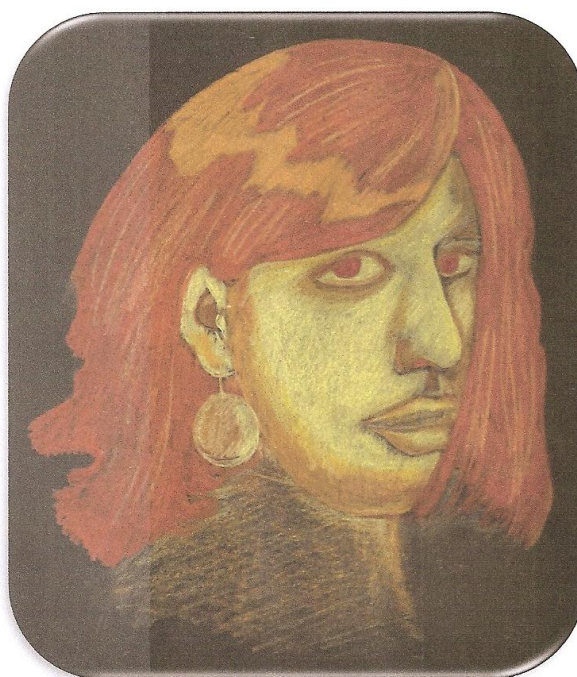
Direção Regional de Educação do Norte
152936 - Agrupamento de Escolas
AMADEO DE SOUZA-CARDOSO/Telões - Amarante



PROPOSTA DE TRABALHO

À procura do eu

Esta proposta de trabalho tem como objetivo elaborar o autorretrato de cada aluno baseado numa fotografia. A partir dessa mesma fotografia e sobrepondo papel vegetal decompor a imagem em 3 zonas de cor clara, intermédia e escura, enumerando-as, após decomposta, decalcar as linhas do papel vegetal para uma cartolina preta de formato A4. Pintar o trabalho com lápis de cor, selecionando uma cor à escolha, de forma a fazer uma gradação com essa mesma cor e aplicar em cada zona assinalada desde o mais claro ao mais escuro.



Material: Folha A4 de cartolina preta, Lápis 2B, borracha branca, papel vegetal, Lápis de cor.

Anexo 19 - Planificação da atividade “à procura do eu”



<p>Trabalho prático 4: “À procura do eu”</p> <p>Meta a atingir: Refletir, representar e revelar o rosto de cada aluno.</p>	<p><i>Ano Letivo 2012/2013</i></p> <p>Planificação</p> <p>Turma 7°C</p>
--	---

Objetivos	Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a profundidade do ser humano; • Encaminhar os alunos na descoberta e revelação da sua verdadeira identidade; • Representar expressivamente o rosto de cada aluno; • Dominar técnicas e materiais de representação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar o autorretrato de cada aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecimento de dúvidas, fornecimento de indicações e apoio individualizado na elaboração dos trabalhos práticos; • Diálogo com os alunos sobre todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos de forma a conduzi-los aos objetivos delineados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de cartolina preta A4; • Papel vegetal; • Lápis de grafite 2B; • Borracha branca; • Lápis de cor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa: <li style="padding-left: 20px;">Observação direta. • Registo em grelha de observação: <li style="padding-left: 20px;">Autonomia <li style="padding-left: 20px;">Empenho <li style="padding-left: 20px;">Responsabilidade <li style="padding-left: 20px;">Sociabilidade • Realização das tarefas solicitadas de forma empenhada e assertiva.

Anexo 20 - Reações dos alunos do trabalho "à procura do eu"

Reações dos alunos

"À procura do eu"

Reações: este trabalho consistia na elaboração do autorretrato de cada aluno. Verificámos um grande entusiasmo na realização desta atividade, por ser um trabalho diretamente relacionado com os alunos. Num momento inicial, fizeram uma reflexão sobre si próprios no sentido de descobrir a sua verdadeira identidade. Denotamos que os alunos desenvolveram este trabalho de forma muito especial, foram manifestando um certo contentamento e uma elevada atenção aos pormenores, deram também bastante relevo às sombras, obtendo toda a expressividade do rosto.

A técnica aplicada neste trabalho, os lápis de cor, é já muito conhecida dos alunos, no entanto, nem sempre conseguiram explorá-la da melhor forma, pois esta técnica requer muita paciência, constatamos que apesar de algumas dificuldades os alunos corresponderam ao que lhes foi pedido, pintando em várias camadas e misturando as cores, no sentido de retirar o melhor proveito dos lápis de cor.

O resultado final é visível nas imagens abaixo patentes, foram trabalhos que resultaram muitíssimo bem e onde a personalidade de cada aluno está figurada.

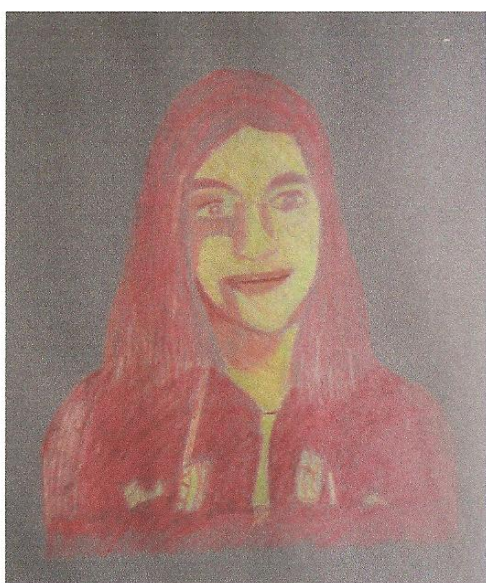


Fig. 1

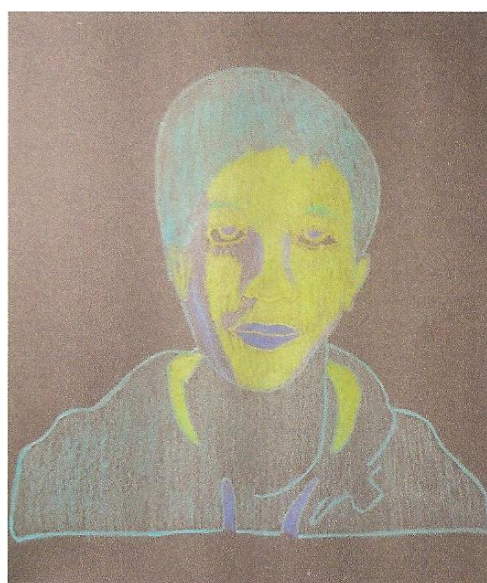


Fig. 2

Reações dos alunos

“À procura do eu”



Fig. 3



Fig. 4

Anexo 21 - Planificação das atividades extracurriculares



<p>Realização da atividade: 2º período</p> <p>Meta a atingir: Descobrir o verdadeiro significado de cada rosto</p>	<p style="text-align: right;"><i>Ano Letivo 2012/2013</i></p> <p style="text-align: center;">Planificação: Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda</p>
--	--

Objetivos	Descrição das Atividades	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar a importância do conhecimento do rosto humano na descoberta da personalidade e carácter; • Sensibilizar para a estética, possibilitando o contacto com espaços culturais e paisagísticos diferentes do que fazem parte do seu quotidiano; • Analisar retratos e autorretratos de diversos autores, desenvolvendo capacidades de observação e compreensão; • Desenvolvimento da capacidade de expressão, perceção, intervenção e a capacidade de utilizar meios de expressão visual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visita à Fundação Cupertino de Miranda; • Apresentação sobre a temática do rosto humano; • Análise e observação de alguns retratos existentes nas coleções da Fundação; • Trabalho prático sobre o rosto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e empenho dos alunos; • Comportamento e relacionamento com os outros.



<p>Realização da atividade: 2º período</p> <p>Meta a atingir: Aprofundar os conhecimentos a nível do desenho do rosto</p>	<p>Ano Letivo 2012/2013</p> <p>Planificação: Workshop de Caricaturas de Onofre Varela</p>
---	--

Objetivos	Descrição das Atividades	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar que o desenho também é ensinável e requer como qualquer outra disciplina uma prática diária; • Descobrir o que está por detrás do rosto caricaturado; • Executar caricaturas de diversas personalidades; • Promover a socialização entre os alunos das diferentes turmas e entre estes e os professores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar através de fotografias as caricaturas de René Descartes, Albert Einstein e Samuel Beckett. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e empenho dos alunos; • Comportamento e relacionamento com os outros.

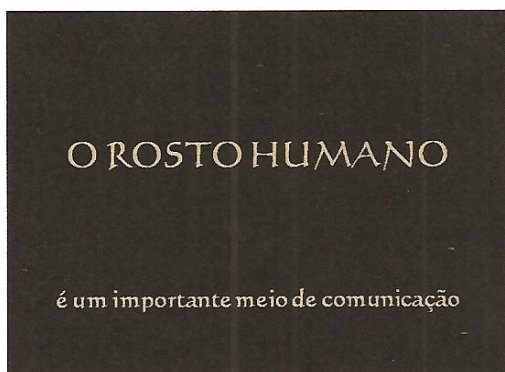


<p>Realização da atividade: 3º período</p> <p>Meta a atingir: Criar uma aproximação ética entre seres</p>	<p><i>Ano Letivo 2012/2013</i></p> <p>Planificação: Intervenção no espaço escolar</p>
---	--

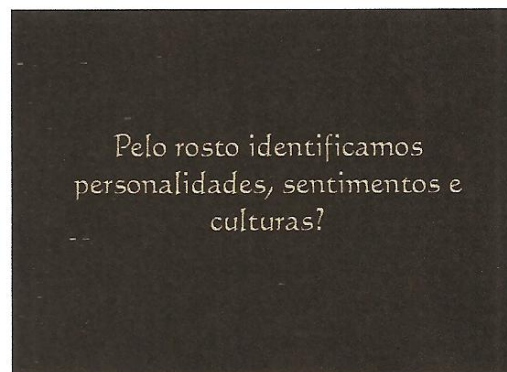
Objetivos	Descrição das Atividades	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um espaço de encontro com o rosto humano numa interação ética; • Adotar uma postura assertiva e cordial no relacionamento com os outros; • Desenvolver a aprendizagem de novas técnicas e contactos com novos materiais e suporte; • Realizar atividades de forma autónoma, criativa e responsável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reprodução em dois bancos situados no exterior da escola, da obra de Amadeo de Souza Cardoso – “Sem Título (Retrato de Paul Alexandre?) de 1917”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e empenho dos alunos; • Comportamento e relacionamento com os outros.

Anexo 22 - Apresentação: o rosto humano

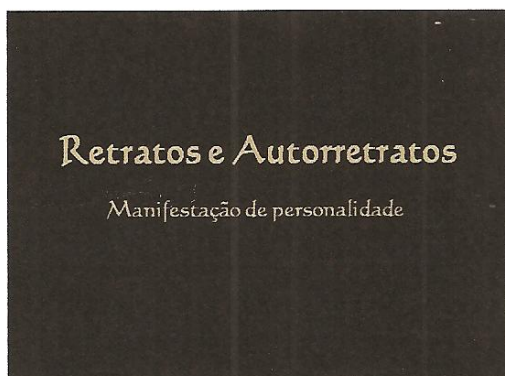
Esta apresentação multimédia pretendeu suscitar nos alunos um despertar para o tema do rosto humano, incentivando a curiosidade e vontade de um aprofundamento e descoberta da temática referida, através da seleção de algumas obras (retratos e autorretratos). Conseguiu-se que os alunos manifestassem a sua opinião e mostrassem a sua visão relativamente a cada retrato. Apesar das dificuldades em explicar cada retrato, notámos uma participação muito ativa na procura e descoberta do verdadeiro significado de cada rosto.



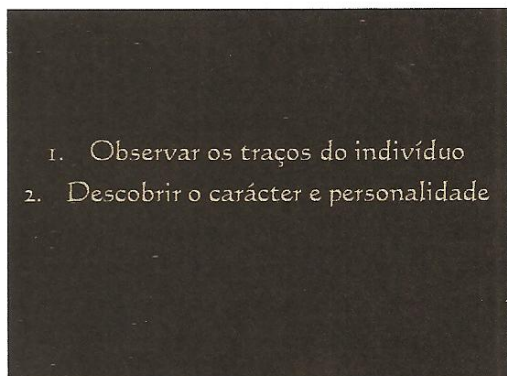
1 - Esta apresentação começou com uma breve referência à importância do rosto. Foi referido que o rosto é um meio de ligação ao outro, através de gestos de amizade, amor e solidariedade, sendo necessário estarmos atentos ao que o rosto nos quer transmitir para o podermos compreender.



2 - Posteriormente foi colocada a questão que se encontra no slide. Os alunos manifestaram algumas ideias: afirmaram que é possível a identificação dos fatores referidos através da análise do rosto. Um dos fatores mais citados esteve relacionado com as expressões; de alegria, tristeza, medo, raiva e surpresa.

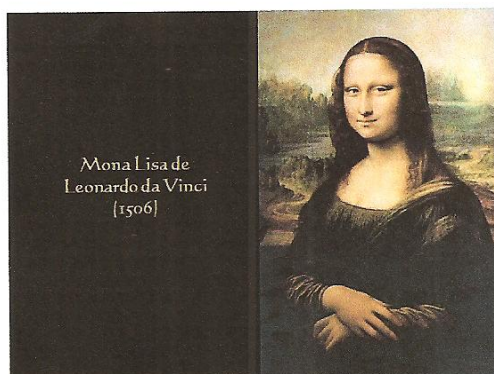


3 - Nesta fase, fez-se uma introdução ao retrato e autorretrato, transmitindo-se o significado de cada tema e a sua evolução ao longo da história. Mostrou-se também a importância destes para o conhecimento a nível antropológico dos indivíduos.



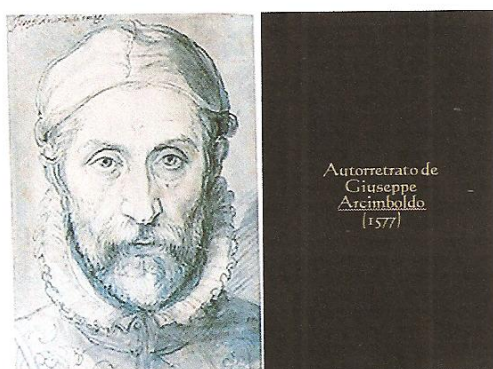
4 - Através da análise dos retratos e autorretratos foi referido aos discentes a importância da descoberta do verdadeiro significado de cada rosto, para isso é necessário observar os traços do rosto do indivíduo com muita atenção.

Procedeu-se então à análise de vários retratos e autorretratos escolhidos para o efeito.



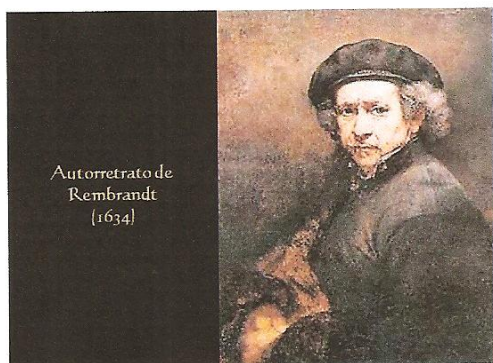
5

O tão emblemático retrato de Mona Lisa era já conhecido pela maior parte dos alunos. Referiram que este rosto era misterioso, o olhar da mulher era imponente, porque em qualquer posição que estivesse o observador estava sempre a ser observado, pois todos os alunos que participaram e que estavam em pontos diferentes da sala fizeram referência a esse facto.



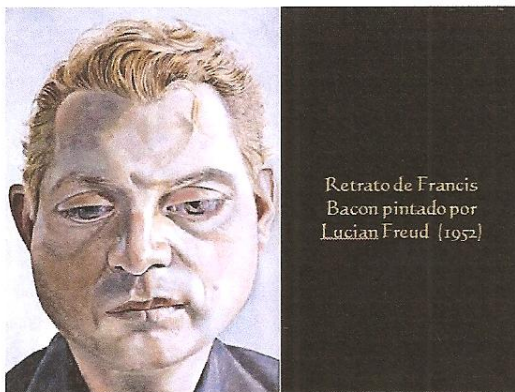
6

Este autorretrato de Arcimboldo foi identificado pelos alunos como sendo de um homem com uma personalidade forte, com objetivos bem definidos e de saber exatamente o que quer, manifestando ter uma cultura elevada devido à roupa que vestia e ao cuidado do cabelo e da barba. No entanto, a sua parte emocional não era visível e por isso retrataram-no com superficialidade.



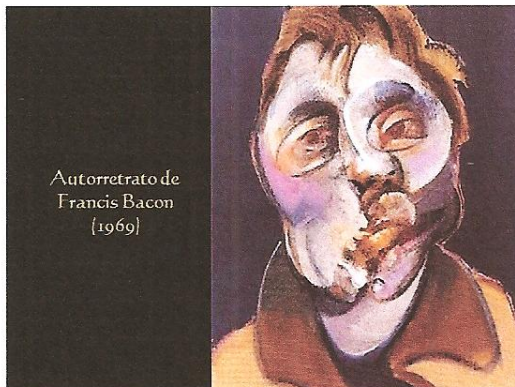
7

Apesar do seu aspeto cuidado, os alunos acharam que este pintor manifestava preocupação. Os olhos tristes de sofrimento de Rembrandt foram mencionados pela maior parte dos alunos, no entanto, muitos acharam que transmitiam uma certa calma e pareciam querer dizer alguma coisa.



8

Grande amigo de Francis Bacon, Freud gostava de pintar pessoas que conhecia bem, para poder mostrar a verdadeira personalidade de cada retratado. Para os alunos este rosto tem duas partes distintas, metade do seu rosto está triste e a outra agressiva, repararam no lábio superior e o olho do lado direito que está mais levantado. Apesar destas duas partes que deixaram os alunos um pouco confusos, sem saber muito bem definir o seu estado emocional, no entanto, existe um fator que é comum às duas partes, o seu olhar, este manifesta tristeza, estando envolvido nos seus pensamentos como estivesse completamente só.



9

Aqui mostra-se um rosto deformado. Os alunos ficaram um pouco chocados, pois para eles dá a sensação que o rosto está a desaparecer ou a transformar-se. Quando perceberam que este autorretrato era a mesma pessoa que tinham visto no retrato anterior não conseguiram depreender o porquê de Bacon se ter autorretratado desta forma. Foi um pouco difícil que retirassem alguma coisa da sua personalidade, a única coisa que os alunos disseram de Bacon, é que este era uma pessoa que talvez quisesse mostrar todos os seus sofrimentos.

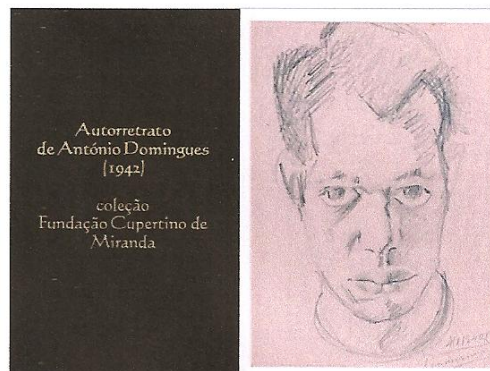
Foram mostrados aos alunos alguns retratos pertencentes à coleção da Fundação Cupertino de Miranda, de uma exposição que foi realizada em 2010 denominada "Retratos", tendo sido seleccionadas quatro, das cerca de oitenta obras relativas à pintura, desenho, escultura e fotografia, para serem analisadas pelos discentes.

Estes retratos foram analisados pelos alunos ao nível da expressão e da profundidade da própria personagem aí retratada, examinando os aspetos físicos, psicológicos e emocionais. Esta abordagem teve como principal fundamento levar os alunos a observar e refletir sobre cada personagem ali retratada.



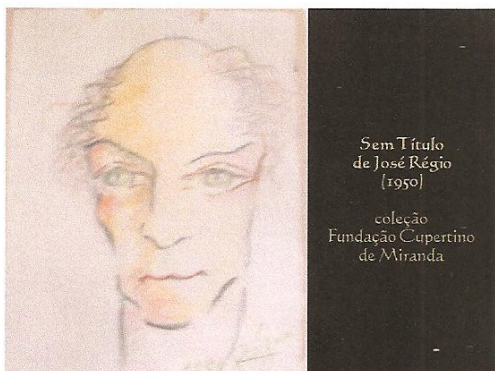
- 10 - Destas oitenta obras foram escolhidas quatro retratos da autoria de: António Domingues, José Régio, João Rodrigues e Philip West.

Os alunos após observarem cada um dos retratos da coleção da Fundação Cupertino de Miranda deixaram alguns testemunhos bastante pertinentes.



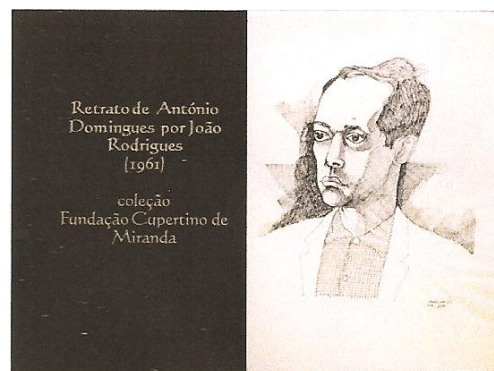
- Fig. 11 - Grafite sobre papel, doação Cruzeiro Seixas.

Para os alunos este autorretrato manifesta tristeza retratada nos seus olhos, referiram também o facto de estar com a cabeça inclinada para baixo, que pode refletir alguma timidez.



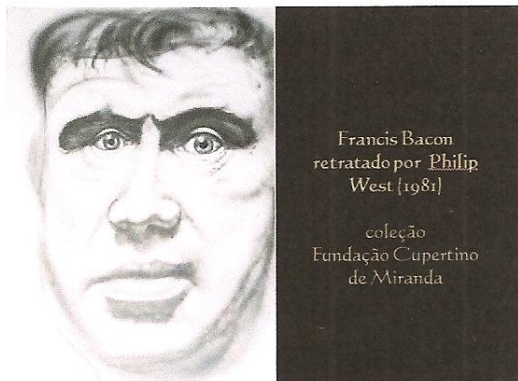
- 12 - Lápis de cor sobre papel, ex-colecção Cruzeiro Seixas, doação Eng. João Meireles.

Este retrato segundo os discentes apresenta-se com uma grande expressividade, tenta esboçar um sorriso, parecendo um homem amável e comunicativo, os seus olhos transparecem sinceridade e confiança.



- 13 - Marcador sobre papel, ex-colecção Mário Cesariny.

A tristeza imposta no retrato do slide 11 é aqui também retratada, curiosamente, os alunos referiram de imediato esta característica, não se apercebendo que já tinham visto António Domingues. Estes dois exemplos foram escolhidos com o intuito dos alunos tentarem perceber a própria personalidade de Domingues. O autorretrato e o retrato mostram ou não a verdadeira personalidade deste rosto? Os alunos afirmaram que sim, acharam uma pessoa introvertida e de poucas falas, ou seja, uma pessoa pouco sociável.



14 - Acrílico sobre papel (aerógrafo), ex-coleção Mário Cesariny.

Este retrato mostra outra abordagem de Francis Bacon, aqui pretendeu-se demonstrar aos alunos que cada artista tem a sua forma especial de retratar. No entanto, as nossas expressões variam consoante o nosso estado emocional e psicológico, num dia estamos tristes, outro alegres, e portanto, a nossa imagem muda. A idade é outros dos fatores que transforma o nosso rosto, este retrato tem mais 29 anos que o que vimos no slide 8.

Os alunos referiram que este retrato fixa-nos com um olhar profundo, não sabendo muito bem o que está a pensar, denotaram alguma preocupação no rosto.

Estes trabalhos de desenho, pintura e fotografia são uma contribuição pedagógica muito positiva na construção do ser humano. As variadas referências expostas nesta apresentação irão influenciar toda a conduta interior dos discentes, não só a nível cultural, mas a nível emocional, psicológico e moral.

Esta porta que se abriu para o tema do rosto humano, serviu para que os alunos pudessem começar a captar de forma mais atenta o rosto em todas as suas vertentes e significados.

Anexo 23 - Reações e testemunhos dos alunos - Visita de estudo

Reações e testemunhos dos alunos

Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda

Reações: observámos durante a realização desta visita de estudo as reações dos alunos, registando atenção e concentração aquando da apresentação do tema do rosto (figura 1). Inicialmente, mostraram-se reservados, mas com o decorrer do tempo participaram mais ativamente, chegando mesmo a colocar questões pertinentes. Notámos também uma certa curiosidade pelo tema, e pela descoberta do significado de cada rosto, aquando da fase de análise dos retratos e autorretratos apresentados na figura 2.

Relativamente ao trabalho prático, os alunos manifestaram bastante vontade em participar, alguns de forma eufórica. Os discentes executaram o trabalho com muita satisfação e tiveram toda a liberdade para poderem explorá-lo conforme pretendessem. Apesar do entusiasmo, constatámos uma grande concentração, como se pode verificar nas figuras 3, 4, 5 e 6. De referir ainda, que os alunos com problemas de indisciplina nos surpreenderam realizando o trabalho com empenho.

Este trabalho, além de motivador para os alunos, foi uma oportunidade de diagnosticarmos, ao nível técnico, o alcance do mesmo. Verificámos que, apesar das dificuldades no desenho do rosto humano, foi notória alguma expressividade, comprovada num pormenor do painel na figura 7.

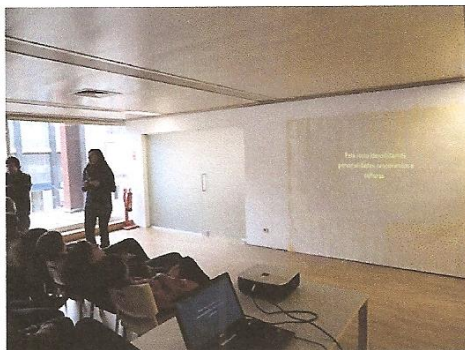


Fig. 1 - Apresentação sobre a temática do rosto



Fig. 2 - Análise de retrato

Reações e testemunhos dos alunos

Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda



Fig. 3 – Trabalho prático – pormenor de um desenho do rosto

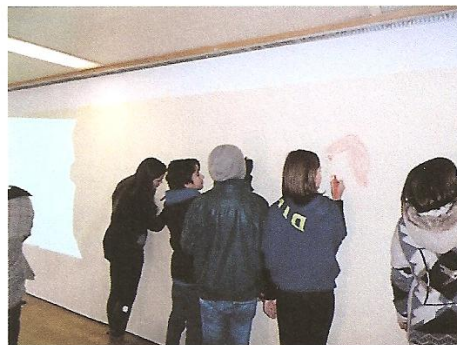


Fig. 4 – Trabalho prático- participação ativa dos alunos



Fig. 5 – Trabalho prático- desenvolvimento



Fig. 6 – Trabalho prático – fase final

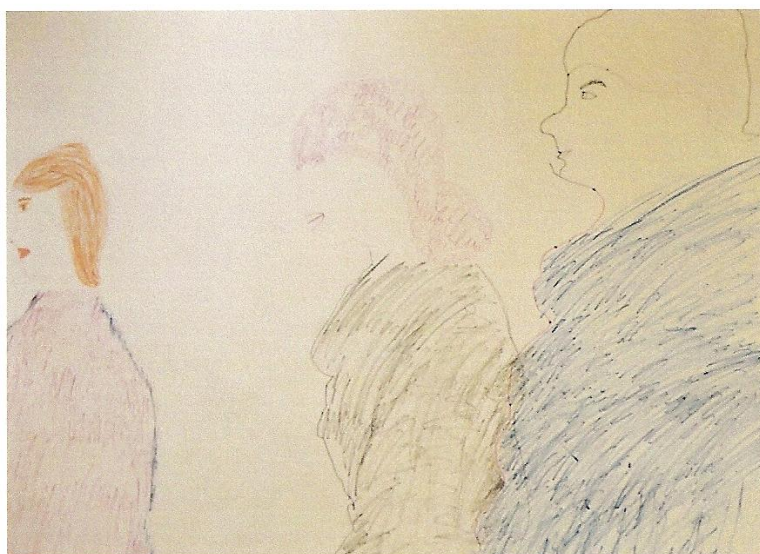


Fig. 7 – Trabalho finalizado – Pormenor

Reações e testemunhos dos alunos

Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda

Testemunhos: recolhemos alguns depoimentos de alunos presentes na visita de estudo.

Aluno 1: “Adorei a visita de estudo ao museu, a apresentação do rosto e do trabalho prático. O único museu onde eu estive foi em Amarante, no museu de Amadeo de Souza Cardoso e não tive atividades como estas.”

Aluno 2: “Foi a primeira vez que vim a um museu e gostei muito.”

Aluno 3: “O que eu gostei mais foi do trabalho no papel de cenário, nunca tinha feito um trabalho como este. Também gostei de conviver e trabalhar com os meus colegas.”

Aluno 4: “Gostei da explicação dos retratos que a professora mostrou, já conhecia alguns como a Mona Lisa mas não sabia o seu significado.”

Aluno 5: “Adorei o museu e as atividades que fiz lá, gostava de conhecer mais museus.”

Aluno 6: “Fiquei com curiosidade no tema do rosto humano, apesar de ter gostado de tudo na visita, a apresentação e o trabalho foi o que gostei mais, estou ansiosa por ter aula de educação visual para saber mais sobre o rosto. ”

Reações e testemunhos dos alunos

Workshop de caricaturas

Reações: Observámos durante a realização desta atividade as reações dos alunos perante tudo o que foi proposto e o entusiasmo foi um dos efeitos mais imediatos. Foi também evidente, a satisfação dos alunos com os resultados obtidos: os trabalhos ficaram extremamente elucidativos na identificação das personagens, como se pode constatar nas figuras abaixo retratadas.

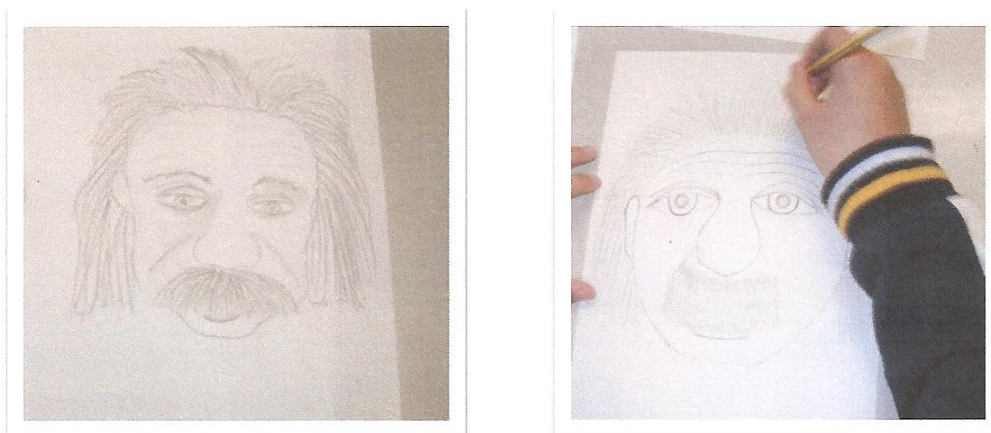


Fig. 1 – Caricaturas de Albert Einstein

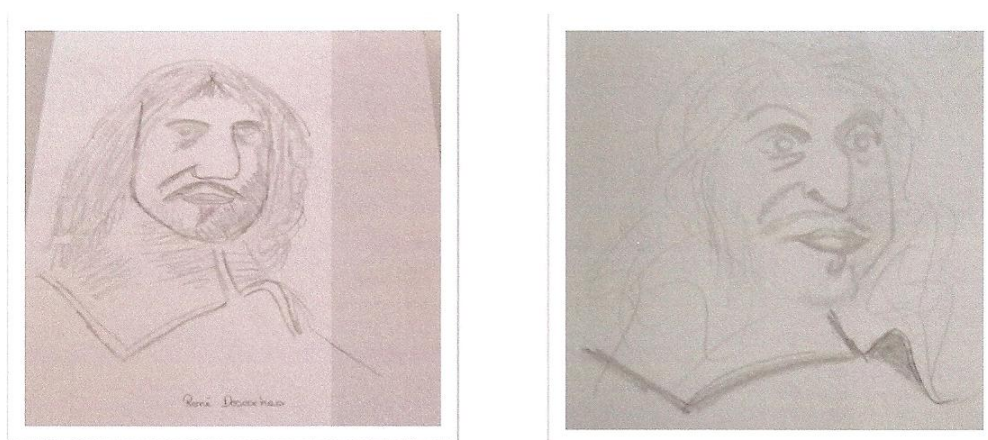


Fig. 2 - Caricaturas de René Descartes

Reações e testemunhos dos alunos

Workshop de caricaturas

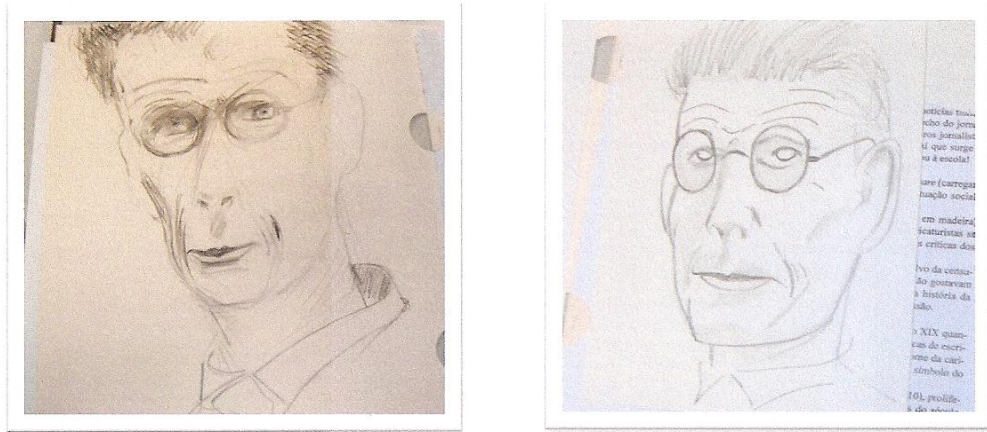


Fig. 3 - Caricaturas de Samuel Beckett

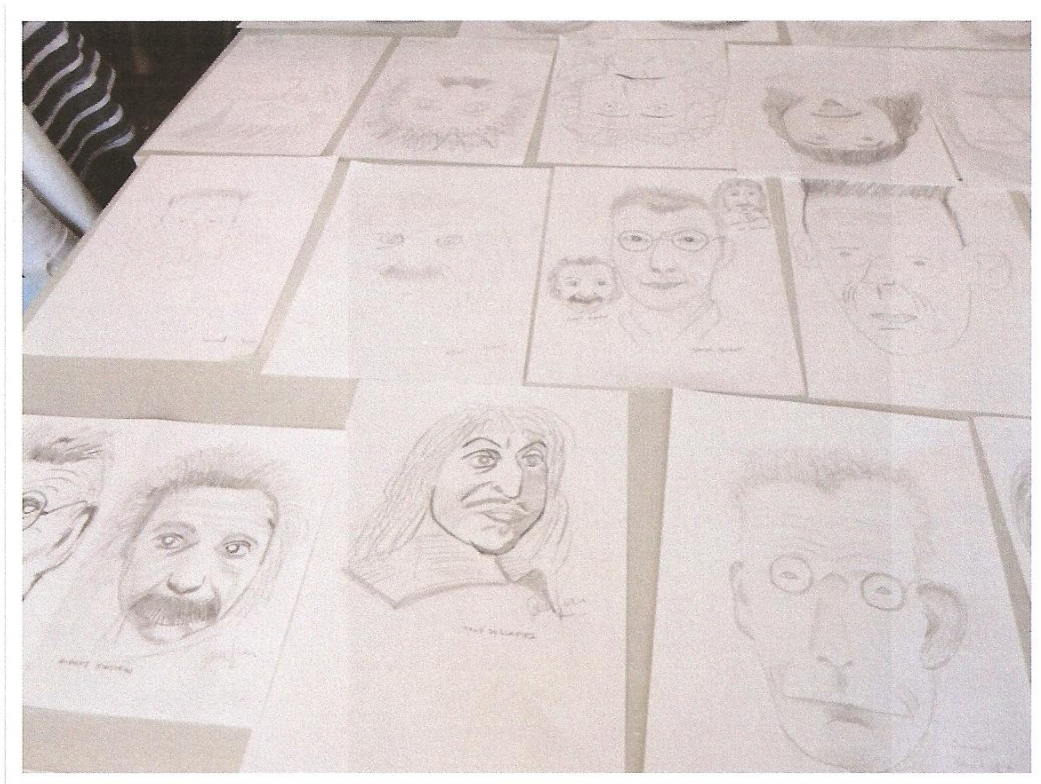


Fig. 4 - Alguns resultados finais

Reações e testemunhos dos alunos

Workshop de caricaturas

Testemunhos: recolhemos alguns depoimentos de alunos presentes no workshop de caricaturas.

Aluno 1: “Foi uma atividade muito divertida, os trabalhos ficaram muito parecidos com as fotografias.”

Aluno 2: “Tenho algumas dificuldades no desenho, mas até foi fácil de desenhar as personalidades.”

Aluno 3: “Gostava de repetir a experiência outra vez, adorei.”

Aluno 4: “De todas as atividades que já participei foi a que mais gostei, gosto muito de desenhar mas pensei que era mais difícil desenhar um rosto.”

Aluno 5: “Gostei do workshop e de trabalhar ao lado dos professores, não pensava que os desenhos fossem tão bons. Quando fui para casa estive a fazer mais desenhos de rostos.”

Aluno 6: “Achei uma experiência muito interessante, aprendi a desenhar melhor este tipo de desenho (caricaturas), gostei muito da presença do caricaturista.”

Anexo 25 - Inquérito e avaliação dos resultados – Workshop de caricaturas

Inquérito

“Workshop de caricaturas”

Sexo: M F

1. Interesse da atividade

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

2. Organização da atividade

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

3. Duração da atividade

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

4. Explicação dos conteúdos

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

5. Como avalias o resultado do teu trabalho

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

6. De que forma esta atividade contribuiu para reforçar a aprendizagem sobre o tema do rosto

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

7. Apreciação global

1 2 3 4
Não satisfaz Excelente

Obrigada pela tua colaboração

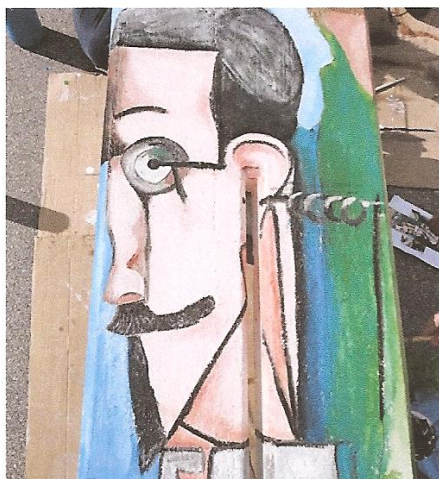
Avaliação dos resultados - Inquérito “Workshop de caricaturas”

Foi analisado o inquérito sobre o Workshop de caricaturas, pelo que concluímos que a atividade foi de grande interesse para os alunos uma vez que estes consideraram a atividade excelente. Fazendo a análise por questão aferimos que a atividade foi avaliada pelos alunos entre o satisfaz bem e o excelente. Os resultados detalhados apresentam-se no quadro abaixo.

Resultados do inquérito da atividade - Workshop de caricaturas							
Perguntas	1	2	3	4	5	6	7
Avaliação (n.º de respostas)							
1	0	0	0	0	0	0	0
2	0	0	0	0	0	0	0
3	6	3	10	2	7	0	2
4	19	22	15	23	18	25	23
Avaliação média (1-4)	3.8	3.9	3.6	3.9	3.7	4	3.9

Reações e testemunhos dos alunos

Intervenção no espaço escolar



Um encontro com o rosto humano

Reações: A intervenção no espaço escolar foi uma atividade que suscitou bastante curiosidade na comunidade educativa, principalmente por ser realizado no espaço exterior da escola e ser perceptível a quem frequenta esse espaço.

Existiu uma grande interatividade humana entre alunos, professoras que estiveram a fazer a intervenção artística e os vários elementos da comunidade presentes. Aferimos que estes demonstraram bastante respeito pelo trabalho que estava a ser desenvolvido, valorizando os alunos pelo empenho empregue nesta atividade. O diálogo que se estabeleceu durante esta atividade foi bastante benéfico, alicerçando uma aproximação entre todos os elementos presentes.

Os discentes mostraram uma disponibilidade e uma entrega completa ao trabalho e foram aos poucos adquirindo firmeza na técnica da pintura, como podemos ver na sequência das figuras apresentadas. Foi sem dúvida uma evolução bastante positiva, não só pelo resultado final que se pode ver na figura 9, mas pelo ambiente que se criou em redor deste trabalho e pelo clima de respeito, de interação, de harmonia e de aproximação entre todos os elementos integrantes. Algo aqui, justamente, conectamos com o modo como fomos propondo a abordagem do tema do nosso trabalho de fundo: o desenho do rosto na sua significação ampla.

Reações e testemunhos dos alunos

Intervenção no espaço escolar



Fig. 1 – Início do trabalho – Marcação do desenho



Fig. 2 – Execução do primeiro banco – Realização do rosto



Fig. 3 – Desenvolvimento do trabalho



Fig. 4 – Finalização do primeiro banco



Fig. 5 - Início do segundo banco



Fig. 6 – Pintura: mistura de cores

Reações e testemunhos dos alunos Intervenção no espaço escolar



Fig. 7 – Realização das sombras e pormenores



Fig. 8 - Finalização do segundo banco



Fig. 9 – Resultado final

Reações e testemunhos dos alunos

Intervenção no espaço escolar

Testemunhos: recolhemos alguns depoimentos de alunos presentes na intervenção.

Aluno 1: “Foi das atividades que mais gostei, fiquei a conhecer mais pessoas da escola, fiz amizades.”

Aluno 2: “Gostei imenso pois foi uma excelente experiência, gostei muito de pintar os bancos, foi tudo muito bem organizado, e muito divertido ver a evolução dos bancos, foi muito bom.”

Aluno 3: “Nunca tinha pintado em pedra, pensei que era mais difícil, aprendi que o importante é saber misturar as cores e principalmente ter a ajuda dos colegas e professores.”

Aluno 4: “Foi uma atividade que mexeu com muita gente, houve muito convívio entre todos, muitas sugestões e muitas ideias. Foi mesmo muito agradável.”

Aluno 5: “Fiquei a conhecer esta obra de Amadeo de Souza Cardoso, além de ter aprendido a técnica de pintura também convivi com os meus colegas.”

Aluno 6: “Foi muito bom porque todos participaram, até colegas de outras turmas quiseram experimentar, esteve também o diretor da escola a dar-nos os parabéns pelo trabalho. ”

Anexo 27 - Inquérito final

Inquérito Final “O Rosto Humano”

Este inquérito tem como objetivo avaliar o que aprendeste durante este ano letivo relativamente ao desenho do rosto humano.

1. O rosto humano é um forte meio de comunicação?

- a. Sim b. Não

2. O que aconteceu ao rosto na cultura pós-moderna?

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

- a. Individualidade/insatisfação
b. Valorização do aspeto interior
c. Culto da aparência
d. Perda de valores
e. Distância entre seres
f. Manipulação
g. Aproximação humana
h. Respeito, partilha e doação
i. Outra _____

3. O que aprendeste com o tema do rosto humano?

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

- a. A valorizá-lo e a respeitá-lo
b. A revelar e valorizar a vertente humana
c. A procurar o verdadeiro significado do rosto
d. A estabelecer uma relação de proximidade entre seres
e. A desenhar o rosto humano
f. Não consegui captar nada sobre o rosto
g. Outra _____

Inquérito Final

“O Rosto Humano”

4. Achas que o desenho é ensinável?

- a. Sim b. Não

5. Evoluíste no campo do desenho?

- a. Sim b. Não

6. Se sim, de que forma notaste a tua evolução?

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

- a. Aprendi a ver as formas
- b. Aprendi a desenhar o rosto humano
- c. Aprendi a criar o volume
- d. Aprendi várias técnicas de desenho
- e. Aprendi a usar diferentes materiais
- f. Outra _____

7. O que aprendeste a nível de técnicas e materiais?

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

- a. A misturar as cores
- b. A obter as sombras
- c. A adquirir expressividade
- d. A retirar todas as potencialidade do material
- e. Não consegui obter bons resultados
- f. Outra _____

8. Continuas a ver o rosto humano da mesma forma?

- a. Sim b. Não

Inquérito Final

“O Rosto Humano”

9. Qual é agora a tua visão do rosto humano? O que é realmente importante nesta sociedade?

(Podes assinalar apenas duas respostas)

- a. Rosto virado para a beleza física onde a beleza interior não é valorizada
- b. Rosto virado para o outro, onde possamos interagir e estabelecer uma relação ética de aproximação, valorização e respeito.
- c. Rosto onde possamos ir à descoberta do seu verdadeiro significado
- d. Rosto artificial e solitário onde habita a insatisfação e o egoísmo.
- e. Outra _____

10. Gostarias de continuar a trabalhar o rosto humano?

- a. Sim b. Não

11. Se sim, de que forma?

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

- a. Nas aulas de educação visual
- b. Em atividades de grupo
- c. Em atividades extracurriculares
- d. Interação com outras disciplinas
- e. Outra _____

Obrigada pela tua colaboração

Anexo 28 - Avaliação do inquérito final

Avaliação dos resultados – Inquérito final

“O Rosto Humano”

Foi analisado o inquérito final sobre o tema do rosto humano, pelo que concluímos que este projeto resultou positivamente, uma vez que segundo o inquérito existe oitenta e sete por cento de sucesso.

Fazendo a análise por questão aferimos que, cem por cento dos alunos consideram o rosto humano como um forte meio de comunicação, oitenta e cinco por cento conseguiu perceber o que a cultura pós-moderna está a provocar no rosto.

Oitenta por cento dos alunos conseguiram aprender que o rosto necessita de ser urgentemente valorizado e respeitado em todas as suas vertentes. Todos os alunos consideraram que o desenho pode ser ensinado e que existiu uma evolução considerável na sua aprendizagem na configuração do rosto, nas técnicas e materiais. Sessenta e seis por cento dos discentes consideraram que a aprendizagem dessas técnicas e materiais ajudaram na sua evolução em vários campos.

Teremos também de referir que cem por cento dos alunos já não veem o rosto da mesma forma, e que oitenta e oito por cento conseguiu mostrar a importância do rosto nas suas várias vertentes. Por fim noventa e dois por cento dos alunos gostariam de continuar este percurso e continuar a explorar este tema nas aulas de educação visual e em atividades extracurriculares.

Os resultados detalhados apresentam-se no quadro seguinte:

Avaliação dos resultados – Inquérito final
“O Rosto Humano”

Resultados do inquérito final – O rosto humano												
Perguntas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	Total %
Cotações	5	10	15	6	5	15	10	5	20	5	4	100
Aluno												
1	5	8	12	6	5	9	5	5	20	5	4	84
2	5	10	9	6	5	15	10	5	20	5	4	94
3	5	8	12	6	5	12	5	5	20	5	4	87
4	5	6	9	6	5	9	5	5	10	0	0	60
5	5	10	12	6	5	15	10	5	20	5	4	97
6	5	8	15	6	5	15	5	5	20	5	3	92
7	5	10	15	6	5	15	5	5	20	5	3	94
8	5	8	12	6	5	12	5	5	20	5	4	87
9	5	8	12	6	5	12	5	5	20	5	2	85
10	5	10	15	6	5	15	10	5	20	5	4	100
11	5	10	15	6	5	15	5	5	20	5	4	95
12	5	6	9	6	5	9	5	5	10	0	0	60
13	5	10	12	6	5	12	5	5	20	5	4	89
14	5	8	15	6	5	9	5	5	10	5	4	77
15	5	10	9	6	5	15	10	5	20	5	4	94
16	5	8	9	6	5	15	5	5	20	5	4	87
17	5	8	12	6	5	15	10	5	20	5	4	95
18	5	8	9	6	5	12	5	5	20	5	4	84
19	5	10	12	6	5	12	5	5	20	5	4	89
20	5	8	12	6	5	9	5	5	10	5	4	74
21	5	8	15	6	5	15	10	5	20	5	4	98
22	5	8	15	6	5	15	10	5	20	5	4	98
23	5	8	12	6	5	9	5	5	10	5	4	84
24	5	8	9	6	5	9	5	5	10	5	3	80
25	5	8	12	6	5	15	10	5	20	5	4	95
Avaliação média (%)	100	85	80	100	100	84	66	100	88	92	87	87

Anexo 29 - Avaliação da evolução do aluno

Grelha de observação

Evolução do aluno

Análise qualitativa		
Aluno	Início do ano	Fim do ano
1	Aluno com um grande déficit de atenção/concentração e bastante perturbador do normal funcionamento das aulas.	Mostrou sempre durante as aulas as mesmas atitudes, foram adotadas estratégias que ajudaram o aluno a atenuar o comportamento que manifestava, embora fosse um processo muito difícil, no entanto percebemos que existiu interesse e alguma evolução, constatamos que o aluno teve consciência dos seus atos e fez um esforço para os alterar.
2	Aluno interessado, participativo empenhado e responsável.	Este aluno mostrou sempre interesse e curiosidade em tudo que foi debatido nas aulas. Realizou os trabalhos com brio, explorando técnicas e materiais, procurando aplicar tudo o que lhe foi ensinado ao nível de conhecimentos e experiências, procurando interagir e ajudar os colegas.
3	Aluno interessado, mas pouco participativo e bastante tímido.	Mostrou uma grande criatividade, principalmente na intervenção do painel em madeira. O percurso deste aluno revelou ser muito positivo uma vez que conseguiu interrelacionar-se com os colegas o que foi uma experiência enriquecedora.
4	Aluno muito distraído e conversador. A sua falta de organização e responsabilidade condicionava bastante a sua aprendizagem.	Verificamos que este aluno teve grandes dificuldades em se concentrar o que não ajudou muito no processo, no entanto quando se empenhava revelava muita criatividade e um domínio bastante considerável nas técnicas mas também no relacionamento com os colegas.
5	Aluno empenhado, participativo e autónomo.	Realizou as propostas de trabalho, dominando técnicas e materiais. Verificamos um certo perfeccionismo em tudo que tentava desenvolver, passando para os colegas toda a sua sensibilidade e emoção.

Grelha de observação

Evolução do aluno

Aluno	Início do ano	Fim do ano
6	Aluno empenhado e muito interessado.	Ao longo do ano aferiu um grande empenho, organização e motivação na realização de tudo o que foi proposto. Existiu uma evolução positiva tanto a nível técnico como humano. Este aluno nutre de uma sensibilidade e companheirismo extraordinário o que ajudou muito na interação com os colegas mais problemáticos da turma.
7	Aluno interessado, autônomo, organizado e empenhado.	Demonstrou interesse e empenho ao longo do ano. Ultrapassou as dificuldades com bastante facilidade. Realizou todos os trabalhos com grande empenho, dominando técnicas e materiais, assumindo um papel interventivo junto dos colegas.
8	Aluno empenhado e interessado. A pouca autonomia revelada, condicionava a sua aprendizagem, contrabalançando porém com a sua vontade de aprender.	Notamos uma evolução considerável a todos os níveis. Surpreendeu-nos pelo esforço empregue em todos os trabalhos, sentimos que foi ganhando cada vez mais confiança em si mesmo, o que contribuiu para o seu crescimento artístico, cultural e humano. A sua timidez aos poucos foi desaparecendo, relacionando-se mais profundamente com os colegas e professores.
9	Aluno com bastante falta de atenção/concentração, com interesses divergentes aos escolares.	Revelou desinteresse na primeira fase das propostas de trabalho, não conseguindo concentrar-se. Porém, com o desenrolar dos trabalhos deixou que o seu lado emocional crescesse conseguindo alcançar uma qualificação positiva.
10	Aluno empenhado e com vontade de aprender, no entanto com graves lacunas, no desenho.	Durante o ano notamos com agrado a evolução deste aluno não só no que foi diagnosticado inicialmente, mas em todo o seu conjunto. Adquiriu alguma confiança com a ajuda de todos os intervenientes que integram este projeto.

Grelha de observação

Evolução do aluno

Aluno	Início do ano	Fim do ano
11	Aluno empenhado, participativo mas pouco autónomo.	Constatamos que este aluno desempenhou durante o ano letivo todas as tarefas com grande interesse e responsabilidade tentando sempre melhorar, atendendo às sugestões dadas pelos professores.
12	Aluno com falta de atenção e concentração, estando sempre bastante desatento.	Apesar das dificuldades em se concentrar, verificamos um esforço que foi sendo revelado através da sua postura na sala de aula e também com o sucesso dos trabalhos que foram desenvolvidos durante o ano.
13	Aluno desinteressado e perturbador com graves dificuldades a nível de concentração, relacionamento com os colegas, e falta de autoestima.	Este aluno apesar do caminho lento que teve que percorrer e de muitas dificuldades que foram surgindo, mostrou uma evolução bastante positiva, tanto ao nível de atitudes e valores, como a nível mais técnico. A nível cultural provou que conseguiu adquirir algum conhecimento com as intervenções que foi fazendo durante o ano.
14	Aluno muito empenhado, interessado, responsável, autónomo e já com uma certa maturidade a nível técnico e humano.	Durante todo o ano este aluno não mudou a sua postura, mostrando-se sempre interessado em aprender e saber mais, conseguiu evoluir em todas as vertentes, mostrou criatividade e explorou todos os elementos de expressão. Conseguiu ultrapassar o obstáculo timidez, convivendo mais afincadamente com os colegas.
15	Aluno interessado e autónomo, no entanto revela ser muito falador.	Demonstrou interesse e empenho ao longo das aulas, evoluindo gradualmente na vertente do desenho e a nível de atitudes, o que ajudou muito em todo o processo.
16	Aluno com um grande défice de atenção e concentração.	Este aluno conseguiu corresponder às expectativas superando as dificuldades encontradas, notou-se que a nível cognitivo existiu uma evolução considerável.

Grelha de observação

Evolução do aluno

Aluno	Início do ano	Fim do ano
17	Aluno pouco autónomo com graves dificuldades a nível de desenho, técnicas e materiais, apesar de interessado e empenhado.	Apesar do esforço empregue, a sua evolução foi muito pequena uma vez que este aluno possuía problemas graves ao nível artístico e técnico. O relacionamento estabelecido com os colegas e o espírito de entreatajuda que existiu foi muito importante para a evolução emocional deste aluno.
18	Aluno interessado e empenhado mas pouco participativo.	Ao longo do ano foi-se notando uma evolução bastante positiva no que concerne à vertente do desenho conseguindo superar os obstáculos. Notamos que tudo isso foi possível devido ao empenho deste aluno
19	Este aluno revelava uma falta de confiança e motivação relativamente à disciplina.	Ao longo do ano verificamos empenho e um esforço acrescido na realização das propostas de trabalho. Com o decorrer de desenvolvimento dos trabalhos, este aluno foi percebendo que os seus esforços estavam a dar frutos, o que serviu de motivação para continuar a evoluir positivamente.
20	Aluno interessado, participativo e responsável.	Este aluno mostrou sempre um grande empenho em tudo o que se propôs desenvolver, notou-se uma evolução, na expressão artística, no domínio de conhecimentos, técnicas e materiais como a nível emocional.
21	Aluno com algum interesse e empenho, mas bastante falador.	Verificamos uma grande evolução a nível do desenho e expressividade do rosto, conseguiu explorar bastante bem os materiais e as técnicas. Foi tomando consciência dos seus atos que interferiam negativamente no seu trabalho, tendo feito um esforço bastante considerável para alterar a sua postura.

Grelha de observação

Evolução do aluno

Aluno	Início do ano	Fim do ano
22	Aluno interessado, mas muito distraído.	Demonstrou sempre muito empenho o que ajudou na sua evolução e crescimento artístico. As dificuldades ao nível do desenho e de técnicas foram aos poucos superadas assim como a suas dificuldades nos relacionamentos emocionais.
23	Aluno distraído e conversador.	Demonstrou um empenho e motivação na realização de todos os trabalhos propostos. Este aluno conseguiu perceber a importância do rosto humano em todas as suas vertentes tanto humanas como culturais.
24	Aluno muito desconcentrado e falador.	Notamos alguma evolução no percurso deste aluno, no entanto temos consciência de que nem sempre mostrou empenho e interesse ao longo das aulas, apesar de todos os nossos esforços.
25	Aluno muito distraído e desconcentrado revelando no entanto, algum interesse.	Apesar de ter conseguido realizar os trabalhos propostos, poderia ter alcançado maior sucesso se estivesse mais concentrado nas aulas. Denotamos algumas dificuldades nas técnicas e materiais usadas.

Os números de identificação dos alunos aqui referidos são virtuais e não correspondem aos reais.

Nesta grelha de observação encontram-se apenas vinte e cinco alunos, porque não foi possível avaliar um dos alunos pelo facto de nunca ter comparecido às aulas, derivado a este ter uma doença grave do foro oncológico.

Grelha de observação

Evolução do aluno

Apreciação geral:

No início do ano notámos, além de dificuldades técnicas e materiais na realização do desenho do rosto humano, um forte défice no desenvolvimento da sensibilidade dos sentimentos. Isto deve-se principalmente ao facto de se ter vindo a assistir a uma transformação da sociedade, muitas vezes injusta e egoísta que tem vindo a manipular os valores. Estes valores assumem um papel muito importante no crescimento de todo o ser humano.

Ao longo do ano observámos a conduta dos alunos e verificámos que de um modo geral, evoluíram consideravelmente, ao nível das várias vertentes: do desenho, e nas suas atitudes e valores.

Teremos que referir o caso particular do aluno nº 13 referido anteriormente, com grandes problemas a nível comportamental, que manifestou uma considerável melhoria relativamente à vivência dos valores. No relacionamento com os colegas revelou progressivamente uma certa sensibilização e harmonia nas relações, quando anteriormente manifestava uma grande agressividade com todas as pessoas que o rodeavam. Por outro lado, mostrou um enriquecimento cultural ao longo da realização das atividades, principalmente com a ajuda da visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda, espaço museológico onde nunca tinha estado e que de certa forma lhe abriu as portas para um mundo que desconhecia. O aluno achou bastante interessante esta visita, teve a oportunidade de aprender e perceber a importância deste tipo de atividades culturais como forma de aprendizagem e evolução.

Analisámos outro caso que teve também uma evolução muito positiva (aluno nº10). Este aluno manifestava grandes lacunas relativamente ao desenho, as dificuldades deste aluno viam-se pelas simples linhas que traçava no papel e pela pressão exercida sobre o lápis. Porém, outras dificuldades condicionavam a aprendizagem deste aluno, tais como a falta de autonomia e autoestima e problemas de relacionamento com os colegas. Ora, é com grande satisfação que assistimos a uma crescente evolução a nível da técnica do

Grelha de observação

Evolução do aluno

desenho, mas principalmente na confiança que foi restabelecida com a ajuda de todos os intervenientes deste projeto, onde a componente emocional esteve sempre presente de forma a ajudar este aluno no seu desenvolvimento integral.

Concluindo, aferimos globalmente a nível da turma um crescimento cultural, técnico, artístico e humano em todos os alunos o que nos leva a concluir que o projeto foi bem-sucedido. Foram mudanças muito significativas principalmente a nível cultural e ético. Os alunos conseguiram envolver-se em todos os projetos em que os sentimentos mais verdadeiros vieram ao de cima, libertando-se de comportamentos que condicionavam bastante a sua aprendizagem. Estes encontros, ajudaram muito cada ser humano que participou nas atividades na nossa sala de aula, pois o desenvolvimento de cada ser humano depende muito das pessoas e experiências realizadas durante a sua vida, das relações de profundidade que se estabelecem, na procura de uma melhor qualidade de vida.